

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

LARISSA FABRICIO ZANIN

**FOTOGRAFIA E INTERAÇÃO: MODOS DE APRESENTAÇÃO DO
ADOLESCENTE E DA ESCOLA NO CIBERESPAÇO**

VITÓRIA
2012

LARISSA FABRICIO ZANIN

**FOTOGRAFIA E INTERAÇÃO: MODOS DE APRESENTAÇÃO DO
ADOLESCENTE E DA ESCOLA NO CIBERESPAÇO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação na linha de pesquisa Educação e Linguagens.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Moema Martins Rebouças

VITÓRIA

2012

LARISSA FABRICIO ZANIN

**FOTOGRAFIA E INTERAÇÃO: MODOS DE APRESENTAÇÃO DO
ADOLESCENTE E DA ESCOLA NO CIBERESPAÇO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor(a) em Educação.

Aprovada em 02 de outubro de 2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Moema Martins Rebouças
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Cleonara Maria Schwartz
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Sandra Ramalho e Oliveira
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Raimundo Martins
Universidade Federal de Goiás

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Z31f Zanin, Larissa Fabricio, 1982-
 Fotografia e interação : modos de apresentação do
adolescente e da escola no ciberespaço / Larissa Fabricio Zanin. –
2012.
 186 f. : il.

 Orientadora: Moema Martins Rebouças.
 Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

 1. Fotografia. 2. Semiótica. 3. Redes sociais on-line. I.
Rebouças, Moema Martins, 1957-. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

Ao meu, pai Mauricio Zanin, meu grande exemplo de vida.

A Anderson Borsoi, meu companheiro para toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Costumo dizer que tenho uma grande torcida celeste que nunca me abandona, está sempre presente, iluminando e abrindo os caminhos que decido trilhar. Nada mais justo do que meu primeiro agradecimento ser para eles. A Deus, Anjos e todos os espíritos de luz, os meus primeiros e mais sinceros votos de agradecimento. Dentre eles, há um de destaque, a chefe da torcida que nunca os deixa desanimar, minha mãe Rosa Maria, que, de onde estiver, tenho certeza de que se alegra com minhas conquistas. No plano terrestre são tantos e tanto para agradecer que me faltam palavras. À minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Moema Martins Rebouças, que desde a graduação me acompanha, me incentivando e me encorajando com seu exemplo a abraçar com todas as forças a árdua tarefa da docência e da pesquisa. Por ter abraçado a minha causa e apoiado as minhas escolhas, a ela, todo o mérito deste trabalho, e o meu “MUITO OBRIGADA” por ter me dado o privilégio de ter a sua presença em minha história. Ao meu pai, Mauricio Zanin, por apoiar as minhas escolhas e se alegrar com minhas conquistas, por ser o meu maior motivador e meu melhor exemplo. Ao meu esposo, Anderson Borsoi, pela compreensão e cumplicidade, e pela importância que dá aos meus projetos de vida. Ao meu irmão Erik, por me salvar em todos os momentos em que meu computador tentou me derrubar. A Cida e a meus irmãos, por acompanharem minhas batalhas e vibrarem com minhas vitórias. A minha grande amiga Adriana Magro, irmã que escolhi nesta vida, pelas palavras sábias nos momentos de desespero e por me tranquilizar nos meus surtos de ansiedade. A minha enteada Isabela, que de tanto se fotografar aguçou ainda mais meu desejo de compreender as significações desta prática. A querida Letícia Nassar, pela generosidade e apoio, por atender minhas ligações com uma voz sorridente, sempre disposta a ajudar. A amiga Maria Amélia Dalvi, pela disponibilidade e comprometimento na correção do meu trabalho. As colegas da turma 06 do Doutorado em Educação, por fazerem deste curso mais do que um espaço de formação, um espaço para criar laços. Aos meus alunos queridos, que acompanham a minha trajetória pelas redes sociais digitais e vitais. A todos do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, direção, equipe pedagógica, professores, alunos e pais, que possibilitaram a realização desta pesquisa. A Prof.^a Dr.^a Cleonara Maria Schwartz, ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço, a Prof.^a Dr.^a Sandra Ramalho e Oliveira e ao Prof. Dr. Raimundo Martins, por comporem a banca examinadora e contribuírem com a minha pesquisa e, por fim, a Skip e Penélope, os maiores companheiros de tese que tive nesses quase quatro anos.

“A graça de ainda sermos olhados quando não mais pudermos olhar, a ilusória e mágica imortalidade do colódio.” (Claude Roy)

RESUMO

A tecnologia da informação abriu caminhos para o compartilhamento das imagens e informações, proporcionando novas formas de sociabilidade por meio das chamadas redes sociais digitais. Dentro desse contexto, este trabalho propõe compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut e os modos como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns e na própria rede social digital, considerando os álbuns do Orkut como portadores de significações a partir das articulações que apresentam, sincretizadas nas linguagens que o formam: verbal e visual. Apresenta como referencial teórico os estudos atinentes à análise do discurso que permeiam a Semiótica Discursiva e os estudos acerca do regime de visibilidade e os regimes de interação e sentido propostos por Eric Landowski, dentre outras reflexões pertinentes à sociossemiótica. Reflete sobre o poder da imagem fotográfica e seu caráter de veridicção, e sobre questões inerentes à construção da identidade/alteridade por meio das práticas sociais vividas no ciberespaço.

Palavras-chave: Fotografia, Semiótica, Redes sociais.

ABSTRACT

Information technology has cleared the way for sharing images and information providing new forms of sociability through digital social networks. Within this context, this work proposes to understand the meanings of photographs of teenagers in Orkut albums and the ways that the school is presented by adolescents on these albums and digital social network itself, considering this albums on Orkut as carriers of meanings that presents from those articulations, in languages that syncretized form, verbal and visual. It presents as theoretical studies relating to discourse analysis that permeate the discourse and Semiotics studies about the scheme proposed by Eric Landowski visibility, among other relevants considerations to sociossemiótica. It also addresses questions about the power of the photographic image and the character of veridiction, beyond the issues inherent at the construction of identity / alterity through social practices experienced in cyberspace

Keywords: Photography, Semiotics Social, Networking.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Fotografia da instalação de Erik Kessels	16
Imagem 2 -	Página inicial dos álbuns	21
Imagem 3 -	Fotografia de um álbum	22
Imagem 4 -	Interação dos amigos da rede	22
Imagem 5 -	Alfredo Volpi, Vista de Itanhaém	39
Imagem 6 -	Alunas durante uma aula prática	57
Imagem 7 -	Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	58
Imagem 8 -	Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	58
Imagem 9 -	Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	58
Imagem 10 -	Detalhe da página do grupo “Cidadão Capixaba” da rede social Facebook	71
Imagem 11 -	Capas da revista Capricho	90
Imagem 12 -	Fotologs publicados na Revista Capricho	91
Imagem 13 -	Perfil no Orkut de um dos sujeitos da pesquisa	91
Imagem 14 -	Detalhe do álbum de um dos sujeitos da pesquisa	92
Imagem 15 -	Detalhe de um álbum do Orkut	94
Imagem 16 -	Fotografias utilizadas na roda de conversa	95
Imagem 17 -	Página de acesso ao Orkut	99
Imagem 18 -	Página de configurações pessoais do Orkut	102
Imagem 19 -	Página inicial de um perfil do Orkut	102
Imagem 20 -	Página inicial de um perfil do Orkut	103
Imagem 21 -	Detalhe do álbum do Orkut	107
Imagem 22 -	Álbum do Orkut	110

Imagem 23 -	Interações no álbum do Orkut	111
Imagem 24 -	Álbum do Orkut	113
Imagem 25 -	Interações no álbum do Orkut	113
Imagem 26 -	Álbum do Orkut	115
Imagem 27 -	Álbum do Orkut	115
Imagem 28 -	Interações no Álbum do Orkut	117
Imagem 29 -	Álbum do Orkut	118
Imagem 30 -	Álbum do Orkut	120
Imagem 31 -	Álbum do Orkut	121
Imagem 32 -	Álbum do Orkut	124
Imagem 33 -	Interações no álbum do Orkut	125
Imagem 34 -	Álbum do Orkut	126
Imagem 35 -	Interações no álbum do Orkut	127
Imagem 36 -	Álbum do Orkut	128
Imagem 37 -	Álbum do Orkut	129
Imagem 38 -	Álbum do Orkut	131
Imagem 39 -	Interações no Álbum do Orkut	132
Imagem 40 -	Álbum do Orkut	133
Imagem 41 -	Álbum do Orkut	134
Imagem 42 -	Interações no Álbum do Orkut	135
Imagem 43 -	Álbum do Orkut	136
Imagem 44 -	Detalhe da página inicial do Orkut	139
Imagem 45 -	Página da comunidade “Salesiano de Vitória-ES”	140
Imagem 46 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	142
Imagem 47 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	144

Imagem 48 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	145
Imagem 49 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	148
Imagem 50 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	149
Imagem 51 -	Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”	150
Imagem 52 -	Site Institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	153
Imagem 53 -	Detalhe do site institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	156
Imagem 54 -	Link para o portal educacional	158
Imagem 55 -	Página para login do sistema APS	158
Imagem 56 -	Detalhe da página do site institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória	163

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Participação em Redes Sociais	80
Gráfico 2 -	De qual(is) rede(s) social(s) participa(m)	80
Gráfico 3 -	Identificação quanto ao sexo	80
Gráfico 4 -	Identificação quanto à idade	80
Gráfico 5 -	Têm acesso à internet	81
Gráfico 6 -	Local de acesso à internet	81
Gráfico 7 -	Quantas vezes por semana acessa a internet	81
Gráfico 8 -	Monitoramento do acesso à internet pelos pais	81
Gráfico 9 -	Têm algum professor como amigo na rede social?	82
Gráfico 10 -	Alguma vez ouviu notícia ou presenciou um episódio ocorrido em alguma rede social que tenha gerado algum problema na escola	82
Gráfico 11 -	Descrição do episódio	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	32
2.1	SEMIÓTICA	32
2.1.1	Junção e união	32
2.1.2	Regimes de visibilidade	42
2.1.3	Regimes de interação	48
2.2	FOTOGRAFIA E CARÁTER DE VERIDICÇÃO	50
2.3	ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E ALTERIDADE NO CIBERESPAÇO	60
2.3.1	Identidade e alteridade	60
2.3.2	Ciberespaço	66
2.3.3	Cibercultura	73
3	METODOLOGIA	76
3.1	NA ESCOLA	78
4	NO ORKUT	98
4.1	PELOS ÁLBUNS DO ORKUT	105
4.1.1	Querer ser visto	108
4.1.2	Não querer não ser visto	122
4.1.3	Fazer ver, fazer saber	130
4.2	A ESCOLA NA REDE	138
4.2.1	Entre território e reterritorialização	159
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
6	REFERÊNCIAS	169
	APÊNDICES	173
	APÊNDICE A – Autorização da Direção da Escola	173
	APÊNDICE B – Autorização dos pais ou responsáveis	174
	APÊNDICE C – Questionário do aluno	185

1. INTRODUÇÃO

O universo fotográfico está em constante flutuação e uma fotografia é constantemente substituída por outra. Novos cartazes vão aparecendo semanalmente sobre os muros, novas fotografias publicitárias nas vitrines, novos jornais ilustrados diariamente nas bancas. (FLUSSER, 2002, p. 61)

Ao escrever a primeira edição de **Filosofia da caixa preta** em 1983, Vilém Flusser já questionava a extrema circulação e descarte das imagens fotográficas. Na epígrafe acima percebemos a preocupação de Flusser com o caráter efêmero assumido pelas imagens e como esta situação suscitava a urgência por uma filosofia da fotografia, por reflexões sobre aquilo que ele denominou de “Universo Fotográfico”.

Acusando o aparelho fotográfico de causar a “robotização da vida em todos os seus aspectos”, apresentou reflexões sobre como a ignorância do homem com relação à tecnologia fotográfica mecanizava os atos humanos e os tornava supostamente emancipados, livres dos pincéis tão necessários para a produção de imagens por meio da pintura. Neste caminho Flusser nos faz refletir sobre a criação da ideia de liberdade numa sociedade programada e centralizada pela tecnologia.

É possível imaginar o que Flusser diria sobre o contexto que estamos vivendo, a chamada “Era das imagens digitais”. Hoje, muito mais do que na década de 1980, a fotografia parece estar acessível a todos. Imagens fotográficas são produzidas o tempo todo e descartadas na mesma velocidade, sem pararmos para pensar no motivo de produzirmos tantas imagens.

Com o desenvolvimento da tecnologia da informação e a possibilidade de alterar as fotografias por meio de programas de manipulação de imagens, a sensação de liberdade de poder criar a imagem que quisermos do modo que desejarmos aumentou ainda mais. Retratar por meio de fotografias tornou-se uma obsessão entre todos, e sair às ruas e ver crianças, adolescentes e adultos com uma máquina fotográfica em mãos já é rotina.

A tecnologia da informação também abriu caminhos para o compartilhamento das imagens. As chamadas “Comunidades Virtuais” são criadas com o intuito de reunir pessoas, possibilitando outros modos de sociabilidade. Muitas delas são espaços exclusivos para a veiculação de imagens fotográficas, como o Flickr¹ e os mais variados formatos de Blogs². Somados aos sites dedicados à publicação única e exclusiva de fotografias encontra-se uma gama de sites de relacionamentos que possibilitam dentre os mais variados modos de socializar-se a veiculação de fotografias pessoais.

A circulação de imagens³ em redes sociais virtuais e sites específicos para veiculação de fotografia é tão grande que em 2011 o artista holandês Erik Kessels criou uma instalação só com fotografias postadas durante 24 horas no site Flickr. O objetivo do trabalho foi ilustrar de que modo as novas tecnologias facilitaram o uso da fotografia e levaram a uma inundação de imagens na vida moderna.

O artista conseguiu reunir 6 milhões de fotografias em apenas 24 horas de download. De acordo com Kessels, essas fotografias se apresentam como uma "... mistura público e privado, com coisas altamente pessoais sendo exibidas abertamente e sem um pingão de timidez⁴".



Imagem 1: Fotografia da instalação de Erik Kessels

¹ Flickr é uma rede social digital que permite aos seus usuários armazenar e compartilhar fotos.

² Blog é uma espécie de site que permite a divulgação de artigos, mensagens e imagens. Podem apresentar informações sobre determinado assunto ou funcionar como um diário *on line*.

³ Trataremos as fotografias ora como imagens ora como fotografias.

⁴ KESSELS, Erik. Instalação. Disponível em: www.estadão.com.br . Acesso em: 16 de novembro de 2011

Fonte: Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com>. Acesso em: em 09 de jan. 2012.
Sites como Orkut, Facebook e Twiter permitem a divulgação de um número amplo de imagens e contagiam milhares de pessoas a participar desse novo modo de relacionar-se, característico da Cibercultura, onde o que interessa é a facilidade e a velocidade de divulgação de informações, sejam elas públicas e/ou privadas.

Nesse contexto de desterritorialização, em que “estar em um lugar” não pressupõe necessariamente estar fisicamente, ou “ser alguém” não necessita ser fisicamente este alguém, vemos crescer a utilização dos sites de relacionamentos por muitos adolescentes que fazem dessas comunidades um espaço a mais para viver.

Além de se relacionar, a maioria dos adolescentes explora os sites de relacionamento para expor imagetivamente sua vida, tornando públicos os aspectos mais privados dela. Eles são assíduos usuários de redes sociais digitais e usam e abusam dos recursos dos álbuns virtuais, fazendo deles uma espécie de “diário visual”.

Ter um perfil em uma rede social digital com álbuns virtuais recheados de imagens de sua vida privada na internet tornou-se uma necessidade em nossa sociedade, principalmente entre os adolescentes, um fator determinante de inclusão social e digital. É lá que eles veiculam imagens pessoais, como autorretratos exibindo atributos físicos, fazendo poses, acreditando ser aquilo que mostram em suas fotografias, além de fotografias com grupos de amigos mostrando sua participação nas esferas sociais das quais fazem parte, ou querem fazer.

Dentre os mais diversos sites de relacionamentos existentes, selecionamos o Orkut, como lócus desta pesquisa. Dentre a gama de possibilidades de relações presentes nessa comunidade virtual, nos interessam os álbuns virtuais de adolescentes que participam desta rede, lugar onde dividem e organizam suas fotografias sob as mais diversas temáticas.

Os álbuns apresentam denominações variadas e neles as fotografias geralmente estão agrupadas por temas como: escola, família, amigos e autorretratos. Destes

álbuns, interessam à pesquisa aqueles que contenham autorretratos, retratos em grupo e os que de algum modo apresentam a escola.

A escolha desse objeto de pesquisa não foi aleatória. Durante toda a minha trajetória acadêmica trabalhei com leituras de imagens. Na graduação trabalhei com leituras e releituras de fotografias do fotógrafo capixaba Fábio de Mello Tancredi, que fez registros da cidade de Vitória nas décadas de 1930 e 1940. Já no mestrado, analisei as obras do artista francês Jean Baptiste Debret como documento histórico. Para o doutoramento, escolhi as fotografias adolescentes como objeto de estudo. A escolha pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, os adolescentes, surge pelo meu interesse com relação às práticas desse grupo, já que atuei durante algum tempo como professora nos ensinos fundamental e médio.

O interesse por pensar a fotografia surge desde a graduação, quando conheci as primeiras reflexões teóricas sobre esta linguagem. Ao estudar as mais variadas teorias sobre a fotografia interessou-me exatamente aquilo que Flusser define como “Universo Fotográfico”. Como esse mundo de imagens técnicas, criadas a partir de aparelhos que pouco dominamos, entram em nossas vidas e causam tanto *frisson* em nossa sociedade? Como essa tecnologia influencia a vida das pessoas e passa a contribuir com o processo de afirmação pessoal, construção de identidades e imaginários, principalmente entre adolescentes?

Interessava-me também entender o porquê desta necessidade de se fotografar e fotografar o mundo ao seu redor, uma rotina constante em minha trajetória durante o período em que atuei como professora da educação básica. O que determina as escolhas destes adolescentes quando fotografam ou quando são fotografados? Que critérios de escolha são utilizados quando vão veiculá-las na internet, se é que existe algum critério?

Surge assim o problema de pesquisa: **compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut, a partir de duas categorias de apresentação: os (auto)retratos e retratos de grupos como significantes de identidades/alteridades; e os modos de apresentação da vida escolar nesses**

álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns e na própria rede social digital.

A escolha por pensar as interferências das redes sociais digitais na escola surge de situações que vivenciei em uma instituição particular de ensino na qual trabalhei durante três anos. Um dos maiores problemas enfrentados pela escola era como lidar com as polêmicas criadas nas comunidades virtuais que envolviam os sujeitos daquela comunidade, principalmente alunos e professores.

Casos como fotografias de professores veiculadas em páginas da internet sem autorização dos mesmos e que de certo modo tinham um caráter depreciativo, ou até mesmo situações de bullying, nas quais os alunos difamavam a moral de seus colegas, não só assustavam a direção da escola como expunham a sua fragilidade de não saber como lidar com aquela situação, uma vez que já não faziam mais parte do território físico da escola, pela qual a direção era responsável, mas afetavam diretamente a territorialidade da instituição.

Essa então é uma questão que, de certo modo, perturba a escola e seus dirigentes (diretores, coordenadores, pedagogos): como lidar com a sua territorialidade no universo das novas tecnologias? Mesmo contando com páginas na internet, nas quais a instituição veicula informações e dados que de certo modo descrevem a escola do modo como ela quer ser vista, permitindo inclusive acessos às áreas internas por meio do chamado “tour virtual”, ou até mesmo o acompanhamento diário da vida escolar do aluno, ela ainda encontra dificuldade para lidar com os modos como os alunos a veem e a divulgam na internet. Por meio de fotografias e comunidades virtuais os alunos dão à escola um lugar no ciberespaço que nem sempre é o lugar em que ela desejaria estar, mas que dá a ver as significações que os alunos fazem dela.

Um fator que contribui para a situação exposta acima está diretamente relacionado às facilidades proporcionadas pelas tecnologias digitais, que não obrigam esses adolescentes a buscarem conhecimento técnico sobre fotografia ou mesmo se

preocuparem com o tipo de imagem que produzem de si mesmos, o que importa é ter uma câmera ou um celular para fotografar.

Enquanto a escola privada preocupa-se em buscar uma consultoria de marketing e propaganda para veicular como quer que os outros a vejam, levando em conta o modelo de aluno que enuncia, a única preocupação dos adolescentes é a composição, que geralmente não passa de dois planos: no primeiro plano está o adolescente e em segundo plano os espaços da escola, sendo poucas as variações.

Quando se trata de fotografias do tipo “autorretrato” as poses parecem remeter às fotografias de moda. Algumas imagens são modificadas por softwares de manipulação de imagens que possibilitam correções e interferências como alteração de cores, desfocagens propositais, inserção de legendas e montagens com várias fotografias em um mesmo arquivo.

Essas alterações nas imagens buscam sempre melhorar algo que não tenha saído como desejado no momento em que o adolescente se fotografou, ou até mesmo dotar-se de atributos físicos ou qualidades estéticas que ele não tem. É um modo de se apresentar e de ser reconhecido como ele gostaria de ser visto e reconhecido. Essas mudanças são definidas por Eric Landowski como de ordem “Cosmética”, ou seja, são reconstruções com o objetivo de “fazer o modelo *parecer* o que ele não é [...]”, mas que “representam” o modo como ele deseja ser visto (2004, p. 59). Por outro lado, essa busca constante pela imagem ideal apresenta-se como uma prática social de caráter narcisista. A autovalorização da própria imagem e os usos constantes dos efeitos cosméticos parecem reforçar a hipótese de que esses adolescentes estão sempre em busca de uma aprovação social.

Para ilustrar as afirmações acima, uma vez que estamos tratando de um objeto imagético, apresentamos abaixo o layout do álbum do Orkut. Em um álbum podem ser acrescentadas diversas fotografias. Os álbuns são geralmente divididos por temáticas, agrupando imagens que reiteram determinado tema (Imagem 2).

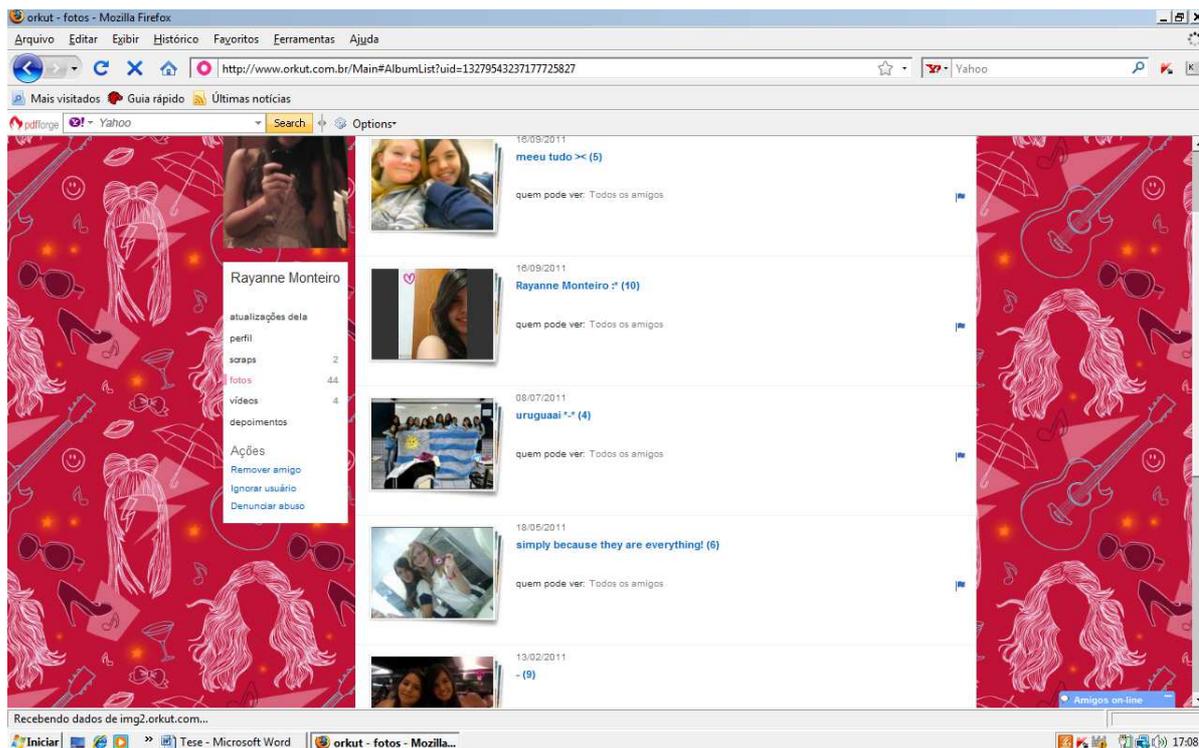


Imagem 2: Página inicial dos álbuns
Fonte: arquivo pessoal

Temos a opção de vê-las uma a uma como páginas individuais, podendo seguir em frente ou voltar para imagens anteriores apenas clicando nas setas localizadas acima da fotografia. As fotografias presentes nos álbuns do Orkut podem receber legendas ou não, que aparecem logo abaixo da imagem. Caso o usuário opte por não colocar legenda, aparece um texto automático do Orkut que diz “Foto de (nome do usuário)”. Além das legendas, os álbuns possibilitam a interação entre os amigos da rede: embaixo de cada foto há um espaço reservado para comentários. Essas mensagens aparecem como uma espécie de aprovação ou não do discurso ali enunciado (Imagem 3).

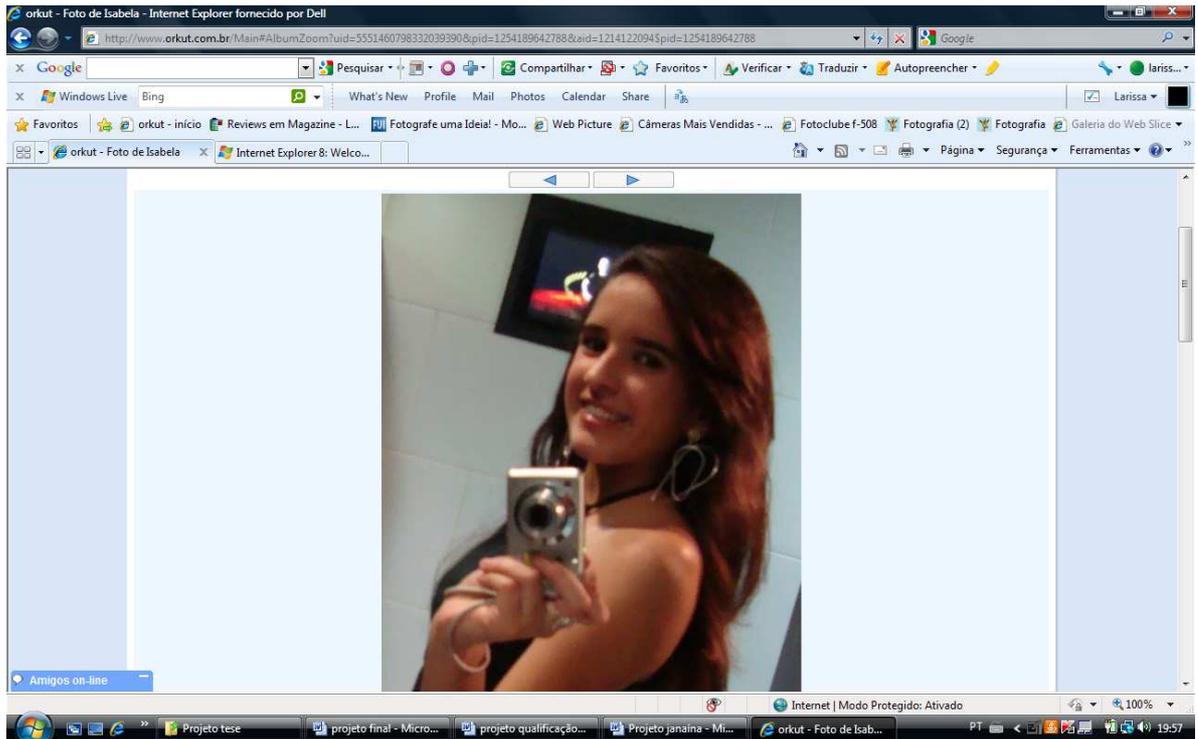


Imagem 3: Fotografia de um álbum
Fonte: arquivo pessoal

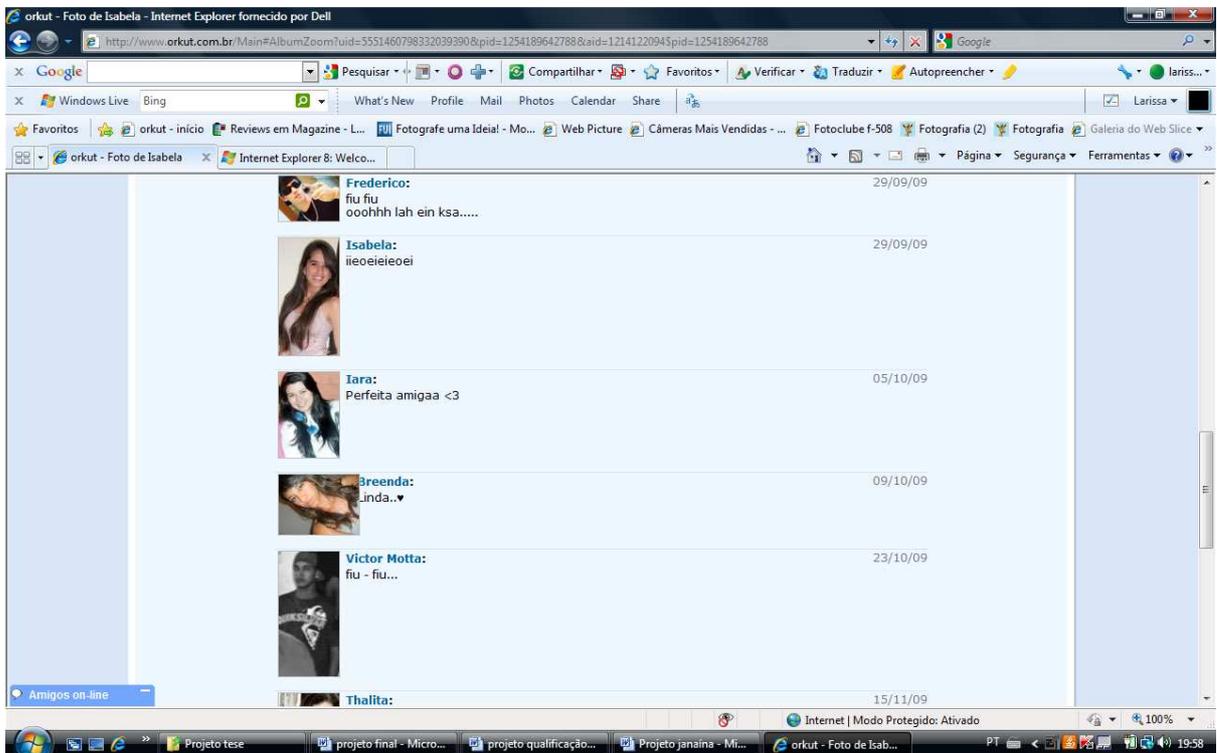


Imagem 4: Interação dos amigos da rede
Fonte: arquivo pessoal

Como apresentamos anteriormente, o estudo dessas fotografias que denominamos aqui de “fotografia adolescente” considera como hipótese que os álbuns do Orkut são portadores de significações e estas se constituem a partir das articulações que apresentam, sincretizadas nas linguagens que o formam: verbal e visual.

Para a realização da pesquisa e **compreensão dos sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut e os modos como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns e na própria rede social digital, partimos dos seguintes objetivos:** Identificar as significações presentes nesse tipo de prática social; Reconhecer os modos como estas fotografias constituem parte do processo de construção de identidade e alteridade destes adolescentes; Analisar como a escola é apresentada pelos adolescentes na rede social e como a escola se apresenta institucionalmente na internet. Uma vez que o conceito de identidade/alteridade apresentado é norteador das reflexões a serem realizadas, faz-se necessário compreender a sua significação a partir do que nos é apresentado no Dicionário de Semiótica⁵:

O conceito de identidade, não definível, opõe-se ao de alteridade (como “mesmo” a “outro”), que também não pode ser definido: em compensação, esse par é interdefinível pela relação de pressuposição recíproca, e é indispensável para fundamentar a estrutura elementar da significação. Por oposição à igualdade que caracteriza objetos que possuem exatamente as mesmas propriedades qualitativas, a identidade serve para designar o traço ou o conjunto de traços (em semiótica semas ou femas) que dois ou mais objetos têm em comum. Assim, quando se suspende uma oposição categórica – por exemplo pessoa/não-pessoa -, o eixo semântico que reúne os dois termos reaparece, é valorizado e sua manifestação provoca um efeito de identificação. Com isso, vemos o reconhecimento da identidade de dois objetos, ou sua identificação, pressupõe a alteridade, isto é, um mínimo sêmico ou fêmico, que os torna inicialmente distintos. [...] (2008, p. 251 - 252)

A partir do que nos ensina Greimas e Courtés, em diálogo com outros teóricos que refletem sobre a problemática da identidade na sociedade contemporânea, buscaremos nas fotografias dos adolescentes as construções de identidade, ou seja, os modos de identificação desse adolescente com um estereótipo ou com um grupo. Nesse norte, identificaremos também os significantes de uma possível alteridade, o

⁵ Teoria que se preocupa com o texto buscando compreender o que ele diz e como faz para dizer o que diz. (BARROS, 2007, p. 7).

que os distingue do referente, e se este referente sempre existe. Outra questão que esta pesquisa pretende responder é: Como a escola é apresentada nesses álbuns pelos adolescentes e como são estabelecidas as relações entre a vida escolar e a comunidade virtual?

Para dar encaminhamento à pesquisa iniciei uma busca por trabalhos que dialogassem com meu objeto de estudo no banco de teses e dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), não encontrei nenhum trabalho que tratasse diretamente do mesmo objeto que o meu, o que de certo modo justifica a relevância da investigação.

Parti então para uma nova pesquisa a partir de palavras-chave que compunham meu objeto de estudo, foram elas: Fotografia, Adolescência, Regimes de visibilidade, Orkut e Identidade/alteridade. Obviamente essas palavras são muito amplas e quando lançadas no banco de teses e dissertações da Capes me trouxeram centenas de trabalho que não dialogavam com o meu, exceto “Regimes de visibilidade e Orkut”. Para as outras, resolvi compor duplas de categorias para que fosse possível realizar uma seleção mais próxima do problema desta pesquisa. Formaram-se três duplas de palavras-chave: Fotografia Adolescente, Fotografia e Identidade, Adolescente e Identidade.

Após uma rigorosa seleção, em acordo com a orientadora, selecionamos cinco trabalhos que apresentavam temas que se aproximam do meu objeto e que de alguma forma contribuíram com a construção do referencial teórico desta pesquisa, sendo uma tese de doutorado e quatro dissertações de mestrado. A maior parte desses trabalhos apresenta a semiótica como referencial teórico e metodológico de análise e apenas um traz uma abordagem sociológica do tema.

Selecionamos os seguintes trabalhos para compor a revisão de literatura de nosso estudo: “Regimes de visibilidade e Construção de Simulacros: o auto-retrato contemporâneo – Lauer Alves Nunes dos Santos – PUC – SP, tese de doutorado”; “Fotografia e Construção de Identidade de Crianças no MST: O sentido vivido a partir de uma prática educativa – Rodrigo Rossoni - UFES, dissertação de

mestrado”; “As Interações No Orkut: Um Espaço Para A Produção Da Subjetividade De Adolescentes? – Janaína Ovídio De Carvalho – UFJF, dissertação de mestrado”; “Imagem e Identidade no ciberespaço: a significação social dos perfis do Orkut – Claudia Ribeiro da Silva – PUC – SP, dissertação de mestrado”; “Imagens De Narcisos Nas Prateleiras Do *Orkut* - Rogéria Eler – UFG, dissertação de mestrado”.

O trabalho de Lauer Alves Nunes dos Santos, denominado “Regimes de visibilidade e Construção de Simulacros: o auto-retrato contemporâneo”, investiga as estratégias enunciativas envolvidas na construção da identidade visual nas obras de autorretrato de artistas plásticos contemporâneos. Interessa-me no trabalho de Santos o modo como ele se apropria dos regimes de visibilidade propostos por Eric Landowski e da sociosemiótica como referencial teórico.

Outro ponto de diálogo entre a tese de Santos e a nossa relaciona-se com um dos aspectos utilizados na análise: “A construção de um enunciador enquanto simulacro figurativo”. Santos investiga a identidade dos artistas a partir das elaborações de autorretrato, uma manifestação artística que compreende a construção visual de um sujeito por ele mesmo, a partir da perspectiva semiótica como teoria de significação.

Um de nossos recortes dentre os álbuns presentes no Orkut é os que apresentam os autorretratos dos adolescentes que, não são construções literalmente figurativas, como nos casos dos artistas, mas, de certo modo, figurativizam, “representam” por meio de ícones, um discurso que se pretende *fazer crer* ao enunciatário, ou seja, àqueles que recebem este discurso do/no Orkut, como verdadeiro.

O pesquisador apresenta em seu trabalho as definições de autorretrato a partir de referenciais da História da Arte. Aborda também a ideia de Identidade Narrativa a partir dos regimes de visibilidade presentes nestes autorretratos, analisando nas obras os modos de apresentação da dimensão corporal pelo sujeito da enunciação⁶, projetados de modo a produzir no enunciado um simulacro do próprio sujeito.

⁶ Aquele que produz o enunciado. No trabalho de SANTOS, o sujeitos da enunciação são os artistas produtores dos autorretratos analisados.

Para seu referencial teórico, além dos regimes de visibilidade e da sociossemiótica, Santos realiza um incursão na fenomenologia, sob o viés da semiótica, a partir da obra de Merleau-Ponty.

No primeiro Capítulo, aprofunda a compreensão da manifestação artística dos autorretratos e suas definições, apoiando-se no arcabouço teórico da História da Arte, ou seja, como se deu ao longo da história a realização de autorretratos nas obras de artistas como: Dürer, Rubens, Van Gogh, Velásquez, Andy Warhol, Joseph Beuys, entre outros. Para tanto, apresenta reflexões de autores como Gombrich e Hauser.

Apresenta também neste primeiro capítulo a justificativa de sua escolha pela abordagem semiótica para a significação dos autorretratos, justificando o porquê desta escolha dentre as mais diversas ciências da linguagem. Assim, explica: “busca-se trilhar esse percurso por meio de uma via específica, que, espera-se, possa proporcionar a compreensão e o entendimento dos sentidos a partir das próprias manifestações, para, desse ponto, considerar sua significação em um determinado contexto.” (SANTOS, 2003, p. 35).

Segue então apresentando a teoria semiótica, dialogando sobre o lugar de importância desta ciência para seu objeto de estudo, principalmente com relação aos regimes de visibilidade, para os quais o ato de ver é compreendido em virtude de sua natureza comunicacional, e que implicam a imagem que um sujeito proporciona de si para outro que a percebe, parte que muito interessa ao nosso estudo.

Traz também reflexões sobre a obra e o título, ou seja, as relações entre Visual e Verbal, direcionamento que também será seguido pela pesquisa aqui proposta. Em nosso caso, além dos títulos, quando estes existirem, as relações entre verbal e visual também serão estabelecidas a partir das interações, ou seja, das mensagens verbais que os membros da comunidade virtual do Orkut podem escrever em cada fotografia apresentada.

O segundo trabalho pertinente para o desenvolvimento deste estudo intitula-se “Fotografia e Construção de Identidade de Crianças do MST: o sentido vivido a partir de uma prática educativa”, elaborado por Rodrigo Rossoni. Assim como o trabalho de Santos, a pesquisa de Rossoni apresenta a Semiótica e a Sociosemiótica como referencial teórico. Rossoni analisa os modos de construção de identidade das crianças do Assentamento Piranema do Movimento Sem Terra (MST), localizado no município de Fundão, no estado do Espírito Santo.

Tendo como metodologia o estudo de caso de base etnográfica e como principal instrumento de análise a observação participante, Rossoni utiliza um diário de bordo e nele são anotados os discursos verbais fruto das interações entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. Realiza também, durante a observação participante no assentamento, uma oficina de fotografia com as crianças.

Após a oficina, Rossoni disponibiliza câmeras fotográficas e filmes 35 mm para que as crianças do movimento façam imagens de seu cotidiano no assentamento, sem a presença e a interferência direta do pesquisador. Das 1300 imagens produzidas, o pesquisador seleciona 30 para a análise, tendo como justificativa de escolha a reiteração temática que elas figurativizavam. A partir destas imagens, sob o referencial teórico da semiótica plástica, analisa como as crianças apresentam sua vida no assentamento, e, assim, a partir de que elementos se dá a construção de identidade delas.

O trabalho de Rossoni dialoga com o nosso trabalho, tanto no que diz respeito ao referencial teórico de análise, quanto nos modos como conduz as análises dos processos de construção de identidade, incluindo os caminhos metodológicos pelos quais trilha, pois a pesquisa se dá num movimento constante entre o contexto e os textos imagéticos produzidos e como estes figurativizam modos de ser e de estar destes sujeitos, crianças do MST.

A partir da experiência de Rossoni, realizamos observação participante na escola por meio de rodas de conversas com os adolescentes. Com o uso do diário de bordo

foi possível registrar os discursos verbais e compreender, a partir deles, os significados construídos pelos adolescentes sobre suas práticas nas redes sociais.

O terceiro trabalho selecionado é o de Cláudia Ribeiro da Silva, intitulado “Imagem e identidade no ciberespaço: a significação social dos perfis do Orkut”. A pesquisadora investiga a significação social dos perfis da comunidade virtual Orkut no que se refere à construção da identidade virtual, ou seja, o traço que caracteriza social e significativamente o sujeito como ente cultural formado por subjetividades. Interessa-nos neste trabalho os referenciais teóricos que a autora utiliza para a concepção de identidade cultural, oriundos dos Estudos Culturais, e o referencial teórico utilizado para análise do *corpus*, a semiótica discursiva.

Silva inicia seu trabalho refletindo sobre diferentes concepções do termo identidade sob a lógica moderna e pós-moderna, a partir de autores como Eugênio Trivinho, Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Discute o fenômeno identitário e aprofunda reflexões sobre o poder simbólico das mídias e do ciberespaço sobre a formação identitária do sujeito, parte que muito nos interessa, uma vez que compõe os interesses teóricos desta pesquisa refletir sobre o conceito de identidade na contemporaneidade.

No segundo capítulo, apresenta reflexões críticas sobre os estudos afirmativos da cibercultura, refletindo sobre os modos como o ciberespaço adentra a vida dos sujeitos e suscita novas formas de sociabilidade. Para tanto, apresenta reflexões sobre os estudos propostos por Manuel Castells, Pierre Lévy, Eugênio Trivinho, Zygmunt Bauman entre outros autores que também nortearão os referenciais teóricos de nossa pesquisa.

Ao adentrar o mundo do Orkut e suas possibilidades como rede social, Silva discute a efemeridade da rede, principalmente quanto à mutabilidade dos perfis dos usuários e dos próprios usuários, interface gráfica, recursos e modos de acesso à rede.

Segue aprofundando a teoria semiótica que é base teórica e metodológica para as análises dos perfis. Estas análises restringem-se ao perfil inicial da página do Orkut,

não contemplam os álbuns e nem os recados. Analisa apenas a fotografia que “representa” o usuário no perfil e os textos verbais utilizados por ele para identificar-se. Silva não se preocupou em verificar se os perfis selecionados eram verdadeiros ou não, e não teve contato presencial com os usuários analisados que tinham idades variadas, entre jovens e adultos, homens e mulheres.

O quarto trabalho selecionado é de Janaína Ovídio Carvalho e intitula-se “As interações no Orkut: um espaço para a produção de subjetividades de adolescentes?”, uma pesquisa de abordagem histórico-cultural a partir de Lev Vygostsky e Mikhail Bakhtin. Analisou as interações de dez adolescentes no Orkut a partir dos discursos escritos presentes nos perfis, comunidades e depoimentos. Interessa-nos no trabalho de Carvalho a metodologia empreendida por ela para a realização de sua pesquisa.

A pesquisa iniciou-se no Colégio Aplicação João XXIII, local onde a autora selecionou os sujeitos de sua investigação. O colégio em questão é uma instituição federal e está vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora. A escolha por este colégio deu-se pelo fato de possuir uma política própria de uso do espaço denominado INFOcentro, uma espécie de laboratório de informática. Carvalho observou que o colégio permitia livre acesso aos alunos, o que, de acordo com a instituição, incentivava de forma positiva o uso do espaço pelos estudantes. No INFOcentro, ao contrário da maior parte das escolas, era permitido o acesso a sites de relacionamento, como o Orkut.

Carvalho inicia a pesquisa observando a rotina do INFOcentro, seus usuários e os monitores. Em alguns casos ela se aproximava e iniciava uma conversa. Durante estas conversas pediu para alguns alunos autorização para visitar suas páginas no Orkut, explicando que isto fazia parte de uma pesquisa.

Para escolher os perfis que iria analisar, escolheu que de acordo com a autora foi aleatória, buscou uma interação com alunos do colégio pela própria rede social. Mandou solicitações de amizade seguidas de uma mensagem que explicava que aquela abordagem se tratava de uma pesquisa e se o usuário autorizava ou não a

autora a adicioná-lo como amigo. Só assim Carvalho teria acesso irrestrito às páginas.

Das 25 solicitações, Carvalho conseguiu 10 aceitações, sendo cinco meninas e cinco meninos. Observou os perfis selecionados durante um ano, acessando 3 vezes por semana. As análises se restringiram aos textos verbais, aos modos como eram realizadas as trocas de mensagens, a adição de novos amigos e o recebimento de depoimentos.

Para a observação dos álbuns do Orkut utilizamos em nossa pesquisa uma metodologia semelhante à de Carvalho, entretanto, não por um período tão longo de observação, uma vez que os álbuns do Orkut são alterados constantemente pelos adolescentes. Ficar um período muito extenso observando as páginas poderia dificultar a seleção do *corpus* para análise.

Por fim, o quinto trabalho é a dissertação de mestrado de Rogéria Eler, intitulada “Imagens de narcisos nas prateleiras do Orkut”. Pelo viés teórico da Cultura Visual Eler realiza um estudo de caso ao analisar a página do Orkut de quatro adolescentes, buscando a significação das imagens postadas. Os encaminhamentos metodológicos de Eler dialogam com os interesses do estudo proposto por nós. A partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, com coleta de dados a partir da imersão no contexto, Eler realizou uma oficina denominada “Orkut, interação ou exposição?” em um evento cultural de uma escola de ensino fundamental onde lecionava.

Na oficina Eler realizou discussões sobre a interação no Orkut e entrevistas com os participantes. Selecionou, assim quatro alunos a partir de critérios como interesse e disponibilidade. Ao selecionar os sujeitos de sua pesquisa, buscou compreender por que os adolescentes elegiam um imagem específica para a interação no Orkut. Para isso, mergulhou nos álbuns destes quatro adolescentes, a partir do referencial da Cultura Visual e dos Estudos Culturais.

Os trabalhos pesquisados contribuíram substancialmente para a definição do referencial teórico e metodológico e os demais encaminhamentos adotados em nossa pesquisa. Assim, o trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos os referenciais teóricos que nortearam a pesquisa; no segundo capítulo apresentamos como se deu, metodologicamente, a etapa da investigação na escola: nesse momento analisamos também os discursos enunciados pelos alunos durante as rodas de conversa; o terceiro capítulo é dedicado às análises dos textos selecionados no site de relacionamento Orkut, sendo esses recortes dos álbuns dos participantes da pesquisa e as comunidades relacionadas a eles criadas por alunos, e que apresentam a escola no espaço virtual; e no quarto capítulo apresentamos a análise do site institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, de modo a reconhecer como a escola se apresenta.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como o principal objetivo desse estudo são os modos de apresentação dos adolescentes, adotar-se-á também como referencial teórico os estudos atinentes à análise do discurso que permeiam a Semiótica discursiva e os estudos acerca dos regime de visibilidade e de interação e sentido propostos por Eric Landowski, dentre outras reflexões pertinentes à sociossemiótica.

Abordaremos também questões sobre o poder da imagem fotográfica e seu caráter de veridicção, além das questões inerentes à construção da identidade/alteridade por meio das práticas sociais vividas no ciberespaço.

Não temos aqui a pretensão de esgotar os referenciais teóricos que abordam os conceitos que engendram nosso estudo, nosso objetivo maior é esclarecer as significações principais dos eixos temáticos que norteiam a pesquisa de modo a retomá-los e por vezes aprofundá-los ao longo do percurso analítico do nosso objeto.

2.1 SEMIÓTICA

2.1.1 Junção e União

A semiótica discursiva é uma ciência relativamente nova. Surge na França em 1960, dentro do contexto do estruturalismo, a partir do estudo de Algirdas Julien Greimas. É uma teoria da significação que se preocupa com os processos de produção de sentido do texto. Segundo Barros (2007, p. 07) “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”.

A semiótica compreende o texto como um todo de sentido. Para tanto propõe a análise interna e externa do mesmo, para que seja compreendido como objeto de significação (um “todo de sentido”) e de comunicação (pois se estabelece entre um destinador e um destinatário), respectivamente.

O texto só existe na dualidade: objeto de comunicação e objeto de significação, e para compreendê-lo como tal é necessário o estudo dos mecanismos internos e externos que o compõem e o fazem um todo de sentido.

[...] A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido”.

[...] A segunda caracterização do texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. (BARROS, 2007, p. 07)

A análise interna compreende o estudo dos procedimentos e mecanismos que estruturam o texto e o estabelecem como uma unidade significante. A análise externa examina o texto em relação ao contexto sociocultural no qual está inserido. (BARROS, 2007).

Para compreender o sentido de um texto, Greimas propõe um percurso gerativo que envolve as estruturas das mais profundas e simples às mais superficiais e complexas, será também por essa metodologia que pensaremos a produção da fotografia adolescente. Como um simulacro metodológico, o Percurso Gerativo de Sentido prevê as diferentes instâncias de abstração para a apreensão de um texto,

da imanência à aparência, e cada um deles possibilita a elaboração de descrições autônomas. São eles os níveis: Fundamental, Narrativo e Discursivo.

O primeiro nível é chamado de nível fundamental e compreende as categorias semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto. As categorias semânticas estabelecem-se por oposições de termos que tenham algo em comum, e possuam relação de pressuposição. Estas são depreensíveis nos textos e mapeadas no quadrado semiótico em relações de termos contrários e contraditórios com os quais circulam os valores que se encontram axiologizados no texto. Ex.: vida /versus/ morte; masculinidade /versus/ feminilidade. As oposições semânticas a partir das quais se constrói o sentido do texto podem ser positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas. Nesse nível,

[...] procura-se construir o mínimo que gera o texto, a direção em que caminha e as pulsões e timias que o marca. Assim construídas, as estruturas fundamentais convertem-se em estruturas narrativas, a narrativa torna-se discurso, o plano de conteúdo casa-se com o da expressão e faz o texto, o texto dialoga com muitos outros textos, e essa conversa situa na sociedade e na história. (BARROS, 2007, p. 79)

O segundo nível do percurso gerativo de sentido é denominado de nível narrativo e define-se pela transformação de estado do sujeito ao entrar em contato com objetos. Considera-se aqui, nesse nível de análise do texto, a narratividade como transformação de situações e de estados: esta é operada pelo fazer transformador do sujeito e sua busca pelos valores investidos nos objetos; a narratividade é, pois, entendida como uma sucessão de contratos e rupturas entre destinatários e destinatários, inquietos, pois estas são originárias da comunicação, dos conflitos entre sujeitos e da circulação de objetos-valor. Se tomarmos como exemplo a postagem de um autorretrato que um adolescente posta num álbum virtual da internet, o reconhecimento é o objeto valor do sujeito que expõe a sua fotografia.

É nesse nível que acontece a transformação de estado do sujeito, que pode encontrar-se inicialmente na narrativa em disjunção com determinado valor, como o anonimato que antecede a postagem, e após sofrer transformações entra em conjunção com o objeto valor do qual estava em busca.

Para possibilitar as mudanças de estado da narrativa, Greimas propõe uma sequência canônica de quatro etapas: manipulação, competência, performance e sanção. A manipulação será muito utilizada nas análises, pois é pela persuasão que são transformadas as estruturas contratuais da comunicação e a competência modal do destinatário. É a partir do fazer persuasivo do destinador que o destinatário em um ato epistêmico crê no outro. A semiótica divide as figuras da manipulação em quatro tipos: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação.

Na Manipulação, por tentação, o destinador manipula o destinatário, oferecendo algo em troca. Ex.: Se você tirar boas notas, te dou um prêmio; já pela intimidação, a manipulação se dá por meio de ameaças. Ex.: Se você não tirar boas notas, vou cortar sua mesada; por sedução, o manipulador manifesta um juízo positivo sobre a competência do manipulado. Ex.: Estude porque você é inteligente e pode tirar boas notas; e por provocação, quando o manipulador exprime um juízo negativo acerca da competência do manipulado. Ex.: Pode estudar, eu sei que você não vai conseguir boas notas.

Com base nos estudos iniciais propostos por Greimas, a narrativa é analisada pelo viés do regime de junção, que tem por lógica a junção entre sujeitos e objetos, em busca da transformação do estado inicial do sujeito. Por exemplo, pode-se analisar pela narrativa as ações dos sujeitos e as interações estabelecidas. Se considerarmos uma fotografia no estilo autorretrato que um adolescente posta em um álbum da internet como um texto, podemos considerar as relações de narratividade que essa ação contém entre os actantes⁷ que ela envolve. Como enunciado elementar está a busca de interação com outros, e a transformação de um sujeito de estado em sujeito do fazer. Os valores que estão em jogo, como o de padrões de beleza, determinam a constituição da identidade e o ato da postagem, pois operam a passagem de um estado a outro do sujeito. O sujeito que se encontrava em disjunção com seu grupo pode passar para o estado de conjunção

⁷ “1. O actante pode ser concebido como aquele que realiza ou sofre o ato, independente de qualquer outra determinação. Assim, para citar L. Tesnière, a quem se deve o termo, ‘actantes são seres ou coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e da maneira mais passiva possível, participam do processo’. Nessa perspectiva, actante designará um tipo de unidade sintática, de caráter propriamente formal, anteriormente a qualquer investimento semântico e/ou ideológico.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 20)

com o grupo por meio da postagem. É a aceitação ou não dos que entram em contato com a fotografia, aprovando ou não a imagem postada, que presentifica o sujeito na internet.

O modelo da junção obedece a “o mesmo princípio de circulação dos objetos de valor (sejam eles de caráter modal ou descritivo), e serve para dar conta tanto da sucessão dos estados pragmáticos quanto das transformações dos “estados d’alma” dos sujeitos” (LANDOWSKI, 2005, p. 15). A fotografia postada é aprovada por meio das interações dos amigos da rede, homologando sua beleza estática, e aproxima esse sujeito do objeto valor beleza, mudando-o de estado de disjunção para estado de conjunção com o valor desejado.

É importante ressaltar que um texto enquanto discurso enunciado compreende implicitamente em sua composição a presença de um enunciador e de um enunciatário. O enunciador é o destinador manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o destinatário/enunciatário a ser e/ou fazer. Entretanto, para que a manipulação aconteça e ocorra então a transformação de estado inicial do sujeito, é necessário que os sujeitos compartilhem dos mesmos valores.

Por outro lado, o estudo da semântica narrativa compreende os valores inscritos nos objetos e estes podem ser modais: o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*; ou de valor, como aqueles com os quais entra-se em conjunção ou disjunção. No exemplo citado, o autor da fotografia pode, quer e sabe fotografar e postar a sua foto no álbum da internet. E o seu fazer é investido de valores como o citado anteriormente, de reconhecimento.

Portanto, as modalizações do fazer são as responsáveis pela qualificação do sujeito para a ação, ou seja, competências modais, que podem ser virtualizantes ou atualizantes. São competências virtualizantes aquelas que instauram o sujeito no discurso por meio das modalizações do *dever-fazer* e *querer-fazer*. As competências atualizantes são as que qualificam o sujeito para a ação, *saber-fazer* e *poder-fazer*. Um outro exemplo são as programações das redes sociais, que em sua configuração, por meio de passo-a-passo, possibilitam a qualquer sujeito comum

construir a sua própria página, qualificando-se por meio de encaminhamentos a um *saber* e a um *poder-fazer*.

Já as modalizações do ser produzem os chamados efeitos de sentido passionais, e essas paixões podem ser simples ou complexas. As paixões simples acontecem pela modalização do *querer-ser* (cobiça, ambição, desejo) ou do *não-querer-ser* (repulsa, medo, aversão) (BARROS, 2007, p. 43).

Um exemplo seriam as paixões geradas pelas imagens postadas pelos adolescentes nas redes sociais. Essas imagens são recobertas por um desejo de um *querer-ser*, por muitas vezes algo que não se é no dia-a-dia.

As paixões complexas são determinadas por um estado inicial de espera. “(...) caracteriza-se, portanto, pela confiança no outro e em si mesmo e pela satisfação antecipada ou imaginada da aquisição do valor desejado” (BARROS, 2007, p. 43). Os efeitos passionais gerados podem ser: ciúme, desilusão, quando a paixão é de insatisfação, ou alegria e felicidade, quando a paixão é de satisfação, ou seja, pela obtenção do objeto. São efeitos passionais de confiança no outro, de esperança e de ilusão.

As redes sociais são narrativas de espera. Ao lançar um comentário, ou uma fotografia na página, o sujeito enunciatário espera uma resposta do enunciatário, que pode ser qualquer um de seus amigos da rede e tem como contrapartida a satisfação e a confiança, ou a insatisfação e a desconfiança.

O terceiro nível do percurso gerativo de sentido é chamado de nível discursivo. É nele que as formas abstratas do nível narrativo são concretizadas por meio de figuras e tematização.

Ao enunciar um discurso, o destinador manipulador é responsável pelos valores ali enunciados que são capazes de levar o destinatário a um *crer* e a um *fazer*. Para que a manipulação aconteça, estabelece-se o contrato entre os sujeitos da enunciação.

Por meio do contrato, o discurso produzido pelo enunciador apresenta um dispositivo veridictório, ou seja, marcas que devem ser encontradas pelo enunciatário e interpretadas, de modo a *fazer-crer* ser verdade o discurso enunciado. Para tanto, o enunciador considera as subjetividades socioculturais e as crenças do enunciatário.

Segundo Greimas e Courtès (2008, p. 208),

[...] contrato fiduciário põe em jogo um fazer persuasivo de parte do destinador e, em contrapartida, a adesão do destinatário: dessa maneira, se o objeto do fazer persuasivo é a veridicção (o dizer verdadeiro) do enunciador, o contra-objeto, cuja obtenção é esperada, consiste em um crer-verdadeiro que o enunciatário atribui ao estatuto do discurso enunciado [...].

Esses efeitos de verdade são ilusões discursivas, fatos contados que levam à crença de que o discurso enunciado é cópia do real. Um recurso para isso são as operações de desembreagens⁸ que o sujeito faz ao projetar um discurso.

Considerando que todo discurso quer parecer verdadeiro, podemos escolher dois efeitos de criação de uma ilusão de verdade: proximidade ou distanciamento da enunciação e realidade do referente. Os efeitos de distanciamento são chamados desembreagem enunciativa. Nesse tipo de discurso, o enunciado é produzido em terceira pessoa, em um tempo de “então” e no espaço de “lá” ou “alhores”. Já os efeitos de aproximação são denominados desembreagens enunciativas, onde o discurso enunciado é produzido em primeira pessoa por “eu” e um espaço “aqui” e no tempo “agora” (BARROS, 2007, p. 55). Desse modo,

[...] O uso da primeira pessoa cria um efeito de sentido de “subjetividade”, enquanto sua não-utilização produz um efeito de sentido de “objetividade”. Se um cientista dissesse “Eu afirmo que a terra é redonda”, isso poderia ser entendido como um ponto de vista pessoal. Entretanto, quando ele diz “A terra é redonda”, é como se o próprio fato se narrasse a si mesmo. Nesse caso, temos a impressão de que uma verdade objetiva se estabeleceu. (FIORIN, 1997, p. 17)

⁸ “Desembreagem é a operação pela qual a enunciação projeta os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, utilizando, para tanto, as categorias de pessoa, do espaço e do tempo.” (BARROS, 2007, p. 85)

Essas ilusões discursivas reforçam a ideia de que o discurso enunciado é uma cópia fiel da realidade que apresenta. Um bom exemplo é a análise da obra “Vista de Itanhaém”, do artista Volpi, feita por Rebouças (2001). O artista apresenta, por meio da pintura, uma paisagem da cidade de Itanhaém, fazendo assim um recorte do mundo natural.



Imagem 5: Alfredo Volpi, Vista de Itanhaém, década de 40, Têmpera s/ tela, 45x76

Fonte: www.itaucultural.org.br

A composição é toda estruturada pela perspectiva. Ao utilizar esse recurso junto ao enquadramento em plano geral, “o enunciador tem como objetivo construir, por meio de elementos figurativos, condições que são conotadas como ‘reais’ [...]”.

[...] é estabelecido um contrato enunciativo, um *fazer-criar*, cujo objeto de persuasão do destinador é a *fidelidade*, o “parecido” da pintura com o mundo natural [...] O reconhecimento das figuras do mundo natural dá ao discurso, e não a estas figuras isoladamente, o valor de verdade, sendo o contrato estabelecido entre enunciador e enunciatário o do tipo de veridicção (REBOUÇAS, 2001, p. 138-129).

Sabemos que um texto pode ser verbal, oral ou escrito, visual, sonoro, pictórico, gestual ou sincrético, quando reúne mais de uma linguagem. Objetivando pensar que “um texto constitui uma realidade complexa, suscetível de convocar sincreticamente várias linguagens, ou melhor, várias semióticas, verbais ou não” buscaremos também analisar nosso objeto por meio de uma semiótica da

experiência sensível, que ultrapasse os limites das interações mediatizadas dependentes da transmissão de objetos de valor entre os sujeitos. (LANDOWSKI, 2005, p. 12)

Então, como pensar um texto como os álbuns virtuais do Orkut? Como um texto sincrético, no qual sua interface, somada às possibilidades de interação que ela proporciona, é um todo de sentido, já que além da própria imagem temos os enunciados verbais escritos que acompanham as imagens do destinador e as interações dos destinatários, além do contexto no qual o álbum está inserido, a rede social? Como pensar essa prática social presente na rede social, que vem se tornando cada vez mais comum entre os indivíduos?

Retorno a Greimas e ao percurso narrativo para reiterar que na proposta greimasiana, os sujeitos eram movidos pelo querer, fazer, dever e poder, ou seja, pela persuasão presente nos regimes da junção (programação e manipulação). Não estavam previstas outras narrativas compreendidas como modos de interação e sentido entre os sujeitos e entre estes e os objetos com os quais interagem.

São os estudos de Landowski (2005) que propõem pensar o sentido de vida cotidiana a partir de um prolongamento da gramática narrativa de Greimas, ou seja, um modo de pensar a presença do sujeito no mundo. O sociossemióticista faz isso ampliando a narrativa do sujeito e seu estar no mundo, o que denominou de Regime de União, de modo a proporcionar a construção de uma semiótica da experiência sensível.

Essa proposição envolve os discursos em que é estabelecida uma relação de sujeito-sujeito e não uma de sujeito e objeto valor. Assim, o sentido deve ser compreendido, como afirma Landowski, em sua presença, na condição da prática social que se realiza.

É nesse sentido que as apresentações nas fotografias adolescentes serão analisadas, ou seja, considerar-se-á, dentro da semiótica, os regimes de junção e de união, uma vez que os discursos que iremos analisar, em que se encontra a

fotografia adolescente, constituem uma realidade mais complexa, conduzindo-nos a recorrer a estudos em que o foco das análises está direcionado não mais somente às relações entre sujeito-objeto, mas também entre sujeito-sujeito. Ou seja, chegaremos em nossas análises ao ponto em que a fotografia não é um objeto de valor apenas, é um sujeito, um ator do discurso, cumprindo papéis actanciais, na narrativa, e temáticos, nos discursos.

Segundo Landowski (2005), não se trata de uma ruptura com um paradigma teórico, e sim o alargamento de suas fronteiras, onde passa-se a considerar fenômenos da significação até então desconsiderados, como a dimensão estética, no próprio contato entre os actantes.

Entretanto, é na publicação de Greimas nos anos 1990, **Da imperfeição**, que surgem as primeiras possibilidades de pensar as interações não mediatizadas, ou seja, independentes de qualquer transmissão de objetos entre sujeitos.

Portanto, das proposições dos anos 1960 à contemporaneidade, dos estudos do texto aos denominados de sociossemiótica, consideram as práticas sociais, ou seja, fazeres do cotidiano, estilos de vidas, a vida social em si nas suas mais diversas formas de apresentação, como processos significantes.

Tendo já há algumas décadas se voltado mais e mais para as práticas ou, como no caso deste trabalho⁹, para as imagens, a sociossemiótica abandona um pouco seu objeto empírico original, o discurso *stricto sensu*. Mas, desta forma, ela responde a certas evoluções que afetam as modalidades da construção do sentido em nosso cotidiano. De fato, que se trate de nossas relações com os acontecimentos (tal como apreendemos mediante a visão que deles nos oferecem a televisão ou a foto de imprensa) ou com as próprias coisas (encenadas pelo cinema e pela publicidade), de nossas relações interpessoais ou, finalmente, das conosco mesmo [...], praticamente todas nossas relações com o real se definem hoje em dia pela intermediação de imagens difundidas e primeiramente recolhidas, fabricadas ou, ao menos, formatadas pelas mídias. (LANDOWSKI, 2004, p. 32)

⁹ O autor refere-se ao artigo intitulado "Flagrantes delitos e retratos", publicado na Revista Galáxia do Programa de Pós-Graduação da PUC-SP, em 2004.

A partir daí, intensificam-se as pesquisas voltadas para a dimensão da presença, do sensível e da estesia, ou seja, com objetos nos limites da junção e nos aproximando do Regime de Sentido da União.

2.1.2 Regimes de visibilidade

Ainda no contexto da sociossemiótica, Landowski busca compreender as relações que se estabelecem entre os atores sociais, a partir dos chamados regimes de visibilidade, que são modos de compreender as práticas sociais mais contemporâneas, e como estas redefinem os domínios do conceito de “público” e de “privado”.

Assim se coloca uma problemática mais geral, relativa ao *regime de visibilidade* dos atores sociais em suas funções. Dois tipos de abordagem podem, então, ser considerados: uma, de caráter semântico, que consistiria em apreender as classes de funções socialmente conotadas, em determinado universo cultural, como ligadas seja ao regime da “não-visibilidade” (“intimidade”, “privacidade”, ligadas ao segredo), seja ao domínio da comunicação aberta e da “publicidade” (no sentido primeiro do termo); o outro, de caráter sintático, baseado na análise da *relação de visibilidade* considerada em si mesma, independentemente dos investimentos de conteúdo. (LANDOWSKI, 1992, p. 86)

Em torno da sintaxe do *ver*, Landowski busca as estruturas elementares das relações entre o “privado” e o “público”, por meio do que denominou de dimensão “escópica”.

A dimensão “escópica” engloba os dispositivos que organizam as relações de “visibilidade”, que podem ser considerados, em seu plano figurativo, dispositivos mais abstratos, relativos à comunicação de um certo tipo de saber entre os sujeitos (LANDOWSKI, 1992, p. 88).

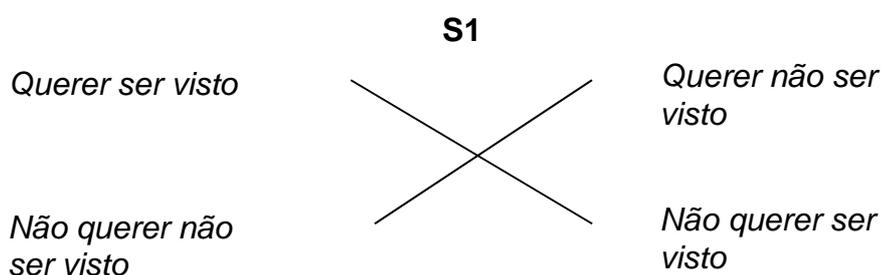
Nesse sentido, o verbo *ver* implicaria minimamente a presença de dois sujeitos, um que *vê* e outro que *é visto*, entre os quais circula o objeto de comunicação, no caso, uma imagem que um dos sujeitos proporciona de si mesmo àquele que se encontra em condição de recebê-la (idem, p. 89).

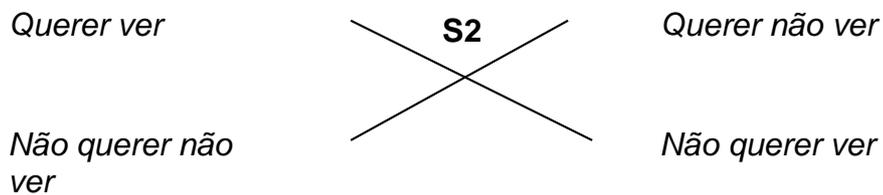
Nessa relação, os dois actantes envolvidos podem ser confundidos em um mesmo ator, com o caso do “narcisismo”, ou corresponder a dois atores distintos que dividem o papel de emissor e receptor na transmissão da imagem. Para tanto, ainda é preciso uma condição mínima de visibilidade, que pode ser dada pelo próprio sujeito observável, um “*fazer-se ver*” que organiza o dispositivo de captar o olhar do sujeito observador.

As condições de visibilidade podem também serem dadas pela instauração de uma terceira instância, que por meio de um “*fazer ser visto*” passa a intervir de modo autônomo em relação aos protagonistas. Mas, de qualquer modo, todo sujeito visto é responsável pela maneira como é percebido, mesmo com a participação de uma terceira instância.

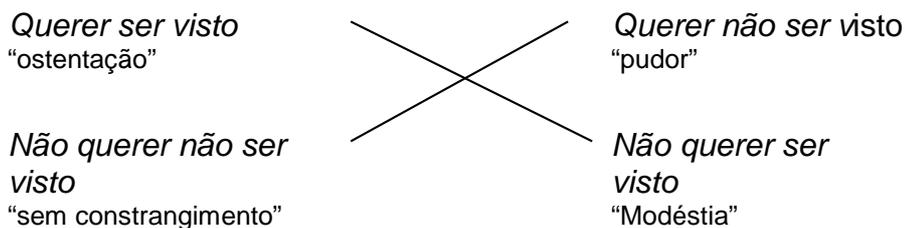
A relação mínima do *ver* admite quatro especificações modais: *poder*, *querer*, *dever*, *saber ver* e *ser visto*, respectivamente os actantes que são vistos veem e os que veem são vistos (LANDOWSKI, 1992, p. 90). Essas modalidades do *ver* condicionam o modo como os actantes (o que *vê* e o que *é visto*) entram em relação.

A ação do *ver* (*fazer-se ver*) pressupõe a competência modal ao actante da ordem do *poder ver* (e/ou do *poder ser visto*) e implica também a mediação do *querer*. Considerando S1 o actante observado e S2 o actante observador, Landowski nos apresenta a seguinte estrutura elementar do “*querer escópico*” (idem, p. 91):

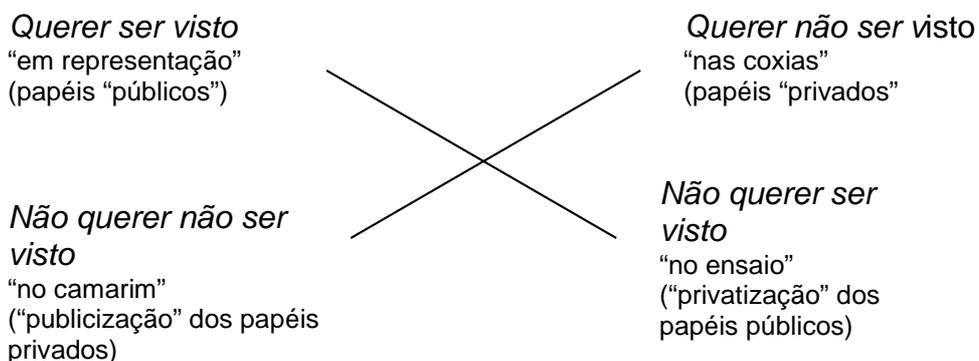




Para os modos de apresentação de si do sujeito observado S1, apresenta o seguinte registro de atitudes:

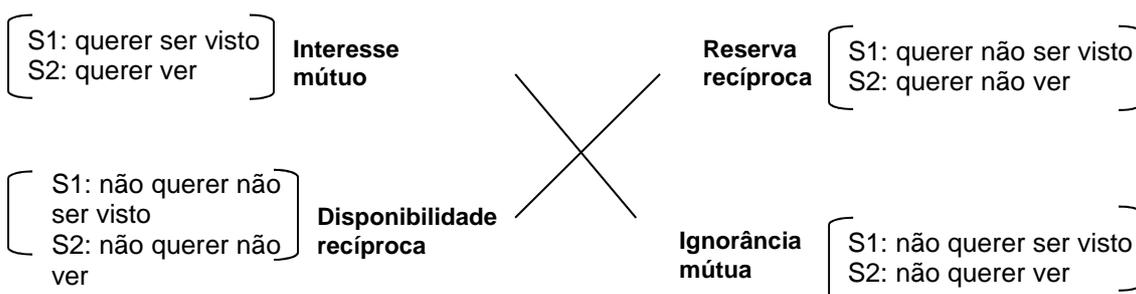


Tomado pelo ponto de vista do "público" e do "privado", Landowski nos apresenta os modos de apresentação de si, exemplificado pelo trajeto esteriotipado do ator, lançando o seguinte esquema (idem, p. 91):



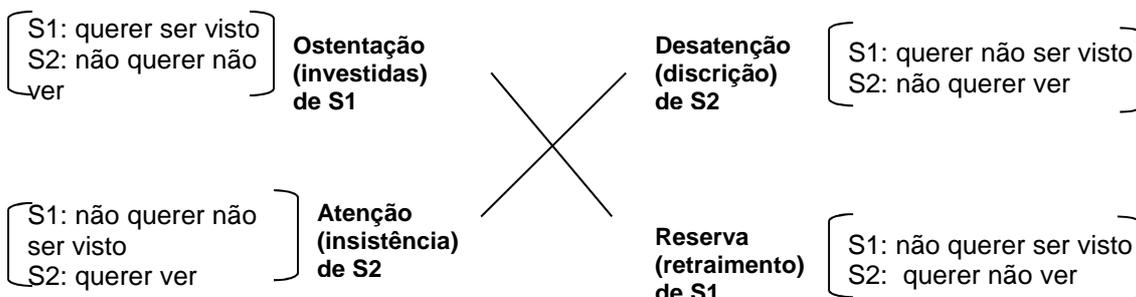
Landowski ainda nos apresenta quatro séries de configurações que podem ser previstas pensando as possíveis confrontações modais entre os actantes S1 e S2. As duas primeiras apresentam situações em que existe uma espécie de “contratualização do ‘direito de olhar’ entre os parceiros”; seriam as confrontações modais de complementaridade e conformidade. As duas últimas apresentam situações onde o “ver” ou “ser visto” aparecem como conflitos entre os sujeitos, são as confrontações de contradições e contrariedade (LANDOWSKI, 1992, p. 95-97).

Complementaridades:

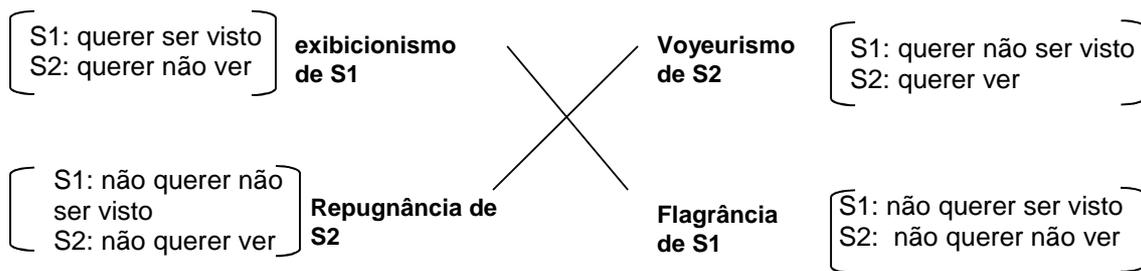


Nas complementaridades acima apresentadas temos as seguintes relações estabelecidas entre os actantes: ora os dois se interessam mutuamente, ora se ignoram.

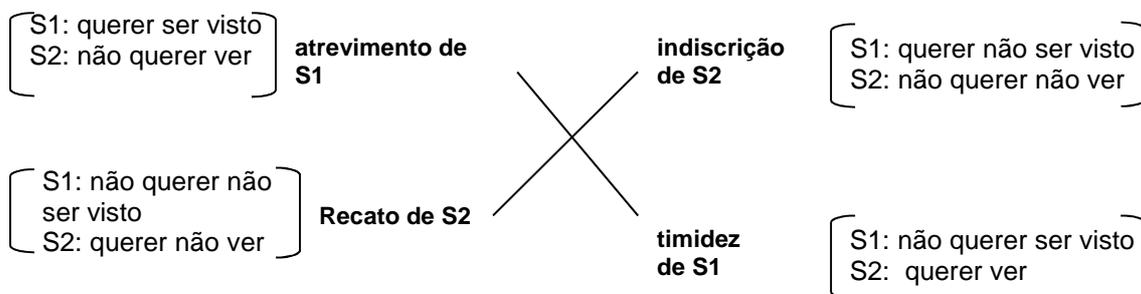
Conformidades:



Contradições:



Contrariedades:



Landowski nos apresenta a partir dos esquemas acima um aparato teórico/metodológico para pensarmos os termos que compõem as diferentes possibilidades de comunicação entre sujeitos modalizados. Assim acontece com a prática social da fotografia e sua veiculação nos álbuns virtuais, ou seja,

[...] cada sujeito administra, em face de seu parceiro, as condições de “visibilidade” de suas próprias motivações “estratégicas”, enquanto parte integrante da relação escópica primária. [...] Com efeito, se pensarmos nas estratégias da parte observadora – suscetível de “se mostrar” ou de “se dissimular” como tal –, ou nas da parte observada (que, por sua vez, em função do caráter mais ou menos “observável” da instância que observa, pode em princípio determinar as condições da sua própria “encenação”), atinge-se então uma ordem de problemas que ultrapassam o âmbito da relação “escópica” em seu sentido estrito e dizem respeito diretamente à dimensão cognitiva propriamente dita. [...] as funções escópicas elementares não se acham mais simplesmente “exercidas” pelos protagonistas (num plano por assim dizer neutro e desembreado) enquanto *fazer emissivo* (“ser visto”), mas “assumidas” (ou recusadas) e “exibidas” (ou dissimuladas) por eles; elas se tornam, por sua vez, por uma espécie de embreagem enunciativa, o objeto de um discurso segundo as assume à maneira do *fazer persuasivo* e/ou *interpretativo*. O espaço pragmático, “objetivo”, em que se inscrevem as relações de “visibilidade”, quando assim

refletido pela “consciência” que dele tomam reciprocamente os sujeitos, transforma-se, então, em campo de manobras cognitivas (fazer saber/ fazer crer) (LANDOWSKI, 1992, p. 100).

Cabe-nos então pensar quais são as condições de visibilidade presentes nas fotografias veiculadas pelos adolescentes em seus álbuns virtuais, quais motivações regem essa prática, tanto na ótica de quem se mostra quanto na ótica de quem vê.

Assim, ao pensar a fotografia como uma prática social, considerando que a partir do momento que ela integra o álbum virtual do enunciador ela estabelece novas relações, estamos ultrapassando as barreiras do regime de junção, sem, contudo, abandoná-lo. No regime de junção estaremos tratando da lógica entre sujeito e objeto, no caso, entre o adolescente e a fotografia, e as relações de busca por um objeto valor, que é alcançado por meio desta prática, a de fotografar. Para pensar o ato de se fotografar como uma prática social que contribui para construção da identidade deste adolescente e a veiculação destas imagens na rede social Orkut (que, por sua vez, possibilita a interação com outros sujeitos) entramos na esfera dos regimes de visibilidade e da apreensão do outro.

Com esse regime da co-presença sensível, ou do corpo-a-corpo estésico, perfilam-se, em relação ao regime de sentido e de interação fundamentados na troca de objetos, diferenças profundas em termos de modos de estar no mundo e, ao mesmo tempo, de estar presente para o outro. (LANDOWSKI, 2005, p. 24)

No momento da publicação dessa fotografia, ou seja, da socialização da imagem, caminhamos para a construção do sentido em ato, apreensível em situação. De acordo com Landowski (2005, p. 19)

[...] Ao lado da lógica da junção entre sujeitos e objetos, que fundamenta a abordagem dos fenômenos de interação pensados em termos de estratégias de persuasão e de *fazer fazer*, devemos prever uma problemática do *fazer ser* que ponha em jogo um outro tipo de relações entre actantes, da ordem do contato, do sentir, e em geral daquilo que chamaremos de *união*. Esquemáticamente, enquanto é próprio do regime da junção fazer circular entre os sujeitos, objetos que têm significação e um valor já definidos, segundo o regime de união, no qual os actantes entram esteticamente em contato dinâmico, é sua co-presença interativa que será reconhecida como apta a *fazer sentido*, no ato, e criar valores novos.

Dentre as interações possíveis no Orkut, analisamos as postagens feitas pelos usuários nas páginas de seus amigos da rede, mais especificamente nos álbuns, para compreender a partir de suas especificidades como se dão os regimes de interação e sentido proposto por Eric Landowski em “Interacciones arriesgadas” (LANDOWSKI, 2009).

Como também é de nosso interesse apreender como a escola é apresentada na rede social Orkut, analisaremos ainda sobre o viés dos regimes de interação e sentido as interações presentes nas comunidades do Orkut que estabelecem relações com o Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória.

2.1.3 Regimes de Interação

Em suas últimas contribuições com os desdobramentos dos estudos semióticos, Landowski apresenta um escopo teórico para pensar os modos como um sujeito constrói suas relações com o mundo, com o outro e com ele mesmo. Ao identificar as relações entre os actantes da enunciação, Landowski introduz, ao lado das já reconhecidas formas de interação, programação e manipulação, um terceiro regime fundado na lógica da sensibilidade, o regime do ajustamento, fundado na lógica da aleatoriedade, ou seja,

[...] el modelo final articula cuatro regímenes de interacciones> La programación, la manipulación, el ajuste y el accidente, cada uno de los cuales se apoya en una “lógica” semiótica específica, en una suerte de estilos del sentido; respectivamente: en la regularidad, en la intencionalidad, en la sensibilidad y en el azar. Este resumen lapidario permite comprender hasta qué punto esa síntesis es tan fuertemente integradora: por un lado, abre el campo a la semiótica narrativa clásica, incluso a la semiótica de las pasiones; por otro lado, sitúa los otros regímenes semióticos, aquellos que están inspirados por el horizonte ético y por la exigencia epistemológica, a saber, el de la unión y el del ajuste (cf. *Passiones sin nombres*), inspirado en la preocupación de “realización mutua”, y el totalmente nuevo del accidente y del azar, renovada versión de una semiótica de las catástrofes, basado en el principio del “riesgo asumido” (2009, p. 112).

Os regimes de interação correspondem aos modos de agir dos actantes, a partir de dois modos de presença no mundo: o *fazer fazer* e o *fazer ser*, sendo os primeiros

inerentes ao regime da programação e da manipulação e o último, do acidente e do ajustamento.

O regime da programação é fundamentado na regularidade de comportamentos dos atores, que podem ser dados tanto por causas físicas como por condições socioculturais. Neste regime, o actante tem um papel temático predeterminado nas narrativas, ou seja, está associado às regularidades simbólicas, onde as formas de ação entre sujeitos ou entre sujeito e objeto acontecem em interobjetividade e exterioridade.

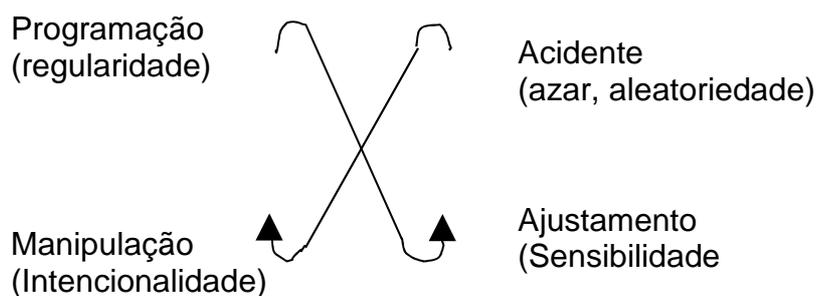
Outro regime proposto por Landowski é o do acidente. Segundo o autor, este regime contrapõe-se à programação, pois está diretamente relacionado à ruptura das regularidades, dos papéis temáticos predeterminados. O regime do acidente é fundamentado no risco e está relacionado ao surpreendente, à descontinuidade dos comportamentos pré-determinados.

Já o regime da manipulação acontece em termos de intersubjetividade e interioridade, ou seja, está fundado sobre o princípio da intencionalidade. A manipulação requer um sujeito capaz de avaliar valores postos a prova e um manipulador que faça com que este sujeito faça as suas escolhas. São procedimentos persuasivos nos quais um sujeito age sobre o outro, conduzindo-o a um *querer/dever* algo ou alguma coisa e esse sujeito é conduzido a *fazer fazer*. Por esse motivo a manipulação depende de dois sujeitos: *um* que deseja que o *outro* deseje.

A manipulação depende então de um contrato entre os sujeitos e, segundo Landowski (2009), a lógica da manipulação nos remete a uma problemática que é “econômica”. Ao contrário da manipulação, o quarto regime, o do ajustamento, é baseado na lógica do contato, da sensibilidade, na qual um sujeito busca *fazer junto* e *sentir junto*. O sentido está na relação entre os actantes e nas transformações que neles se operam tão somente por sua co-presença sensível (LANDOWSKI, 2009).

Se na manipulação a interação está fundada sobre o fazer crer, o ajustamento passa por um fazer sentir, que é a ordem do contágio, cuja característica principal é o ser *sentido*. Trata-se de uma transformação que se dá por meio do ajustamento de um sujeito ao outro. Esse *fazer junto* implica na adaptação de um ao outro. O actante com o qual se pretende interagir não tem um comportamento previsível.

Em **Intecciones** Arriesgadas, Landowski (2009) afirma também que os regimes não são independentes um do outro, e que em uma mesma situação podemos encontrar os quatro regimes de interação, passando de um para o outro e até mesmo coexistindo entre si. Para tanto, propõe, ao invés de um esquema de relações com base no quadrado semiótico, uma elipse, interligando os quatro regimes:



Enquanto o quadrado semiótico conduzia-nos a posições lineares, o mesmo não atende por completo quando se trata de análise de práticas sociais, nas quais sabe-se que as interações são complexas. Por esse motivo, para esses textos o mais apropriado é a introdução das elipses no quadrado, que representam a dinamicidade dos quatro regimes propostos por Landowski.

2.2 FOTOGRAFIA E CARÁTER DE VERIDICÇÃO

A imagem ocupa hoje um lugar relevante em nossas vidas, deixando seu lugar de ilustração do texto escrito e assumindo sua identidade de discurso enunciado. Mas o que faz esse objeto de comunicação ocupar o lugar de “discurso da verdade” em nossa sociedade? Landowski nos aponta uma resposta plausível para esta questão, segundo ele,

a força da imagem resulta, antes de tudo, do fato de que não suspeitamos, *a priori*, que ela possa nos enganar. Enquanto, segundo senso comum, todo ato de fala implica uma tomada de posição de ordem “subjetiva”, a imagem, ao contrário, nada faria além de testemunhar “objetivamente” o estado das coisas, reportado por ela. Por muito tempo considerou-se que as imagens extraíam seu valor da relação mimética que supostamente mantinham com os objetos que elas estavam encarregadas de “representar” (2004, p. 33).

Esse estatuto de verdade que a imagem carrega consigo ganhou ainda mais força com o surgimento da fotografia, que passa a ser considerada como uma linguagem capaz de fazer uma verdadeira imitação do mundo real.

Quando foi criada, ainda no século XIX, a fotografia avança sobre o lugar da mais tradicional linguagem das Artes Plásticas, a pintura. Dispensando a mão do artista a fotografia parece ser capaz de registrar o real sem a presença do pincel e das mãos do homem, instaurando na sociedade um verdadeiro sentimento de libertação, era a hora de estar livre para “representar” o que quisesse sem a intermediação de ninguém. Nem mesmo a atuação do fotógrafo era considerada uma interferência na produção da imagem na época. As discussões sobre escolhas e influência do olhar do fotógrafo surgem apenas no século XX, quando a fotografia começa a lutar por um lugar como linguagem artística.

A transparência da imagem ou a indiscernibilidade da distância entre a imagem e a coisa fazem parte dos enunciados do verdadeiro que acompanham a fotografia-documento desde seus primórdios, porque eles se escoram na maneira como ela vê e como ela mostra. Esses enunciados, além disso, refletem o verdadeiro terremoto que a fotografia provoca no campo da representação no início do ano 1840, opondo ao ideal artístico os valores materiais, terrestres e profanos, da máquina. (ROUILLÉ, 2009, p. 73)

A fotografia torna-se onipresente na vida dos homens: “coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas contra muros sob forma de cartazes [...]” (FLUSSER, 2002, p. 37). A fotografia não precisou de muito para isso, chegou e ficou, (a)firmando-se como uma verdadeira mímese do real, sendo considerada um verdadeiro discurso da verdade.

Isso porque a imagem fotográfica é carregada de estratégias enunciativas com o intuito de *fazer crer* ao leitor que é um simulacro da realidade que apresenta. Estas estratégias que nos fazem acreditar no discurso enunciado são definidas na semiótica como contrato fiduciário, conforme apresentamos anteriormente.

Embora o fazer persuasivo da fotografia faça parte de escolhas do destinador, a fotografia é compreendida historicamente como um simulacro do mundo natural. Desde a criação da câmara escura, o homem utiliza o auxílio tecnológico para alcançar a formação de imagens que se assemelhem ao real. Mesmo assim, a produção da imagem ainda dependia da mão do artista para dar-lhe os contornos e formas necessárias. Com a invenção da fotografia a produção da imagem semelhante ao real torna-se fato e sem a necessidade da mão do homem para elaborá-la.

[...] essa fé ingênua nas virtudes da imagem foi reforçada pela aparição das novas técnicas de gravação e reprodução ótica, inicialmente fotográficas e depois “catódicas”, como se, ao se substituir à arte do pintor, o recurso a instrumentos aparentemente neutros permitisse enfim estabelecer uma relação direta, necessária e autêntica – em uma palavra, verdadeira – entre o real e sua imagem. (LANDOWSKI, 2004, p. 33)

Ainda em preto e branco as primeiras fotografias aéreas e as fotografias feitas durante a primeira guerra mundial deixavam o mundo perplexo diante da possibilidade de ver o que estava tão distante, de tornar presentes momentos ausentes, de mostrar o mundo de modo tão real. Os textos passam a ser ilustrados por fotografias e elas afirmavam este discurso verbal, o que estava escrito dava também para ser visto.

A fotografia passa a ser vista no senso comum como um meio pelo qual é possível reproduzir com fidelidade o mundo natural e os acontecimentos sociais ali inscritos sem a interferência da mão do homem, apenas a partir dos princípios químicos e físicos, dando a ela uma espécie de neutralidade no processo de “representar”, o que a diferenciava da pintura.

Mesmo depois da revolução modernista que, a começar pela pintura, teve por efeito invalidar essa concepção, é ela que, apesar de tudo, continua ainda hoje a impregnar a concepção que comumente se faz do estatuto da imagem, justificando a confiança quase cega que lhe acordamos em termos de verdade. (LANDOWSKI, 2004, p. 33)

Assim, a fotografia assume o caráter de discurso “verdadeiro” e passa a ser vista como a reprodutora da realidade, passando a ser compreendida no contexto como um documento por toda a modernidade. Nesse sentido, afirma Dubois (2006, p. 27).

[...] a fotografia é considerada a imitação mais perfeita da realidade. E, de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua natureza técnica, de seu procedimento mecânico que permite fazer aparecer uma imagem de maneira “automática”, “objetiva”, quase “natural” (segundo tão somente as leis da ótica e da química), sem que a mão do artista intervenha diretamente.

Para fazer com que o discurso que ela apresenta torne-se ainda mais verídico, o enunciador (sujeito que faz a fotografia) faz escolhas de composição que fortalecem o *parecer verdadeiro* apresentado no enunciado fotográfico.

Estas escolhas podem se dar a partir do enquadramento, recortes, ajustes focais, iluminação, cenografia, entre outros detalhes que fazem com que ela não seja a reprodução do mundo natural, mas apresente traços da realidade que apresenta, e assim seja vista como um simulacro da realidade. Deste modo, o enunciador coloca-se como manipulador dos discursos enunciados, levando o enunciatário a crer nos valores ali colocados. Não é um discurso verdadeiro mas, sim, um discurso que produz um efeito de verdade, construído para fazer parecer verdade. Nesse sentido afirma Rebouças (2001, p. 137):

Como não se trata da produção de um discurso “verdadeiro” pelo sujeito da enunciação, mas de um discurso que produza um efeito de “verdade”, ele tem de ser construído para *fazer-parecer-verdade*, sendo assim, a função não é *dizer-verdade*, mas *parecer-verdade*.

Assim, ao fotografar (ao produzir o discurso), ao fazer escolhas, o enunciador estabelece um fazer persuasivo, fazendo o enunciatário *crer* em seu discurso e, em sua interpretação, persuadindo-o ao que lhe foi apresentado. Assim, é instaurado o contrato fiduciário, que recebe esta denominação por ser estabelecido com base na confiança e na crença.

[...] Para que se estabeleça o contrato, o enunciador deverá empregar meios de persuasão para que o enunciatário, em seu fazer interpretativo, encontre as marcas de veridicção e reconheça-as. Nesse movimento, o enunciatário deverá se valer de “contratos de veridicção anteriores,

próprios de uma cultura, de uma formação ideológica e da concepção, [...] de um sistema de valores, de discursos e de seus tipos”¹⁰ (idem, p. 137).

Estas escolhas perpassam também aquilo que o enunciador julgue digno de ser representado, recortes de práticas sociais das quais se considere parte, ou das quais queira fazer parte.

Nestor Canclini, ao refletir sobre os estudos de Bourdieu sobre a sociedade moderna, destaca como o pesquisador percebeu a prática da fotografia como modo de compreender as diferenças entre as classes:

Ele percebeu que aquilo que um grupo social escolhe como fotografável revela o que esse grupo social revela digno de ser solenizado, como estabelece as condutas socialmente aprovadas, a partir de quais esquemas percebe e aprecia o real. Os objetos, lugares e personagens selecionados, as ocasiões para fotografar mostram o modo pelo qual cada setor se distingue dos outros. (2007, p. 70)

A possibilidade de escolher o que fotografar, ou simplesmente de poder fotografar, cresceu com o desenvolvimento da tecnologia digital, que possibilitou uma queda nos preços das câmeras digitais e a criação de celulares com câmeras cada vez mais potentes. Assim, a fotografia se popularizou na sociedade, principalmente entre os adolescentes. Entre as mais diversas classes sociais a fotografia digital vem ganhando mais espaço a cada dia.

Quando ainda usávamos o filme 35 mm e celular era artigo de luxo, era raro encontrar adolescentes tirando fotos. O custo era alto, comprar o filme, revelar, sem contar que máquina fotográfica era coisa de adulto. Hoje, é comum encontrar nas situações mais comuns como um passeio no shopping ou no pátio da escola adolescentes com câmeras digitais, celulares com câmeras ou MP5 registrando seu movimento individual ou o do grupo.

Contamos ainda com todo o aparato da tecnologia digital, principalmente com o desenvolvimento de softwares de manipulação de imagem, alguns com distribuição gratuita na web como o “Picasa”, da Google, com recursos de manipulação

¹⁰ Entre aspas a autora cita Barros, 1988, p. 94.

acessíveis a todos, sem contar que grande parte dos adolescentes tem acesso à internet e às redes sociais do próprio celular.

Toda esta tecnologia nos permite forjar nas imagens digitais tratamentos que Landowski denomina como “cosméticos”, que têm como finalidade dar à fotografia o “embelezamento” necessário para que ela responda a certos padrões estéticos decorrentes de determinadas regras sociais (2004, p. 60).

Esse excesso de manipulação das imagens abriu espaço para a discussão acadêmica sobre a perda do referente e seu caráter indiciário, ou seja, afasta a relação entre o real e sua imagem, conforme afirma Rouillé:

É necessário igualmente deixar claro que, atualmente, é a vez do documento fotográfico entrar em crise, em razão de o advento da sociedade informacional ter anulado as condições da crença na fotografia-documento. No entanto, a crença não enfraquece por igual. Ela permanece ainda mais forte que as imagens, e as coisas parecem mais próximas. Digamos que a crença decresce à medida que se vai da família à grande imprensa ilustrada, e à arte contemporânea. (2009, p. 65)

Entretanto, fora do ambiente acadêmico, onde a preocupação acerca da veracidade ou não da imagem fotográfica não ocupa espaço relevante, no senso comum ela ainda carrega grande valor de fidedignidade. Não podemos nos enganar com relação à crença na semelhança ao real da imagem fotográfica. Como afirma Aumont (1999, p. 101 – 102):

Assim, uma imagem pode criar uma ilusão, pelo menos parcial, sem ser a réplica exata de um objeto, sem constituir-se num *duplo* desse objeto. De modo geral, o duplo perfeito não existe no mundo psíquico tal como o conhecemos [...] mesmo em nossa época de reprodução automática generalizada. Entre duas fotocópias do mesmo documento, por exemplo, há sempre diferenças, às vezes ínfimas, que permitem distingui-las quando se desejar.

Contudo, não podemos negar que toda fotografia revela ideias e concepções, e comunica algo sobre aquilo que apresenta. Segundo Machado (1984), a fotografia recorta uma parte do referente visível. Logo, a fotografia pode não ter uma cópia fiel do real, já que depende de escolhas, enquadramento e do olhar de quem a captura, mas carrega em si traços do que apresenta, capazes de comunicar informações sobre aquilo que a referiu.

No caso dos retratos as escolhas não são inocentes. Os retratos são pensados, posados e enquadrados de acordo com o que o retratado pretende comunicar. “Toda síncope do quadro é uma operação ideologicamente orientada, já que entrar em campo ou sair de campo pressupõe a intencionalidade de quem enuncia e a disponibilidade do que é enunciado” (MACHADO, 1984, p. 76).

Nesse contexto encontram-se as poses, afinal, “ninguém gosta de ser surpreendido por um instantâneo, pois a imagem que ele nos dá sempre trai a ideia que nós fazemos de nós mesmos e que queremos passar adiante: por essa razão, diante de uma câmera, sempre posamos” (MACHADO, 1984, p. 51)

Para pensar a dimensão da pose no retrato, temos também como norteadoras as reflexões de Eric Landowski em seu texto “Flagrantes delitos e retratos”. O autor, nesse texto, nos apresenta quatro dimensões do retrato para compreender a fotografia política de imprensa como estratégia discursiva: mimética, hermenêutica, cosmética e estética. Cada uma das quatro dimensões encontram-se presentes em três possíveis regimes iconográficos distintos para o retrato: o clichê antropométrico, o flagrante delito e o retrato oficial.

Afirmando que a imagem ocupa um papel essencial no plano social, o autor centra seu interesse nos retratos produzidos pela publicidade e imagens do político. As categorias propostas pelo autor também nos interessam para pensar os retratos adolescentes e sua discursividade.

O clichê antropométrico tem como característica principal a relação mimética com o modelo, uma representação exata do modelo fotografado. Um exemplo seriam as fotografias das carteiras de identidade que buscam uma proximidade extrema com o sujeito representado. Seria a representação do corpo que temos.

Já o flagrante delito tem dimensão hermenêutica, ou seja, “indefinidamente a ser completado, ele oferece pela acumulação de instantâneos uma via de acesso

inerente à própria diversidade de formas em que um sujeito pode se apresentar” (LANDOWSKI, 2004, p. 47).

O flagrante delito seria então a representação do corpo que somos, nossas expressões, gestualidades, posturas, subjetividades, ou seja, o sujeito em situação. O autor cita como exemplo de flagrante delito os retratos não posados, muitas vezes feitos sem que o modelo soubesse que estava sendo fotografado e tivesse a oportunidade de posar: geralmente captam o sujeito “como ele é”, e não como gostaria de ser visto.

Os flagrantes delitos são comuns entre os adolescentes, principalmente quando fotografam algo escondido em sala de aula, querendo mostrar um flagrante do professor ou até mesmo de um colega dormindo na aula ou em pose de desinteresse, como a imagem abaixo.



Imagem 6: Alunas durante uma aula prática no laboratório de química
Fonte: arquivo pessoal

[...] ao contrário do clichê antropométrico que, literalmente, “tira a palavra” do sujeito - boca fechada e olho fixo -, o flagrante delito [...] coloca em cena “sujeitos enunciantes”, ou, de forma geral, corpos em estado de comunicação. Por esse motivo, ele nos possibilita ver ao mesmo tempo o tipo de relação que tais sujeitos mantêm com seu próprio corpo e, por meio dele, a maneira como vivem naquele instante sua relação com o mundo e, em primeiro lugar, com os outros – parceiros figurados no enunciado ou

enunciatórios pressupostos – isto é, com outros corpos-sujeitos. (idem, p. 52)

O retrato oficial tem uma dimensão cosmética com objetivo de simbolizar a imagem de um sujeito, ou de um poder ou de uma instituição. Para tanto ele pode implicar em correções de efeitos cosméticos no modelo, de modo a fazê-lo de acordo com as expectativas dos enunciatórios da imagem. Um bom exemplo seriam as fotografias que as escolas escolhem para representar a imagem dos seus alunos, principalmente em período de matrículas. Como exemplo, apresentamos os retratos oficiais do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, no ano de 2012, em sua chamada para matrículas, sob o slogan “Em todas as fases seu filho merece o melhor”.



Imagem 7: Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória para chamada de matrículas

Fonte: www.salesiano.com.br – disponível em 25 de janeiro de 2012



Imagem 8: Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória para chamada de matrículas

Fonte: www.salesiano.com.br – disponível em 25 de janeiro de 2012



Imagem 9: Propaganda institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória para chamada de matrículas

Fonte: www.salesiano.com.br – disponível em 25 de janeiro de 2012

Em sua publicidade de chamada para matrículas, a escola apresenta três imagens que representam cada uma das fases estudantis que atende (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). Fica clara a intencionalidade do enunciador ao colocar como plano de fundo em todas as imagens elementos que fazem parte do universo de cada faixa etária. Também percebemos que a escola quer ser vista como uma instituição que está em relação direta com família, principalmente nas fases em que a presença da família é de grande importância para o desenvolvimento do aluno, na educação infantil e no ensino fundamental.

A terceira imagem representa a atuação da escola no ensino médio, onde aparece apenas a aluna uniformizada e, no plano de fundo, objetos comuns ao universo adolescente. A aluna sozinha simboliza a autonomia do estudante nessa etapa escolar, onde o que predomina é a relação do estudante com a escola, com uma menor participação e acompanhamento da família.

É assim que a instituição quer ser vista oficialmente, como uma escola que está preparada para receber o seu filho em todas as etapas da vida estudantil, compreendendo ele e seu universo, e sendo uma instituição que prioriza os valores postos pela família.

Tanto o flagrante delito quanto o retrato oficial se empenham em captar o modelo em um contexto, geralmente colocado em segundo plano, para situar, no tempo e no espaço, características inerentes ao universo do sujeito fotografado.

É importante ressaltar que as correções do tipo “cosmética”¹¹ têm como objetivo principal o embelezamento, para ficar o mais próximo possível dos estereótipos de beleza impostos. São comuns os efeitos da cosmética nas fotografias das adolescentes que, por meio do retoque digital, corrigem as imperfeições que julgarem necessárias. Assim,

A partir do momento que ele, de bom ou mau grado, se deixa fotografar, permite, com efeito, que sejam impressos no papel traços que não podem não “informar”, em grau algum, o outro sobre sua pessoa. Consequentemente, sua primeira preocupação, no momento em que se encontra exposto diante da objetiva, é geralmente de ordem cosmética: na foto, ele gostaria de aparecer “por cima”, isto é, não exatamente como ele é, ou crê ser, mas conforme a imagem que ele desejaria que o outro tivesse da sua pessoa. Ao contrário, o “observador”, fotógrafo ou pintor, e finalmente, por intermédio dele, nós mesmos, os leitores, tendemos antes a privilegiar ora a perspectiva mimética – um retrato supõe apesar de tudo um mínimo de semelhança –, ora, de forma mais refinada, uma finalidade hermenêutica: um retrato não se torna verdadeiramente interessante a não ser que nos ensine algo de novo sobre a pessoa que se esconde por trás da máscara com a qual tenta se cobrir (idem, p. 56).

2.3 *ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E ALTERIDADE NO CIBERESPAÇO*

2.3.1 Identidade e Alteridade

A adolescência é o período comumente determinado entre os 14 de 18 anos, no qual o jovem passa por inúmeras transformações, dentre as quais a construção de identidade é considerada uma de suas tarefas mais árduas.

Para pensar a construção da identidade dos adolescentes dentro do contexto sociocultural atual é necessário que façamos uma breve reflexão sobre as transformações dos conceitos de identidade da modernidade até os dias de hoje.

¹¹ O termo cosmética é utilizado pelo autor no lugar de estética para “reservar o termo estético para um outro tipo de prática, especificamente ligado à produção de obras de arte” (LANDOWSKI, 2004, p. 60).

Hall (1998) nos apresenta três concepções de identidade localizando-as historicamente. Seriam elas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo estava concebido como um indivíduo centrado, dotado das capacidades de razão. O seu núcleo nascia com ele e se desenvolvia com ele, porém sem alterar-se, permanecendo sempre o mesmo, contínuo ao longo de toda a sua existência.

O sujeito sociológico estava sob a lógica moderna. Nesse contexto a identidade nascia e se desenvolvia com o sujeito e embora pudesse sofrer algumas mediações sociais e culturais, conservava sempre a sua “essência”. A identidade era formada por meio da interação entre o sujeito e a sociedade, sendo sempre uma identidade unificada e estável. O seu núcleo podia ser modificado em sua “essência” por meio de interações com os mundos culturais exteriores ao seu, e com toda a gama de identidades que esses mundos pudessem oferecer. Assim, a identidade do sujeito sociológico era constituída tomando os valores subjetivos do mundo social e cultural que ele ocupava.

O sujeito pós-moderno tem identidade fragmentada, assume identidades diferentes em momentos e espaços diversos. A grande mudança é o fato de tornar-se um sujeito cada vez mais híbrido, uma vez que, vivendo em uma sociedade midiática e massificada, vê a propagação de estilos e tendências de vida nos quais ele pode viver e conviver, em diferentes lugares, com identidades variadas.

Os processos de identificação tornam-se variáveis, assumindo identidades que não se unificam em torno de um “eu” não unificado. Com a multiplicação dos sistemas de representação cultural, somos atravessados por uma série de identidades possíveis.

É no contexto pós-moderno que localizamos os sujeitos das redes sociais virtuais. No espaço virtual, o sujeito é representado por um avatar, uma imagem escolhida para representá-lo figurativamente como ele quer ser visto pelos participantes da rede.

Em sua vivência virtual ele pode simular novas identidades, como nos casos dos jogos virtuais que simulam situações cotidianas, como o “Second Life”. Lá o sujeito pode escolher ser o que quiser, da dona de casa recatada à empresária bem sucedida. Pode ser fazendeiro ou banqueiro. A identidade que escolhe lá nem sempre influencia sua identidade no mundo real.

Outro exemplo de múltiplas identidades é a participação em comunidades virtuais. As comunidades reúnem sujeitos com interesses em comum. Menos restritivas que as comunidades do mundo real, pode-se participar de uma comunidade de música clássica e ao mesmo tempo de uma comunidade de amantes do rock. Para participar de uma comunidade basta uma solicitação de participação, que geralmente é aceita pelo organizador da mesma.

Essa fluidez do sujeito pós-moderno é muito bem definida por Zygmunt Bauman, em **Modernidade Líquida** (2001). Segundo o autor, a solidez das instituições sociais perde cada vez mais espaço para a liquefação. Explica que, assim como os líquidos, que mudam de forma conforme o recipiente a que são submetidos, o mesmo acontece com os sujeitos pós-modernos. Tudo que era localizado e estável e que na modernidade possibilitava uma identificação agora se desterritorializa, provocando uma espécie de homogeneização das identidades.

A consequência dessa grande mudança são transformações sociais aceleradas, nas quais destaca-se a dissolução dos laços afetivos, trazendo uma sensação falaciosa de liberdade e de amizade. O desapego das redes sociais mais estáveis, como a família, leva o sujeito a um processo de individualização, em consequência disso, culmina em relacionamentos voláteis, cada vez mais dissolúveis.

Bauman reflete também sobre os usos dos espaços públicos por interesses privados: “O interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e às confissões de sentimentos privados” (2001, p. 46). Nesse contexto “a ideia de um “eu” que aderiria a todo o momento e em todos os pontos a

ele mesmo tende inevitavelmente a ceder a vez a um sujeito visto como plural, clivado, problemático, no limite, simples lugar de confrontação entre uma multiplicidades de facetas psicológicas ou de papéis sociais contraditórios entre si” (LANDOWSKI, 2004, p. 42).

Esta identidade fragmentada que possibilita ao sujeito não ser o mesmo a todo momento também se reflete na escola. Os alunos no momento em que entram na escola “passam a assumir o papel específico, diferente daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos” (DAYRELL, 1996, p. 148).

Retornando à sociossemiótica, a identidade de um sujeito só pode ser construída pela diferença. Nesse sentido, o sujeito fluido da pós-modernidade só se constrói em relação a algo ou alguém (alteridade), ou seja, é um sujeito discursivo que só se constrói nos discursos que produz e enuncia:

O que dá forma à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a *alteridade do outro*, atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (LANDOWSKI, 2002, p. 04)

Landowski nos apresenta os modos de tratamento desse diferente, ou dessemelhante, em um determinado espaço social, tomando como base o caso da sociedade francesa, apresentando uma série de denominações para as diferentes práticas deste tratamento. Entretanto, as práticas apresentadas pelo autor, tomando por base a sociedade francesa, nos interessam para pensarmos as relações sociais dos adolescentes em seu processo de constituição de identidade e reconhecimento da alteridade no outro, principalmente nas relações estabelecidas no ciberespaço. São quatro os possíveis modos de tratamento do dessemelhante apontadas pelo autor: *assimilação*, *exclusão*, *segregação* e *admissão*.

O primeiro modo de tratamento é denominado de *assimilação*. Nesse projeto “[...] o grupo dominante não rejeita ninguém, e se pretende, ao contrário, por princípio generoso, acolhedor, aberto para o que vem de fora” (idem, p. 07). Nos projetos

assimiladores as diferenças são tratadas como valores estéticos particulares. Os assimilados devem assumir determinados valores do grupo dominante para serem aceitos como um dos seus. Mas, se as estrangeirices se mostram muito destacadas e suas especificidades o tornam diferentes dos valores dominantes, “o Outro se encontra de imediato desqualificado enquanto sujeito: a singularidade aparentemente não remete a nenhuma identidade estruturada” (p. 07), e são assim colocados num segundo modo de tratamento, o da *exclusão*.

Se na admissão o diferente torna-se *conjunto* com o grupo dominante, na exclusão ele está em lugar de *disjunção* com os valores sociais determinados pelo grupo. Mas, em comum, a assimilação e a exclusão têm como objetivo manter a homogeneidade do grupo dominante, ou seja, conservar a sua própria identidade, sem perceber que agindo assim estão criando ainda mais desigualdades entre os grupos sociais.

As diferenças só existem na medida em que são construídas pelos sujeitos, fazendo surgir uma “variedade de figuras do Outro”. Para isso é necessária a existência de uma instância semiótica – sujeito individual ou coletivo – que se encarregue de fixar os traços dessa diferença (idem, p. 13).

Para minimizar as questões da diferença e compreender a alteridade como uma diferença que não é absoluta e que depende do ponto de vista adotado, “o Outro não poderá mais ser pensado como simples representante de um alhures radicalmente estrangeiro”. Ele deve se tornar parte de Nós e ser considerado um dos elementos que constitui esse “Nós”, sem, assim, perder sua identidade (idem, p. 15).

Agindo assim, teríamos a prática dos dois outros modos de tratamento do dessemelhante: a segregação e a admissão. Se na assimilação temos a conjunção das identidades e na exclusão a disjunção, a segregação seria o lugar da não-conjunção. “As atitudes segregativas têm, de fato, por princípio, ficar, se é que pode falar assim, menos disjuntivas do que seria possível em teoria, ou mesmo na prática. [...] Não há exclusão absoluta [...]” (idem, p. 17).

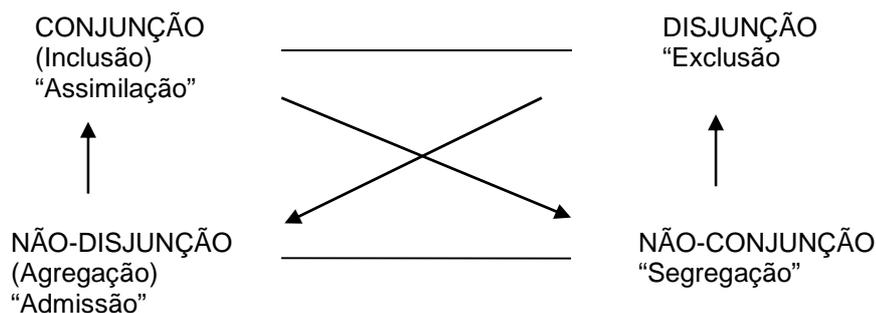
A segregação acontece em casos onde é impossível assimilar; desse modo, o grupo dominante, ao invés de excluir esse Outro, lhe reserva um lugar específico. Como exemplo, Landowski nos dá o sistema de castas na Índia. São grupos diferentes que não se misturam mas que fazem parte de um único sistema, onde cada um reconhece a sua identidade e a alteridade do Outro.

Assim, a alteridade passa a ter uma “espécie de legitimidade, não só do ponto de vista do grupo que impõe, mas também aos olhos dos próprios indivíduos que são submetidos a ele, as vítimas se transformando, quer queiram quer não, em quase cúmplices” (idem, p. 19).

Já a prática da admissão seria uma espécie de não-disjunção, e se dá “como regime de relações intersubjetivas entre os indivíduos ou entre comunidades com base na reminiscência contrária: aquela de *haverem sido separados*, de terem sido – ou pelo menos de acreditarem, com ou sem razão, que o foram – capazes de viver “cada um por si”, como “estrangeiros” uns aos outros” (idem, p. 20).

Na admissão, as identidades têm um querer resistir para não perder suas especificidades. Nas práticas da admissão, a alteridade do Outro é reconhecida como um dos elementos que constituem o Nós. Não acontece um abandono perante o Outro, como no caso da assimilação, por isso é o lugar da não-disjunção.

Landowski nos apresenta, então, o seguinte “quadrado semiótico” para os processos de tratamento do dessemelhante (idem, p. 15):



Existiriam assim dois modos de conceber a identidade: no contexto das práticas de assimilação ou de exclusão, um sujeito se afirma como “Eu” ou “Nós”, colocando-se em espaço de oposição ao Outro, “o que eu sou é o que você não é”. Surgem, então, os estereótipos que vão servir para reafirmar essas diferenças.

Nas práticas de segregação e admissão, a identidade do “Nós” não passa pela negação do Outro. O “Nós” passa a reconhecer na alteridade do Outro parte constituinte de sua identidade. Nesse sentido, “Acabam as certezas de um nós pleno, imóvel, transparente e satisfeito consigo mesmo, e começa, em compensação, o questionamento de um Nós inquieto, em construção, em busca de si mesmo em sua relação com o Outro” (idem, p. 27).

E como pensar a construção e as práticas desses modos de constituir identidade e reconhecer a alteridade no *modus vivendi* característico do ciberespaço, onde as relações são mediadas tanto na direção sujeito-objeto, quando pensamos nas relações entre o indivíduo e a máquina, e mediadas também nas relações sujeito-sujeito, quando se trata das interações entre os indivíduos no ciberespaço?

2.3.2 Ciberespaço

O advento da internet e das mídias digitais, definindo agora o que podemos chamar de cibercultura, segundo Trivinho (2007, p. 25), está “Sob a base da informatização, da virtualização e da ciberespacialização da vida social nas metrópoles [...]”. Possibilitou-se aos sujeitos do século XXI novas formas de sociabilidade e instaurou-se um novo modo de ser e estar na dinâmica social, substituindo o conceito de sociedade por cibercultura, ou seja, a virtualização da experiência humana, gerada em grande parte por meio das novas relações espaço-temporais produzidas nas/pelas redes sociais digitais.

Nesse contexto, denominado *glocal*, “[...] nem exclusivamente global, nem inteiramente local” (idem, 2007 p. 20), os conceitos mais tradicionais de sociedade e território se perdem e dão espaço a um novo tipo de civilização, marcada pela velocidade mediática e tecnológica.

A cibercultura, construção digital na e da história, ao costurar indissoluvelmente sofisticação dromocrática¹² e saturação mediática, se apresenta como civilização glocal avançada. Sob a base da informatização, da virtualização e da ciberespacialização da vida social nas metrópoles, cidades médias abastadas e demais perímetros urbanos [...], a maioria dos valores sociais e culturais comparecem, por pressupostos, significativamente transformados, alguns inteiramente irreconhecíveis, conforme se expressam na relação com o tempo e com o espaço, com o urbano e com o social, com as culturas locais e transnacionais, com o corpo, com a identidade e com a alteridade [...] (ibidem, 2007, p. 25)

O ciberespaço proporciona assim novos modos de ser e estar na sociedade, sendo lugar de desterritorialização e reterritorializações. Isso se dá por meio das possibilidades criadas pelos blogs, sites e principalmente pelas redes sociais que proporcionam aos sujeitos envolvidos pelas redes telemáticas modos variados de estabelecer relações e criar grupos sociais.

De acordo com Lemos (2005), “criar um território é se apropriar, material e simbolicamente, das dimensões da vida”. Desse modo, toda territorialização seria um modo de significar territórios e toda desterritorialização seria a re-significação de determinado território.

Nesse sentido, podemos afirmar que, à medida que são criadas comunidades do ciberespaço que ressignificam territórios fixos preexistentes, estamos falando de desterritorializações.

O termo desterritorialização, comumente utilizado para definir as dinâmicas do ciberespaço, tem suas raízes na proposição de Gilles Deleuze e Felix Guattari em **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia** (v. 3), no qual propõem três teoremas para pensar os processos de desterritorializações.

¹² Trivinho define Dromocracia como “a lógica exponencial específica da cibercultura”. É o reino da velocidade regido por um “processo civilizatório transpolítico” (2007, p. 23)

No “primeiro teorema”, Deleuze e Gattari afirmam que toda desterritorialização prevê uma reterritorialização, são processo concomitantes e fundamentais para compreendermos as práticas sociais da humanidade, porque, ao desterritorializar, estou resignificando um território, que pode ser preexistente, e, então, desse modo, estou automaticamente reterritorializando, criando um novo território.

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio (1996, p. 41).

O ciberespaço é efetivamente o espaço da mobilidade, da desterritorialização, caracterizado pelos deslocamentos de sujeitos (corpos) e informações, instituindo o que Lemos define como processos nômades. De acordo com o autor, “Um internauta, por outro lado, que se tranca em seu quarto e navega por horas por informações mundiais, sem percurso pré-definido, vivencia processos nômades, desterritorializantes, sem sair do lugar” (LEMOS, 2005, p. XX).

Muitas vezes as desterritorializações no ciberespaço remetem aos territórios fixos imóveis, como no caso das comunidades criadas dentro das redes sociais. Essas comunidades podem representar espaços de encontros de grupos sociais que já existem fisicamente. Ao criar a comunidade está-se realizando um processo inicial de desterritorialização, ou seja, no momento em que ocorre o deslocamento do território real para o virtual, e concomitantemente a reterritorialização desse espaço, o território é resignificado, mas muitas vezes apresenta elementos do território de origem.

No “segundo teorema” da desterritorialização, Deleuze e Gattari questionam as relações entre desterritorialização e velocidade, e afirmam

De dois elementos ou movimentos de desterritorialização, o mais rápido não é forçosamente o mais intenso ou o mais desterritorializado. A intensidade da desterritorialização não deve ser confundida com a velocidade de movimento ou de desenvolvimento. De forma que o mais

rápido conecta a sua intensidade com a intensidade do mais lento, a qual, enquanto intensidade, não o sucede, mas trabalha simultaneamente sobre um outro estrato ou sobre um outro plano (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41).

No “terceiro teorema”, Deleuze e Guattari propõem que os processos de desterritorialização podem ser de dois tipos: a desterritorialização relativa e a desterritorialização absoluta.

Pode-se mesmo concluir [...] que o menos desterritorializado se reterritorializa sobre o mais desterritorializado. Surge aqui um segundo sistema de reterritorializações, vertical, de baixo para cima. (...) Em regra geral, as desterritorializações relativas (transcodificação) se reterritorializam sobre uma desterritorialização absoluta (1996, p. 41).

A desterritorialização relativa é o abandono do território socialmente criado e consequentemente sua reterritorialização. A desterritorialização absoluta está ligada ao pensamento, à criação. O próprio ato de pensar já é um processo de desterritorialização, uma vez que o pensamento só é possível na criação, e, para criar, é necessário que aconteçam rupturas com o território existente, criando-se assim um novo território. Assim, a desterritorialização do pensamento é também acompanhada de uma reterritorialização. Os dois processos de desterritorialização, tanto a relativa quanto a absoluta, perpassam um ao outro, porque para que o pensamento se constitua é necessário o social.

O ciberespaço é o lugar da desterritorialização relativa e absoluta dos espaços socialmente constituídos ao longo da história, é também um espaço de desterritorialização cultural, rompendo fronteiras, e influenciando todas as formas de desterritorializações contemporâneas. Segundo Lemos,

A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito) (2005).

Como todo processo desterritorializante, no ciberespaço também criam-se as reterritorializações por meio de sites, blogs e principalmente por meio das redes de relacionamento, que propõem novos espaços e formas de ser e estar no mundo, abrindo o caminho para novas formas de subjetividades e identidades, diferentes

das historicamente estabelecidas nos territórios tradicionais. É, portanto, um espaço nômade repleto de linhas de fugas para desterritorializações, inclusive dentro do próprio território do ciberespaço.

Os processos de reterritorialização seriam o que Greimas denomina de “fazer significante” em seu texto “Por uma Semiótica topológica”, no qual apresenta as relações que os sujeitos estabelecem com o espaço por meio de seu uso, transformando-o em um significante de um significado social. Desse modo,

Qualquer comportamento humano, nem que seja “cavar um buraco”, por exemplo, é duplamente significante: primeiro, para o sujeito do fazer, depois para o espectador deste fazer.

Todas as práticas sociais organizadas em programas do fazer trazem consigo a significação como projeto e como resultado, e inversamente: qualquer transformação do espaço pode ser lida como significante.

(...) no caso do significante espacial que vimos desenvolver-se numa lógica natural autônoma, o significado imediato, presente no próprio processo de transformação do espaço, separa-se do seu significante, recebe novas articulações e erige-se em discursos autônomos, para falar do espaço. (GREIMAS, 1976, p. 119-120)

De acordo com Lemos, o ciberespaço é ainda um espaço estriado, ou seja, controlado por instituições governamentais e/ou privadas. Mesmo assim, “a dinâmica social não pára de mostrar linhas de fuga e possibilidades de des-territorializações” (2005, p.XX).

Um bom exemplo disso são os acontecimentos que se dão em rede sociais digitais e afetam diretamente a vida real, como a divulgação das blitzes policiais por meio de uma rede social por seus usuários. Tornou-se um hábito entre os usuários do Facebook divulgar no grupo denominado “Utilidade Pública”, comunidade exclusiva de usuários capixabas, os lugares nos municípios da Grande Vitória onde estavam sendo realizadas blitzes pela polícia.

Em janeiro de 2012 a justiça determinou a retirada das redes sociais de todas as comunidades ou grupos que tivesse a finalidade de divulgação sobre blitz da Lei Seca no estado do Espírito Santo. Entretanto, mesmo com o controle do Estado, o ciberespaço, como espaço estriado, por meio da ação de seus usuários, reterritorializa o espaço, criando metáforas para continuar divulgando as blitzes de

modo indireto. Sem possibilidade de conter a atuação dos usuários no grupo, os responsáveis pela rede social inabilitaram o grupo.

Ainda assim, os usuários da rede social Facebook reterritorializaram novamente o espaço para divulgação das blitzes. Desterritorializados do grupo “Utilidade Pública”, eles reterritorializaram um novo espaço para divulgação das referidas blitzes da Lei Seca, agora com o grupo denominado “Cidadão Capixaba – ES – UP”, o termo “UP” aparece claramente como uma referência ao antigo território “Utilidade Pública”. Nesse grupo mantêm-se as práticas de utilização de metáforas para a divulgação das blitzes, reforçando a afirmação de que o ciberespaço, mesmo estriado, é caracteristicamente nômade. Configurado como “grupo fechado” só são aceitos os participantes que solicitam participação após triagem dos responsáveis pelo grupo, um modo de controlar o acesso às publicações feitas pelo grupo.



Imagem 10: Detalhe da página do grupo “Cidadão Capixaba” da rede social Facebook

Fonte: arquivo pessoal

Nas publicações dos usuários ficam claras as metáforas criadas por eles para divulgar onde estão acontecendo as blitzes, como a seguinte publicação do usuário Cesar, que diz “luiza na descida da terceira ponte.sentido vix - vv, nao tem como escapar, fecharam a rua a direita e tem q ir reto e pegar autografo com ela. quem for

vir pra vila velha use a lindenbergl...se estiver livre..alguem tem noticia de la?". O usuário faz uso de outra personagem famosa graças às divulgações nas redes sociais, "Luiza"¹³, para referir-se à blitz e alertar aos usuários da rede que pretendem passar pela região.

Outro fato recente foi o caso do suposto estupro que teria acontecido em uma festa no reality Big Brother Brasil, em sua 12ª edição. Um participante foi acusado de ter abusado de uma outra participante, que estava desacordada e sem possibilidade de se defender por conta do excesso de bebida que havia ingerido durante uma festa. A polêmica gerada foi se houve estupro ou se a troca de carícias havia sido consensual. A sequência desencadeou um grande alvoroço na opinião pública, que comentou o caso e protestou nas redes sociais. A Rede Globo, responsável pelo programa, não teve escolha a não ser expulsar o participante do reality show, mesmo após a investigação policial sobre o caso ter confirmado por meio dos depoimentos dos dois envolvidos no caso que tudo havia acontecido de forma consensual entre os dois. Nesse sentido,

Como espaço estriado, o ciberespaço é, no entanto, desterritorializado por agenciamentos maquínicos, sociais e coletivos, criando reterritorializações. Essa é a dimensão comunicacional, social e política da cibercultura. O que tem feito do ciberespaço um mecanismo de liberação da emissão, de reconfiguração cultural e de sociabilidade coletiva em rede é a potência para a criação de linhas de fuga em um espaço de controle informacional. Essas linhas de fuga vêm obrigando a indústria do entretenimento e da cultura massiva a readaptações (LEMOS, 2005, p. XX).

E a escola, espaço historicamente territorializado que nos interessa, não está livre desta realidade. Muitas vezes a escola é desterritorializada e reterritorializada na dinâmica do ciberespaço, tanto na criação de sites e comunidades por alunos, sem autorização da escola, quanto na mediação de conflitos oriundos do ciberespaço e que a chegam até à escola influenciando diretamente em seu cotidiano.

¹³ Luiza Rabello se tornou uma celebridade instantânea. O pai de Luiza é o colunista social Gerardo Rabello, um dos mais bem conceituados nomes da alta sociedade paraibana. E, graças a esta fama, Gerardo e sua família foram convidados a estrelar uma propaganda de uma construtora de João Pessoa, que está lançando um novo condomínio. No vídeo, todos os familiares aparecem, exceto Luiza. A agência de propaganda responsável pelo comercial sugeriu que Gerardo especificasse que Luiza "estava no Canadá". E em um dado momento ele diz: "E é por isso que eu fiz questão de reunir toda a minha família, menos Luiza, que está no Canadá". A frase "Menos Luiza, que está no Canadá" tornou-se um bordão, muito utilizado em todas as redes sociais a partir da data da veiculação da propaganda.

Os processos de desterritorialização da escola podem também acontecer dentro do próprio espaço escolar por meio dos usos que os alunos fazem do território. A escola é projetada para atender suas necessidades específicas. Corredores, salas de aula, bibliotecas, quadras, são pensados e alocados nas plantas arquitetônicas de acordo com as funcionalidades desejadas pela instituição. O aluno ao vivenciar este espaço ressignifica-o, reterritorializando por meio de sua presença os sentidos propostos pela instituição para cada espaço, assim

[...] as mesas do pátio se tornam arquibancadas, pontos de encontro e relacionamentos. O corredor, pensado para locomoção é também utilizado para encontros, onde muitas vezes os alunos colocam cadeiras, em torno da porta. O corredor do fundo se torna o local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que “matam” aulas. O pátio do meio é re-significado como local de namoro. É a própria força transformadora do uso efetivo sobre a imposição restritiva dos regulamentos. (DAYRELL, 1996, p. 147)

As redes sociais apresentam-se então como mais uma possibilidade de ressignificação do espaço escolar, proporcionando outros modos de viver a escola que, muitas vezes, se opõem ao proposto pela mesma. Essas novas relações de desterritorialização e reterritorialização e suas consequências serão abordadas mais adiante. O ciberespaço será retomado como um espaço estriado, criador de novas fronteiras, novas sociabilidades e de novos conflitos, e todos esses são provenientes do contexto da cibercultura.

2.3.3 Cibercultura

O termo cibercultura surge por volta da década de 1970 com o invenção da microinformática. Nos anos 1980 vive-se o momento em que o ciberespaço se populariza e se insere na sociedade contemporânea. A informatização da sociedade se inicia com a disseminação dos microcomputadores, estabelecendo então uma cultura de redes. É essa conjunção entre sociedade contemporânea e ciberespaço que origina o que hoje denominamos cibercultura (LEMOS, 2002).

A sociedade contemporânea se aproveita do potencial que as novas tecnologias têm de interligar as pessoas por meio de chats, redes sociais, e-mails, fazendo do ciberespaço um lugar onde é possível estar só sem estar isolado (Idem, p. 113).

Tudo se inicia com as web câmeras que possibilitam a publicização do espaço privado, revelando a intimidade e o cotidiano das pessoas. Nesse mesmo caminho surgem as redes sociais da internet, novos espaços de sociabilidade nos quais é possível divulgar inúmeras informações e imagens pessoais. Desse modo, a publicização do espaço privado pelas novas tecnologias faz com que o mais banal da vida se torne “arte”, e o espectador não é mais aquele sujeito distante e sim próximo ao emissor das mensagens (sejam imagens e/ou textos privados); revelar a própria privacidade é uma espécie de estabelecimento de proximidade com o outro.

É esse novo espaço-tempo de organização social que permeia a construção da identidade adolescente. Seduzidos pelo discurso de liberdade característico da sociedade mediatizada, os jovens constituem-se sob a influência da mídia, da virtualização da vida, da publicização do privado, fazendo de espaços diversos espaços de socialização, e entre eles o ciberespaço, mais um lugar para a formação de sua identidade/alteridade.

No contexto da cibercultura intensifica-se a virtualização da vida e nos imensuráveis domínios do ciberespaço surge uma série de possibilidades para os sujeitos relacionarem-se, entre elas as “redes sociais”, espécie de comunidade virtual onde é possível ser e estar de diversos modos, forjando identidades variadas, sendo apresentado apenas por retratos que podem ser, inclusive, o que o sujeito gostaria ser, ou como ele gostaria de ser visto por quem o olha.

Para a compreensão desse sujeito envolto pelo universo da cibercultura e dos modos como ele constitui sua identidade ou suas múltiplas identidades é necessário ir além da conceituação de sujeito pós-moderno, e pensá-lo também a partir deste novo cenário. Nesse sentido, afirma Landowski:

Nessas condições, fazer o retrato de um indivíduo não poderia consistir unicamente em isolar o que o diferencia dos outros: ao contrário, será

preciso multiplicar as tomadas de cena de sua pessoa para apreender como, apesar de permanecer nominalmente a mesma pessoa, ele difere dele mesmo não somente na duração, ao longo da vida (isto é, por razões exteriores, ligadas aos escoamento do próprio tempo e à diversidade dos contextos), mas também sincronicamente, em função de uma necessidade intrínseca que se deve ao simples fato de que, sob nenhum ponto de vista, ele é apenas um (2004, p. 42-43).

Um grande número de adolescentes utilizam perfis identitários nestas comunidades virtuais, que em sua maioria são permitidas somente para maiores de 18 anos. Mascarando a própria idade, alterando um significativo caráter de sua identidade, eles criam seus perfis e fazem dali um espaço de convivência social, assim,

a alteridade não se faz face a face, mas mente a mente, através da rede mundial de computadores e disponível para que seja acessada, selecionada e transformada em ação concreta que se modifica todos os dias, mas ainda assim disponível à vida (FERRARA, 2008, p. 133).

Fazem amigos, participam de comunidades com as quais compartilham ideias, criam álbuns fotográficos, trocam mensagens, interagem com as fotografias dos amigos, e vão assim constituindo identidade, encontrando seus grupos, abrindo espaços para novos relacionamentos.

De todas as sociabilidades possíveis nas comunidades virtuais interessam-nos os álbuns de fotografias. Nesses álbuns os adolescentes encontram espaço para se afirmarem, e afirmarem sua posição em determinados grupos. Acreditando que esta prática contribui para a construção da identidade desses adolescentes, pretendemos compreender como a partir dos modos como se apresentam esses jovens estão constituindo sua identidade. As fotografias também apresentam os espaços sociais/físicos dos quais estes jovens fazem parte. Ainda em idade escolar, a escola aparece como cenário, espaço de socialização, muito frequente. Pretendemos apreender também os modos como a escola é apresentada e como essas apresentações inferem no cotidiano escolar.

3. METODOLOGIA

Ao pensar o processo que envolveria o desenvolvimento do estudo proposto ficou claro, desde o início da pesquisa, que estávamos no campo da pesquisa qualitativa na qual a metodologia foi o estudo de caso a partir de um grupo focal. Segundo Chizzotti,

O Estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (2010, p. 102).

O estudo de caso não permite considerações conclusivas generalizadas, pois não se trata de uma pesquisa ampla, de caráter verificatório. Mas os conhecimentos sobre pessoas ou fenômenos permitem um ganho ao lançar um olhar sobre o todo e deter-se mais num único aspecto. Segundo Laville e Dionne (1999, p. 156), a principal vantagem do estudo de caso é “[...] a possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se veem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos [...]”.

Como nossa proposta de estudo é investigar os modos de construção de identidade por meio dos álbuns virtuais do Orkut e como a escola é apresentada pelos alunos em seus álbuns, a pesquisa teve dois momentos de coleta de dados: no primeiro momento estivemos no espaço físico da escola, em contato direto com os alunos, observando e ouvindo suas opiniões sobre redes sociais; o segundo momento foi de observação dos álbuns no espaço virtual da rede social Orkut. Nesse momento não mantivemos mais o contato pessoal físico com os alunos na escola, apenas as amizades¹⁴ por meio da rede social Orkut, a qual nos possibilitou o estudo dos álbuns virtuais.

Por entendermos que para a compreensão do nosso objeto de estudo é necessária a experimentação do espaço e a imersão no ambiente pesquisado, pelo simples fato de que as pesquisas definidas como Estudo de Caso necessitam de diversas técnicas de coleta de dados, utilizamos os seguintes meios para a coleta de dados no período em que permanecemos na escola: questionário, observação participante e análise dos discursos enunciados durante as rodas de conversa. Após a imersão no ambiente escolar, partimos para o Orkut, mais especificamente para os álbuns dos sujeitos participantes da pesquisa, coletando as informações das páginas por meio de “*print screen*”¹⁵ para futuramente selecionarmos quais seriam analisadas.

O estudo de caso se inicia com a autorização para a sua realização. Para tanto, ao selecionar o espaço educativo, tivemos a possibilidade de realizar a pesquisa no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, localizado do Município de Vitória - ES. Destacamos que no município de Vitória existem duas unidades do Colégio Salesiano, uma localizada no bairro Jardim Camburi e outra no bairro Forte São João, onde foi realizado este estudo.

A escolha pelo Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória deu-se pelo fato de nos interessar realizar a pesquisa no âmbito de uma escola particular de classe média, por acreditarmos que nesse espaço o uso de redes sociais pelos alunos é de maior

¹⁴ Amizade virtual é aquele que se dá no contexto do ciberespaço. Ela pode acontecer exclusivamente pelo território do ciberespaço, ou pode surgir de um relacionamento que já existe na vida real e que se estende para as redes sociais

¹⁵ Print Screen é um tecla do teclado do computador que captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela.

constância. O Colégio Salesiano surge em nossa trajetória por ser uma escola que atendia nossos propósitos investigativos e por ter demonstrado, logo em primeira conversa, receptivo à pesquisa que pretendíamos realizar.

3.1 NA ESCOLA

O primeiro contato com a escola foi realizado no dia 02 de junho de 2011, em uma reunião com a Diretora Pedagógica da unidade Forte São João. Ao apresentarmos o projeto de pesquisa a diretora demonstrou grande interesse em que aquela unidade da rede salesiana fosse nosso lócus de estudo. Durante a nossa conversa ela relatou que há algumas semanas a escola havia enfrentando um grande problema advindo de uma espécie de rede social. Tratava-se de um blog que foi criado por duas alunas do colégio que divulgavam informações sobre a escola que, segundo a direção, não condiziam com a realidade vivenciada no espaço escolar.

No blog as alunas faziam denúncias de que no interior da escola nem todas as regras eram cumpridas e explicitavam os modos como os alunos as burlavam. Havia também um espaço onde os alunos exprimiam suas opiniões mais pessoais sobre o corpo docente da escola de modo que, segundo a direção, difamavam e caluniavam pessoal e profissionalmente alguns professores do colégio.

A diretora exprimiu então a fragilidade que a escola tem com relação ao controle dos usos de internet que envolvem direta ou indiretamente a ela. Afirmou também a dificuldade que a escola via em controlar as ações dos alunos fora do espaço escolar, ou seja, no espaço virtual, ações essas que traziam consequências para o cotidiano da escola.

Um outro fato que havia acontecido na escola, no final de 2010, foi a criação de uma página na rede social “Formspring”¹⁶, onde foi feita uma série de ofensas a um grupo de alunas de uma turma de 9º ano. A Diretora disse que, no dia seguinte à criação

¹⁶ Formspring é uma rede social que permite que os usuários recebam perguntas de outros usuários ou de pessoas não cadastradas. O usuário pode responder ou não as perguntas feitas para ele.

desta página, os pais das alunas que haviam sido ofendidas compareceram à escola cobrando uma atitude da direção. A escola teve que investigar quem criou a página e penalizá-los, independentemente de a página ter sido criada fora do horário e do ambiente escolar.

Diante desses dois casos recentes, a Diretora entendeu que nossa atuação na escola poderia contribuir com a sensibilização e a conscientização dos alunos com relação aos usos das redes sociais.

De início, a diretora vinculou a nossa atuação às aulas de Ensino Religioso que, segundo informações da escola, não têm um cunho catequético, mesmo que por ser uma escola católica pudesse seguir esta linha. Explicou que as aulas de ensino religioso têm como base discussões sobre as relações pessoais, religiosidade, respeito ao próximo, entre outros assuntos. A escolha pelas aulas de ensino religioso se deu por acreditar que essa era uma disciplina de conteúdo flexível e o professor responsável é o que tem maior proximidade com os alunos.

Em comum acordo com a direção da escola, decidimos iniciar a pesquisa após o recesso do mês de julho. Preocupava-nos iniciarmos o processo e termos que interrompê-lo e dar continuidade após as férias de julho: corria-se o risco de perder o foco dos alunos.

Voltamos à escola na primeira semana de agosto. Nos interessava, então, saber quais seriam os sujeitos da pesquisa. Para isso elaboramos um questionário que, com base em suas respostas, nos indicaria qual turma fazia maior uso do Orkut. Aplicamos o questionário nos dias 03 e 04 de agosto, nas duas turmas de 8º ano com alunos de aproximadamente 13 anos, e na turma única de 9º ano, com idade aproximada de 14 anos; as três turmas funcionavam no período vespertino (Apêndice C). Segundo Martins, “o questionário é um importante e popular instrumento de coleta de dados para uma pesquisa social” (2008, p. 36).

Durante a aplicação do questionário eu explicava quem eu era, de onde e qual era o meu interesse com a pesquisa. Por um momento os alunos ficaram preocupados se

eu era uma espécie de “espiã” da escola. Só ficaram mais tranquilos quando eu disse que não precisavam se identificar no questionário e que todos deveriam usar caneta azul, para que nenhuma identificação pudesse ser feita.

Para a nossa surpresa, o questionário apresentou resultados muito próximos para as duas séries. Optamos então pelas turmas de 8º ano por três motivos: primeiro porque eram duas turmas, o que ampliaria o número de sujeitos participantes: segundo que, logo no primeiro contato, as turmas do 8º ano demonstraram uma certa ansiedade em falar sobre o assunto: e, por fim, por serem adeptos em maior parte do Orkut, mesmo sendo hoje o Facebook uma rede em expansão, que vem ganhando espaço entre os usuários do Orkut.

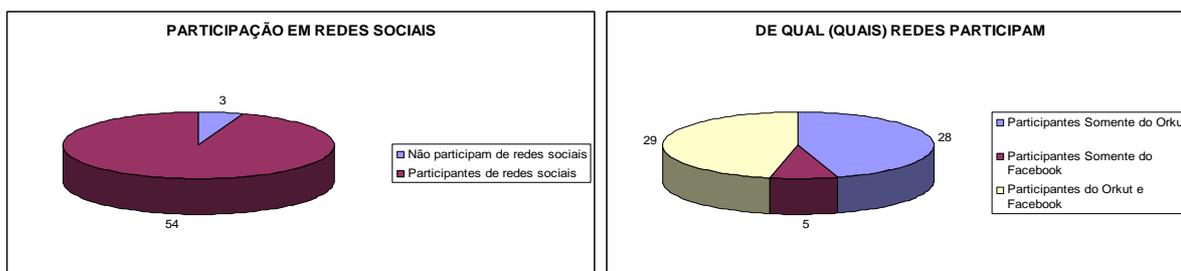


Gráfico 1 – Participação em Redes Sociais

Gráfico 2 – De qual (is) rede(s) sociais participa(m)

As duas turmas de 8º ano somam 63 três alunos, destes, 57 estavam presentes e responderam ao questionário. Dos 57 alunos participantes a maior parte deles tem entre 12 e 13 anos, faixa etária correspondente à série que cursam, sendo a 33 meninas e 24 meninos.

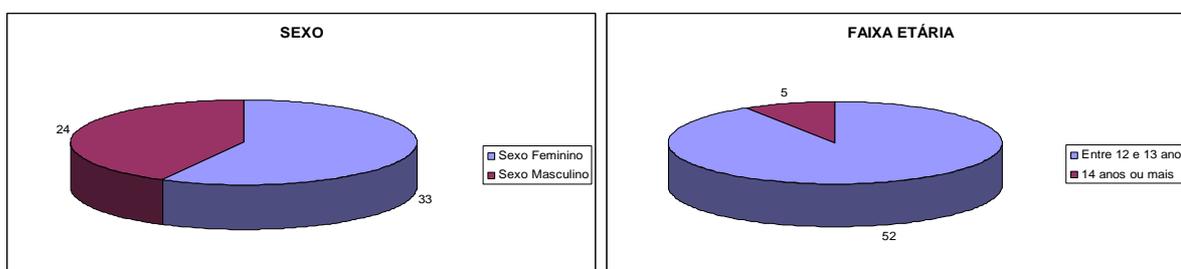


Gráfico 3 – Identificação quanto ao sexo

Gráfico 4 – Identificação quanto à idade

Quando questionados quanto ao acesso todos alegam ter acesso à internet, sendo a maior parte deste acesso realizado em casa, diariamente. Muitos alegam que o acesso é feito sem monitoramento dos pais, mas durante as rodas de conversa muitos declararam que os pais descobrem o que fizeram pela rede social. Parece que os pais fazem uma espécie de monitoramento velado, sem que os adolescentes se sintam completamente vigiados. Entretanto esse monitoramento não nos parece uma espécie de regulação dos usos que o adolescente faz da/na internet, e sim um modo de descobrir, via redes sociais, algum desvio de comportamento do filho.

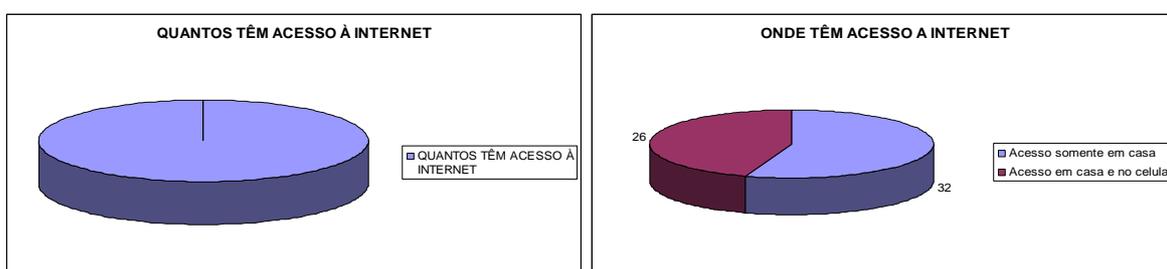


Gráfico 5 - Têm acesso à internet

Gráfico 6 - Local de acesso à internet

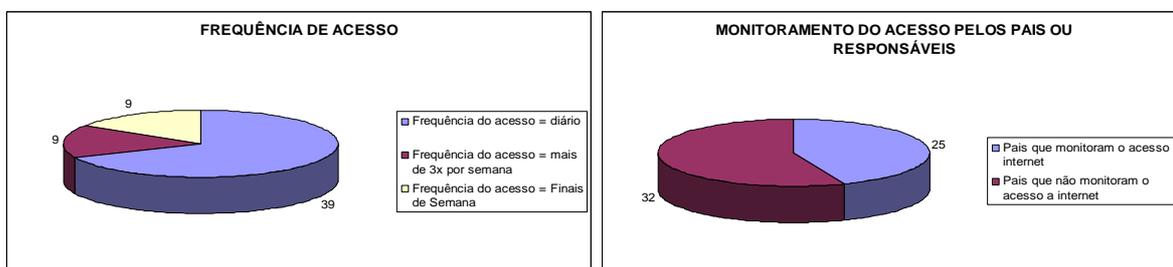


Gráfico 7 – Quantas vezes por semana acessa a internet

Gráfico 8 – Monitoramento do acesso à internet pelos pais

Ao serem questionados sobre a frequência com que acessam as redes sociais, a maior parte dos alunos alega ter acesso diário, o que reitera a nossa hipótese de que a presença nas redes sociais funciona como uma espécie de fazer diário e que as práticas de veicular imagens estão diretamente ligadas a esse fazer, configurando uma espécie de diário visual/virtual.

Questionamos também se eles tinham entre seus amigos da rede social os professores da escola. A maior parte diz que sim, mas em conversa com a direção da escola fomos informados que a instituição orienta que seus professores não

tenham perfil em redes sociais e se tiverem não compartilhem com os alunos, pois acreditam que os alunos não têm maturidade para separar o mundo virtual do mundo real e acabam confundindo a relação que estabelecem com o professor, desse modo evitariam qualquer desconforto ou problemas maiores com os alunos e até mesmo com seus pais.

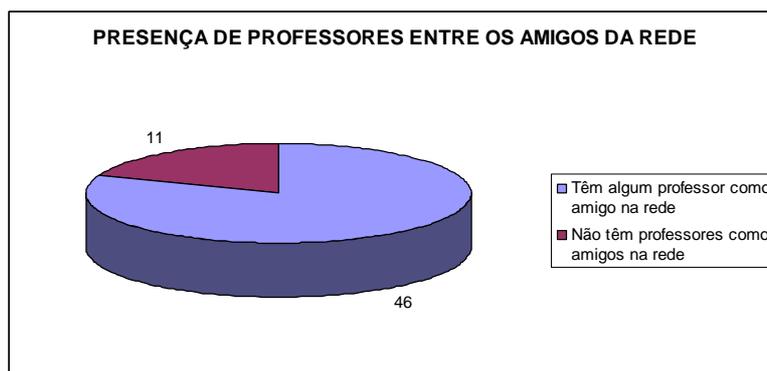


Gráfico 9 – Têm algum professor como amigo na rede social?

A última questão falava sobre os modos como a rede social influencia diretamente a rotina da escola e como um acontecimento no espaço virtual afetava as relações interpessoais dentro do espaço físico institucionalizado. Dos 42 alunos que declararam que têm conhecimento de algum fato que tenha acontecido na rede e que influenciou diretamente no cotidiano da escola, noventa e cinco por cento relatam a criação do blog e apenas 5 por cento relatam histórias de bullying por meio de criação de comunidades no Orkut.

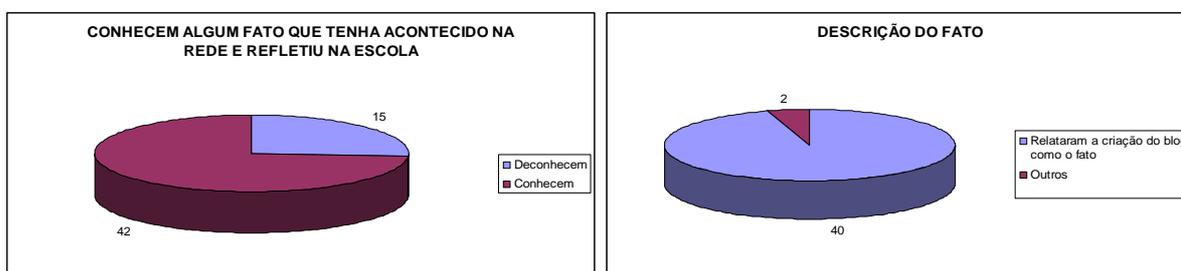
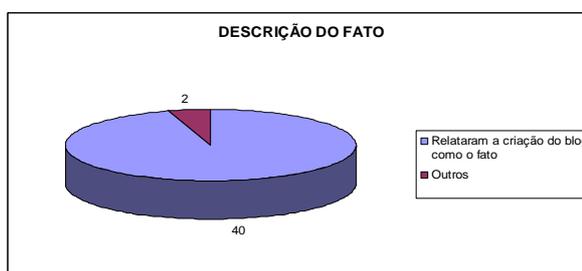


Gráfico 10 – Alguma vez ouviu notícia ou presenciou um episódio ocorrido em alguma rede social que tenha gerado algum problema na escola?

Gráfico 11 – Descrição do episódio



Conforme afirmado acima e demonstrado no gráfico 2, dos 57 alunos que responderam ao questionário, 28 participam exclusivamente do Orkut e 29

participam simultaneamente do Orkut e do Facebook, o que reforça a afirmação de que, para esta faixa etária, o Orkut ainda é a rede mais utilizada.

Por acreditarmos que os dados não são informações isoladas, durante todo o percurso deste estudo recorreremos também a outros instrumentos, como diário de bordo e grupo focal, que nos possibilitaram registros de informações que não foram evidenciadas no questionário. Com o grupo focal definido por meio do questionário, optamos pela realização de 3 rodas de conversa com duração de 50 minutos para ouvirmos dos sujeitos participantes da pesquisas suas opiniões acerca das redes sociais e dos álbuns virtuais.

A escolha pelas rodas de conversa apresentou-se como contraponto ao método quantitativo utilizado, o uso dos questionários. Enquanto este método tinha como objetivo identificar quantitativamente as turmas para futuramente encontrarmos qual delas apresentava o grupo focal mais próximo de nossa pesquisa, as rodas de conversa possibilitariam uma interação entre os sujeitos participantes, de modo a proporcionar a socialização de seus posicionamentos socioculturais, o que não poderia ser percebido somente com o uso dos questionários.

Partindo do princípio hermenêutico¹⁷ contemporâneo de se fazer pesquisa, encontramos na roda de conversa o meio para nos entregarmos ao objeto de pesquisa e permitir que ele definisse os caminhos que deveríamos trilhar. Inicialmente as rodas se apresentavam como um meio para nos aproximarmos dos adolescentes e ganharmos confiança para que futuramente eles nos aceitassem como amigo na rede social. Entretanto, percebemos que durante as rodas novas informações surgiam e as falas, gestos, posturas e interações que guiariam a pesquisa para além da análise dos álbuns virtuais como locus de investigação para encontrar os modos de construção de identidade e alteridade como pretendíamos inicialmente. A própria roda de conversa mostrou-se ponto de partida para tal, assim

¹⁷ A hermenêutica contemporânea surge no contexto do pós-estruturalismo e em seus princípios a tarefa da filosofia é continuar a conversação da espécie humana. Apresenta-se como uma possibilidade para as pesquisas em educação e na pesquisa social contemporânea. Tem como formulador o filósofo Hans-Georg Gadamer. (GRUN, COSTA, 1996)

pesquisadores e pesquisadoras que se colocam em uma postura investigativa hermenêutica vão se modificando durante a pesquisa, redefinindo-se em horizontes de sentido que abalam suas certezas prévias e produzem novas asserções [...] Uma postura hermenêutica significa estarmos não apenas abertos/as mas expostos/as às novas possibilidades presentes nos objetos. (GRUN, COSTA, 1996, p.100-101)

Quando retornamos à escola para as rodas de conversa nos deparamos com uma nova situação. Um professor havia saído da escola e, por conta disso, todos os horários haviam sido mudados. Os horários das aulas do professor de ensino religioso não eram mais possíveis de serem utilizados. Nesse momento percebemos que já havíamos ganhado a confiança da direção da escola que, preocupada em manter a realização de nossa pesquisa no Colégio Salesiano, nos autorizou a entrar nas salas nos horários que melhor nos atendessem, independentemente da aula. Assim, fizemos um cronograma de atuação e realização daquilo que denominamos “rodas de conversa”.

As rodas de conversa se configuraram em um espaço de discussão dentro das turmas 8º ano A e 8º ano B sobre os usos e funções do Orkut, abrindo espaço para reflexões sobre as fotografias que são veiculadas, sobre como o site de relacionamentos chega até a escola e como a escola chega no site e sobre as consequências desses processos.

Em nosso cronograma teríamos 3 rodas de conversa, que foram realizadas entre os dias 13 e 16 de setembro. Definimos que seria interessante concentrar as rodas de conversa em datas próximas. Temíamos que um espaçamento entre os encontros dificultasse a criação de vínculos entre a pesquisadora e os sujeitos, e os vínculos eram imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse momento, iniciamos a primeira etapa de nossa observação participante a partir daquilo que Martins define como “Focus Groups” uma espécie de entrevista focalizada de grupo: “Trata-se de um tipo de entrevista em profundidade, realizada em grupo. Tem como objetivo a discussão de um tópico específico” (2008, p. 28).

No primeiro encontro, explicamos mais detalhadamente para os alunos do que se tratava a pesquisa. Pedi autorização de todos para que as falas fossem gravadas e

entreguei a eles os termos de autorização dos responsáveis para participação de seus filhos na pesquisa e futuro uso das imagens selecionadas no Orkut. (Apêndice B). Isso porque, de acordo com Martins (2008, p. 09),

“O trabalho de campo – Estudo de Caso – deverá ser precedido por um detalhado planejamento, a partir de ensinamentos advindos do referencial teórico e das características próprias do caso. Incluirá a construção de um protocolo de aproximação com o caso e todas as ações que serão desenvolvidas até se concluir o estudo.”

Logo nesse primeiro momento, expliquei que no último de nossos encontros eu solicitaria amizade para eles no Orkut e aqueles que se sentissem à vontade para disponibilizar seus álbuns para a pesquisa que aceitassem a amizade, mas que só participariam aqueles que trouxessem a autorização dos responsáveis.

Para iniciar as discussões sobre os usos do Orkut, elaborei uma série de disparadores de discussões (eram questionamentos, temas e frases para dar início à conversa, por exemplo, “O que vocês fazem na rede social?”, “É possível fazer novas amizades a partir do Orkut?”). Após as primeiras falas, as conversas fluíram com facilidade, e conseguimos estabelecer um certo grau de confiança com os alunos ao ponto que muitos solicitaram amizade na rede logo após o primeiro encontro.

Durante os encontros pude observar pelas falas dos alunos que a maior parte da turma tem um perfil no Orkut e poucos tinham perfil no Facebook. Julgam essa última rede como sendo muito séria. Essa rede tem como fio condutor um disparador de interações onde o usuário é convidado a escrever “o que está pensando agora”. Para os adolescentes participantes da pesquisa, o Orkut é a rede social preferida por possuir um espaço específico para depoimentos, e o Facebook não, além de que as fotografias veiculadas nos álbuns do Orkut contabilizam o número de visualizações, ou seja, quantas pessoas acessaram e visualizaram determinada fotografia.

Para eles, ter uma imagem visualizada por muitas pessoas é sinônimo de popularidade na rede e o depoimento é importante *“porque diz o quanto as pessoas*

gostam de você”¹⁸, e assim, logo que a pessoa acessa a sua página, *“ela já vê o que as pessoas acham de você”*. Segundo eles, ter depoimentos é tão importante e chega a ser um dos fatores determinantes de aceitação ou não de uma solicitação de amizade.

Durante a conversa, questionamos também se os pais deles controlavam o uso da internet e se tinham acesso aos seus perfis nas redes sociais. De primeira muitos negaram que os pais fazem o controle do uso, mas logo depois surgiram alguns relatos de que os pais acabam descobrindo muitas coisas que eles fazem ou fizeram por meio da rede social. Segundo eles, alguns pais criam um perfil na rede como modo de fiscalizar a vida do filho. Outros criam porque gostam de redes sociais.

A maior parte deles, cujos pais têm um perfil na rede social, tem os pais como amigos, o que pode ser um problema. De acordo com os adolescentes, a presença do pai na rede se torna um ponto de controle da liberdade que a rede oferece para o adolescente.

Começamos então a conversar sobre os álbuns para saber deles a importância de ter fotografias no Orkut, como eles gostam de se fotografar e como escolhem as poses, etc. Nesse momento o domínio das falas foi das meninas, e elas mesmas se definem como as que mais gostam de se fotografar. Afirmam que os meninos quase não têm fotos e quando têm é sempre algo com relação ao seu time de futebol.

De acordo com as meninas, o álbum é uma das coisas mais importantes do Orkut, pois *“a fotografia da pessoa diz como ela é”*, e é antes dos depoimentos o fator que mais influencia na escolha da amizade. Perguntamos a eles, então, como a fotografia do álbum determina a aceitação ou não da amizade, e surge a seguinte resposta *“ah, por exemplo, se você entra no álbum da pessoa e lá só tem foto de gente esquisita, tipo, o pessoal do morro, sabe, é claro que eu não aceito a amizade”*. Então pergunto se a fotografia diz do que a pessoa gosta e de que tipo de pessoas ela gosta, e uma delas responde *“claro, a gente sabe logo com quem ela anda”*.

¹⁸ Fala de uma aluna. Todas as frases marcadas em itálico entre aspas são transcrições de falas dos sujeitos da pesquisa.

Eles afirmam também que acabam aceitando a amizade de algum colega da escola com o qual não conversam pessoalmente simplesmente por terem percebido algo em comum em seus álbuns, algum gosto ou até algum conhecido em comum. Assim, a rede social se torna um mediador na constituição de amizade, coisa que o espaço físico e a convivência face a face ainda não tinham conseguido. Por outro lado, eles afirmam que algumas amizades só existem no espaço virtual, podem até aceitar determinado colega no Orkut como amigo, mas a amizade não é reverberada no espaço físico da escola. Isso geralmente acontece com os mais tímidos ou intimidados pelo grupo, por terem um comportamento que não segue os padrões ditados pelo grupo dominante.

Um bom exemplo disso é a presença na turma 8º ano A de um aluno com déficit intelectual e de aprendizagem¹⁹, que no espaço físico da escola é respeitado mas não está totalmente incluído em nenhum dos grupos da turma. O aluno permanece quase o tempo todo sozinho, sem um grupo de amigos. Já na rede social esse aluno, que também tem um perfil no Orkut, é amigo de todos da turma que também fazem parte da rede, contudo o universo da amizade não passa da virtualidade.

Desse modo o espaço do Orkut configura-se como lugar de *não-disjunção*, onde o Outro é admitido, passando a ser parte do *aqui*. Mas, para que isso aconteça, é necessário um mínimo reconhecimento de sua alteridade num traço de identificação, no caso, o reconhecimento da diferença é aceito por saberem que o Outro é um sujeito que faz parte, mesmo que teoricamente, do grupo de alunos da turma 8º ano A do Colégio Salesiano.

De acordo com a fala dos alunos, as fotografias dos álbuns podem formar grupos ou separar os grupos também. Mas tem uma fala que nos intriga e nos leva a retornar a ela; é a fala sobre as fotos que eles denominam “*tipo do morro*”, uma vez que

[...] a simples vida “em comum” dos grupos sociais, com as desigualdades, em primeiro lugar, de ordem econômica, com as segregações de fato (por exemplo, em termos de emprego, de habitat, de escolaridade) que ela gera, e com todas as outras disparidades latentes que ela torna manifestas,

¹⁹ Informações coletadas na ficha do aluno.

fornece uma infinita variedade de traços diferenciais imediatamente exploráveis para significar figurativamente a diferença posicional que separa logicamente o Um do seu Outro (LANDOWSKI, 2002, p. 13).

Então levantamos outro questionamento. Perguntamos para o grupo se existe diferença entre a fotografia que eles fazem e a fotografia que um aluno de uma escola pública da periferia²⁰. Por unanimidade eles dizem que sim, afirmam que as meninas da escola pública ou da periferia se apresentam sempre com mais sensualidade do que elas. Que elas são mais comportadas. Dizem que acreditam que isso acontece porque a educação delas é mais rigorosa e que na própria escola em que estudam, se agissem assim, não seriam aceitas. Este entendimento pode ser justificado pelo fato de que

[...] esses jovens que chegam à escola são resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas onde se inserem e as suas contradições. Os alunos podem personificar diferentes grupos sociais, ou seja, pertencem a grupos de indivíduos que compartilham de uma mesma definição de realidade, e interpretam de forma peculiar os diferentes equipamentos simbólicos da sociedade (DAYRELL, 1996, p. 142)

Percebe-se nas falas dos alunos que “o Outro se encontra de imediato desqualificado enquanto sujeito: sua singularidade aparentemente não remete a nenhuma identidade estruturada” (idem, p. 07), não por eles enquanto grupo social, que poderíamos definir aqui como “*não - do morro*”. Desse modo, a diferença no modo de se apresentar do grupo “do morro”, ou seja, sua alteridade, configura-se como vinda de *alhures*.

Nessa situação, o Orkut se caracterizaria como o lugar de disjunção, onde a foto postada no álbum conduz à exclusão do usuário. Isso só se dá quando o Outro não tem como ser “assimilado”, ou sequer “admitido”, já que seu comportamento não condiz aos padrões socioculturais do grupo dominante, em nosso caso, os estudantes do Colégio Salesiano.

²⁰ Sabemos que nem toda escola pública está na periferia, mas o referencial social do grupo de alunos do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória com o qual estávamos trabalhando era esse o imaginário de escola pública, sempre periférica e para sujeitos da periferia.

Essa discussão levanta um questionamento que já era imanente no início do doutoramento, quando me propus a investigar a construção da identidade adolescente por meio das fotografias postadas nos álbuns do Orkut. Ora, se eles se reconhecem, se identificam ou não, pelo tipo de pose que foi clicada, pergunto, então, como escolhem as poses que vão fazer nas fotografias?

Ficou claro que as poses faziam sentido, significavam algo para um grupo, fosse para incluir ou para excluir: conforme nos ensina Landowski, eram fatores de “assimilação” ou “exclusão” e isso principalmente em relação à escola e as relações que ali se dão.

Interessa saber se realmente existia “uma instância semiótica – um “sujeito” qualquer, individual ou coletivo – que se encarregava concretamente de efetuar as operações de seleção e de investimento semântico correspondentes” (idem, p.13).

Nesse momento, de discutir essa instância semiótica, a conversa se torna exclusivamente feminina. Os meninos se dispersam, e, sempre que os chamamos para a conversa, as meninas dão um jeito de dominar o debate. Elas afirmam que às vezes elas veem uma foto em uma revista que acharam legal e acabam copiando, principalmente as da revista *Capricho*²¹, revista que tem como destinador o público Teen (e entre seus leitores o domínio são meninas de 10 a 19 anos, da região Sudeste, pertencentes as classes sociais B e C)²².

Daí a resposta a um questionamento que vínhamos fazendo desde a definição inicial do problema dessa pesquisa: a mídia tem grande influência na escolha das poses, principalmente para as meninas que fazem parte do nosso grupo focal, que atendem a todos os perfis de leitoras da revista. Disseram também que as poses têm época e idade, cada faixa etária acaba tendo uma preferência.

A revista *Capricho* funciona como uma instância semiótica que contribui com a composição do inventário de estereótipos a serem seguidos pelo grupo de

²¹ Revista quinzena publicada pela editora Abril direcionada ao público adolescente feminino.

²² Disponível em: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/capricho/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 29 de jan. de 2012

adolescentes de classe média, formado, em nosso caso, pelas estudantes do Colégio Salesiano. Desse modo, o discurso da revista de moda e comportamento, voltada exclusivamente para adolescentes, cumpre seu papel de “estabilizar os sistemas das ‘figuras do Outro’, que estará, temporariamente ou duradouramente, em vigor no espaço sociocultural considerado” (LANDOWSKI, 2002, p. 13).

Houve um período em que a moda era “fazer biquinho” e o que está em alta, no momento da pesquisa era mostrar a língua e fazer o símbolo “paz e amor” com os dedos. As meninas afirmam que os meninos quase não possuem fotos deles no álbum e, quando têm, é sempre dando uma de machão, apontando o dedo indicador para frente deixando o polegar para cima ou então, fazendo “*hang loose*”²³.

Esse repertório de poses é comumente utilizado nas publicidades ou chamadas de matérias da referida revista. Recorremos às imagens veiculadas na revista e percebemos o quanto elas se assemelham às fotografias feitas pelas adolescentes, (referimo-nos não só às imagens de publicidade, mas também às fotografias da capa da revista).



Imagem 11: Capas da revista Capricho de 09 de maio de 2010 e 28 de agosto de 2011, respectivamente.

Fonte: arquivo pessoal

²³ Hang Loose é um gesto comumente usado pelos surfistas para saudação. É feito com uma das mãos com os polegares e mindinhos eretos e os outros dedos fechados.

Encontramos também uma série de imagens feitas por adolescentes que leem a revista, muito semelhante às poses escolhidas pelos sujeitos dessa pesquisa. São fotografias enviadas à revista para o chamado “Fotolog”, que é um espaço na revista destinado exclusivamente para divulgar fotografia das leitoras da Capricho.



Imagem 12: Fotologs publicados na Revista Capricho de 01 de agosto de 2010 e 08 de maio de 2011, respectivamente.

Fonte: arquivo pessoal

A fala das alunas se confirma quando acessamos às páginas de um dos meninos que nos autorizaram a acessar seu álbum para a pesquisa. Em seu álbum pessoal do Orkut não tem nenhuma foto, as existentes relacionadas a ele são fotos postadas por algum amigo da rede onde ele foi identificado. Ao observar a imagem escolhida por ele para o perfil percebemos que o modo como ele se apresenta é exatamente com a gestualidade que as meninas descreveram, as mãos ameaçam formar um hang loose mas unidas aparentam uma simples saudação com o polegar.

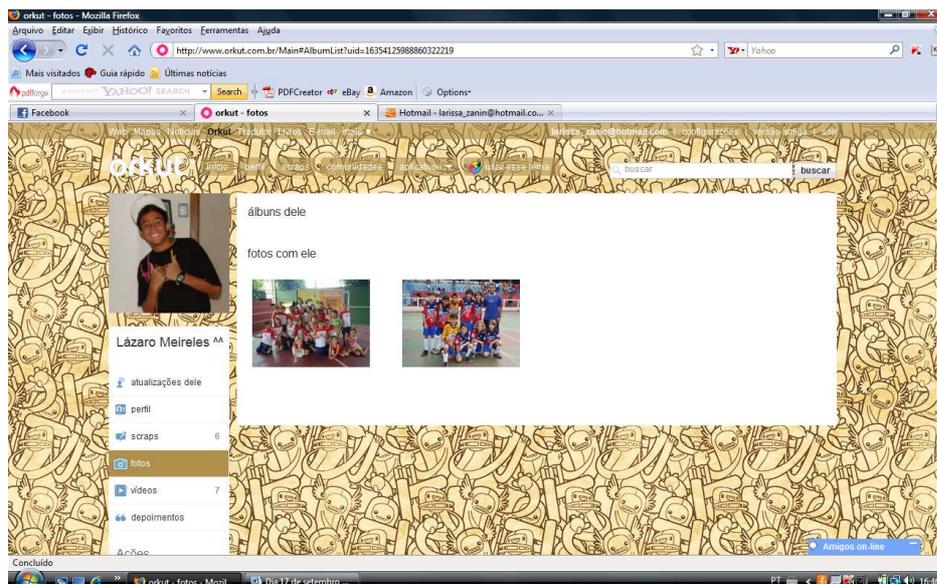


Imagem 13: Perfil no Orkut de um dos sujeitos da pesquisa.
Fonte: arquivo pessoal

Com um acesso diário ao Orkut, os adolescentes atualizam os álbuns com grande frequência, dando destaque a acontecimentos recentes. Um exemplo disso é o fato de que meses antes à realização da pesquisa na escola os atletas dos times do colégio haviam participado de uma competição entre as escolas da rede salesiana na cidade de Resende, no estado do Rio de Janeiro, denominado Intersalesianos. A maior parte das atletas que participaram da competição criou um álbum específico para as fotografias feitas durante o período de participação na competição.

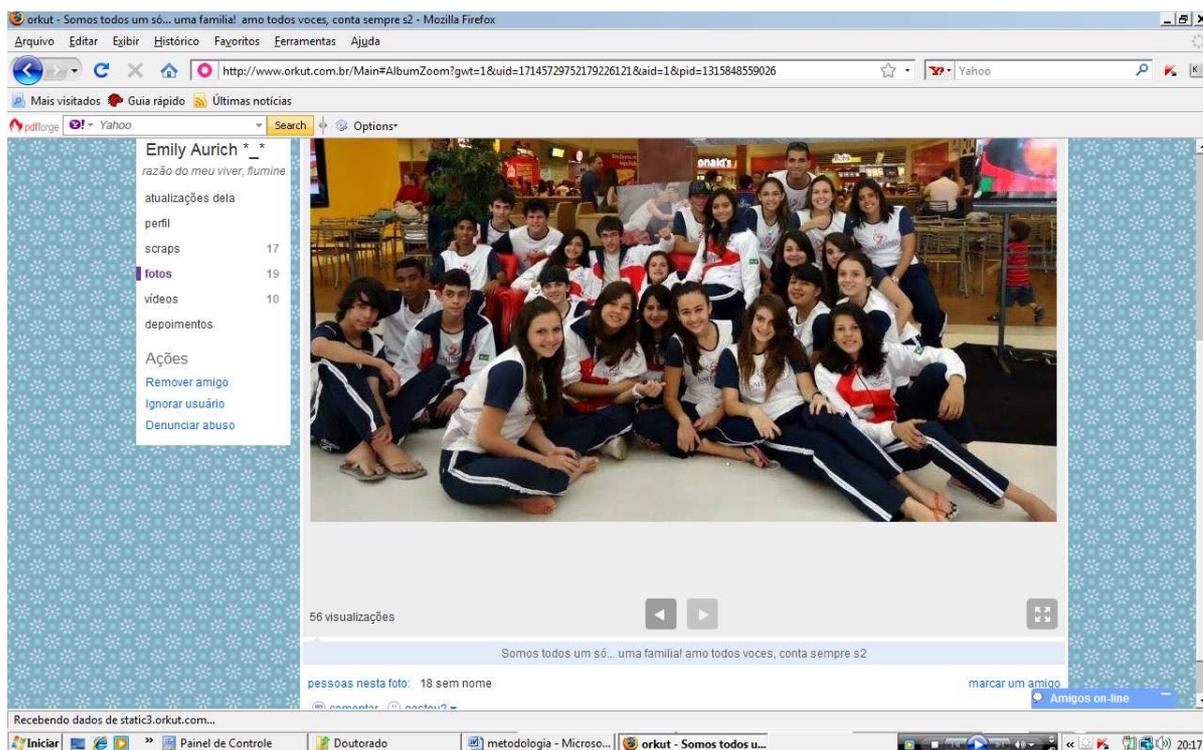
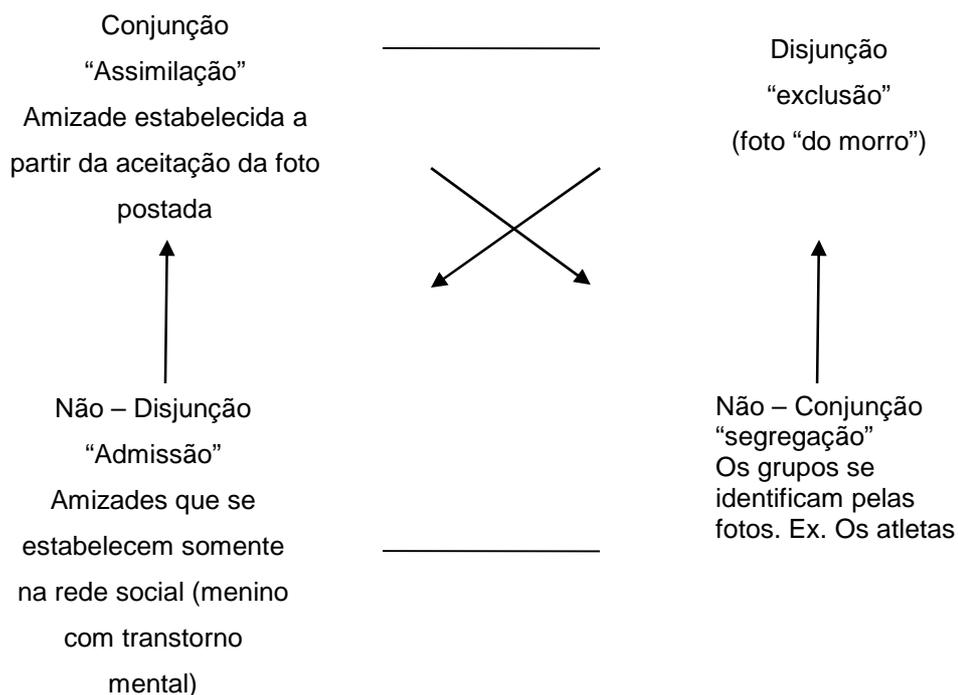


Imagem 14: Detalhe do álbum de um dos sujeitos da pesquisa
Fonte: Arquivo Pessoal

Os atletas receberam um uniforme específico para participarem dos jogos que os identificava como sendo da unidade Forte São João. A escola autorizou o uso desse uniforme, mesmo após o período de competições, o que também serviu como um formador de grupos, todos que tinham o casaco pertenciam ao grupo dos atletas, e os atletas têm um espaço de destaque na escola entre os alunos, são os mais populares. Daí, então, a importância de ter no álbum uma fotografia que o identifique como atleta, de uniforme entre os seus.

Temos assim, na esteira de Landowski, o seguinte esquema para os casos como o descrito anteriormente:



As rodas de conversa foram muito importantes para a realização da pesquisa. Nesses três dias de convívio estabelecemos uma relação de confiança a ponto de, logo após a primeira roda de conversa, muitos deles haviam solicitado minha amizade no Orkut. No último dia permitimos que eles tirassem fotos dentro da sala de aula com seus celulares, algo que não é permitido pela escola, que só autoriza tirar fotos no pátio. Mesmo assim os alunos burlam as regras e encontramos em seus álbuns diversas fotos feitas dentro da sala de aula, escondidas dos professores.

Para minha surpresa, ao visitar o álbum de uma das alunas, me surpreendo com a seguinte imagem:

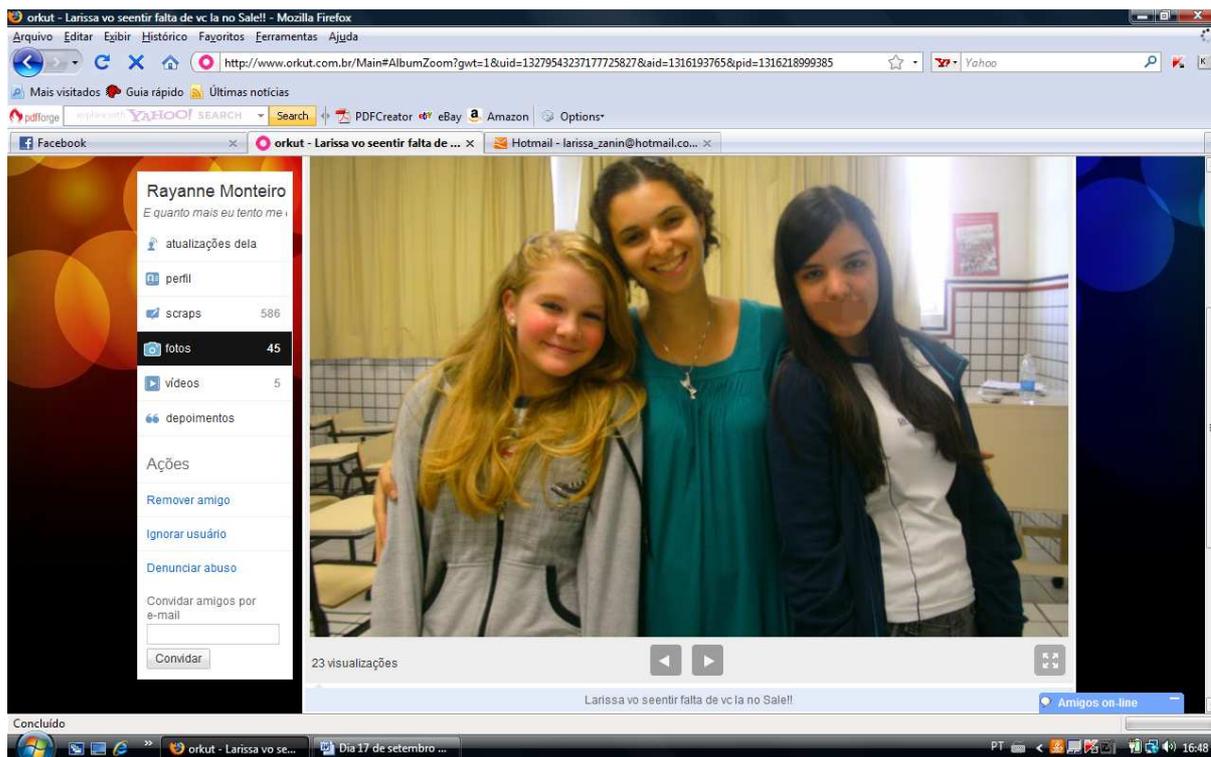


Imagem 15 : Detalhe de um álbum do Orkut
Fonte: arquivo pessoal

A fotografia vem com a seguinte legenda “*Larissa vo sentir falta de vc lá no Salê*”. Além de figurativizar a amizade estabelecida, temos também nessa imagem um outro recurso muito utilizado pelos adolescentes. A adolescente da direita não aprovou o próprio sorriso na foto, mas ao mesmo tempo quer postar a fotografia. Como o álbum pertence ao perfil dela, ela rasura a parte de seu rosto que não gostou e posta a foto com a intervenção.

Também no último encontro propusemos uma dinâmica que tinha como objetivo compreender qual era o repertório de estereótipos daquele grupo. Para isso, selecionei 10 imagens da internet que apresentavam sujeitos com marcas de grupos sociais em seu modo de apresentar-se. A proposta era descobrir como aqueles adolescentes decodificavam aqueles textos, no caso, fotografias, enquanto grupos sociais. Além de identificar o grupo social que, de acordo com a análise deles, aquele sujeito pertenceria, questionei também se aquela imagem fosse o avatar de um perfil de algum usuário do Orkut e esse usuário enviassem um convite de amizade, se eles aceitariam ou não o convite.

As imagens eram as seguintes, na sequência da apresentação feita para os alunos:



Imagem 16: Fotografias utilizadas na roda de conversa
Fonte: arquivo pessoal

A maior parte deles definiu os sujeitos da seguinte forma, seguindo a sequência das imagens: roqueiro, emo, adulta, adulto sério, garota popular, hippies, trabalhadora,

modelo, gótica, skatista. Das dez imagens apresentadas, a maior parte dos alunos só aceitaria como amigo na rede social, tendo nesse caso a fotografia como condição *sine qua non* para a isso, fotografias definidas como: garota popular, modelo e o skatista.

Pedimos também que escrevessem o que acharam da foto e que tipo de comentário fariam para cada imagem, devendo identificar as fotos como foto 1, foto 2, foto 3, etc. A maior parte dos comentários fazia menção ao estilo da foto postada.

Dentre a gama de comentários destacamos alguns. Para a Foto 1 (punk) um dos adolescentes escreveu: “É uma foto legal, criativa, não seria meu amigo porque não curto muito punk, mas é legal” Para a foto 2 (emo): Comentário: “Nossa, nada emo kkk... olho perfeito *o*”. Já na foto 5 (garota popular): “Muito linda! Perfeita... Comentário: Perfect!!!”. Percebe-se então que, ao determinar quais seriam incluídos como amigos na rede e quais seriam automaticamente excluídos, considerando os retratos apresentados acima, ao olhar uma fotografia estes adolescentes se veem, de certo modo, e, reconhecem os modos como se mostram aos outros.

No último encontro já tínhamos cerca de 15 solicitações de amizade espontânea por parte das alunas, e somente as meninas haviam me solicitado amizade. Fazia parte do procedimento de pesquisa, a partir dos contatos estabelecidos durante as rodas de conversa, solicitar amizade para os alunos da turma selecionada, explicando o objetivo da pesquisa. Aqueles que aceitassem o convite de amizade e disponibilizassem suas páginas para análise comporiam o grupo focal final da pesquisa.

Mesmo sendo o Orkut um espaço de domínio público e que a partir do momento em que somos autorizados pelo usuário a ter acesso a suas informações e fotos elas se tornam públicas, podendo inclusive ser copiadas e coladas em outros sites, era de nosso interesse que, para a análise das fotografias ali presentes e utilização das imagens destes usuários (sujeitos da pesquisa), tivéssemos autorização deles e/ou de seus responsáveis (Apêndices A e B).

As rodas de conversa realizadas nas turmas do 8^a ano A foram mais produtivas do que as realizadas no 8^o ano B. A turma B se apresentava sempre dispersa e apenas em poucos momentos conseguimos a atenção total dos alunos. Tentamos encontrar a resposta na composição e organização das turmas. A turma A tem um total de 29 alunos, sendo 19 meninas e 10 meninos. A turma B tem 34 alunos, sendo 17 meninas e 17 meninos.

Em relação à turma A, além de apresentar quase que o dobro do número de meninas com relação ao de meninos, pudemos perceber durante as rodas de conversa que nessa turma as meninas eram liderança, conduziam os assuntos e as decisões da turma. Na turma B a liderança era nitidamente masculina. O assunto não interessava aos meninos, que, naquele encontro estavam em maior número, conseguiam desviar a atenção o tempo todo.

Durante as rodas de conversa percebemos que as meninas estavam mais dispostas a discutir o tema e mais interessadas nesse tipo de discussão. Talvez seja por isso que o debate tenha fluído melhor na turma A, de liderança feminina. O interesse das meninas pelo assunto e a efetiva participação na pesquisa também se refletiu nas amizades estabelecidas na rede social. Na turma A tivemos acesso a 18 perfis, sendo 16 meninas e 2 meninos. Na turma B tivemos acesso a 14 perfis, sendo 11 meninas e 3 meninos.

Uma outra consequência do maior envolvimento da turma A do que da turma B foi a resposta de autorização dos responsáveis. Na turma A nenhum responsável negou autorização do filho na participação da pesquisa. Na turma B a maior parte dos pais não autorizou a participação dos filhos na pesquisa.

Acredito que o pouco envolvimento da turma com as rodas de conversa dificultou a explicação para os pais, pelos alunos, do que se tratava a pesquisa. O termo de autorização deixava claro o caráter científico da pesquisa e seus objetivos, mas cabia a cada aluno explicar com suas palavras o que estávamos fazendo em sala de aula. Daí talvez a resposta do porquê de o maior número de autorizações ser dos pais da turma A.

4. NO ORKUT

O Orkut é uma rede social que permite aos usuários participantes interagir com outros usuários da rede através de mensagens, fotos, depoimentos (mensagens fixas que são deixadas na página principal sujeitas a aceitação do usuário), vídeos, divulgação de sites e outros recursos, como jogos virtuais que simulam atividades do mundo real como Café, Vida na Fazenda etc.

A ideia do Orkut surge a partir de uma rede social criada por estudantes de uma universidade da Califórnia, que tinha como objetivo estabelecer um meio de comunicação entre alunos em curso e os já formados. Um destes alunos, o turco Orkut Buyukkokken, iniciou o trabalho de desenvolvimento de uma rede semelhante à utilizada por ele e seus colegas da Califórnia, só que com acesso amplo. Nasce assim, em 2004, o Orkut, batizado com o primeiro nome do seu criador. O Orkut é uma das maiores redes sociais existentes no ciberespaço, sendo que a maior porcentagem dos usuários é brasileira (53,88% em 2008).

Inicialmente, para entrar na rede era preciso ser convidado por um participante da rede e a liberação do acesso levava cerca de 24 horas. A partir de 2006 o acesso passou a ser associado à construção de uma conta no Gmail (serviço de e-mail da Google).

Ao longo de sua existência, o Orkut sofreu diversas modificações em sua interface gráfica, passando a ser possível restringir acessos a fotos e vídeos apenas para grupos de amigos da rede, restringir acesso a mensagens e dados do perfil, ter acesso as atualizações feitas por usuários amigos em suas páginas, entre outras possibilidades.

Outro fator de destaque é que o acesso ao Orkut só é permitido para maiores de 18 anos, entretanto, não há restrição para usuários menores de idade. Assim, é comum encontrar páginas de adolescentes cuja indicação de idade apresentada é 18 anos.

São considerados amigos na rede social Orkut pessoas cujo acesso à página de determinado usuário foi permitida pelo mesmo. Ainda assim, é possível criar grupos de amigos específicos entre os amigos, e criar restrições de acessos para cada grupo. Por exemplo, é possível ter um álbum de fotos que só poderá ser visualizado por 10 amigos entre os 395 amigos existentes em um grupo de um determinado usuário.

Atualmente, em sua nova interface gráfica, o Orkut permite uma maior interação entre os amigos da rede. É possível, por exemplo, interagir com uma mensagem deixada por um usuário, com outra mensagem, criar álbuns temáticos com fotografias, interagir com comentários nas fotografias postadas e ter conhecimento de quantas pessoas visualizaram uma determinada fotografia.

O acesso ao Orkut é feito pelo endereço www.orkut.com.br, que nos direciona a uma página de login, feito por meio de uma conta de e-mail cadastrada no Google, e por uma senha específica.

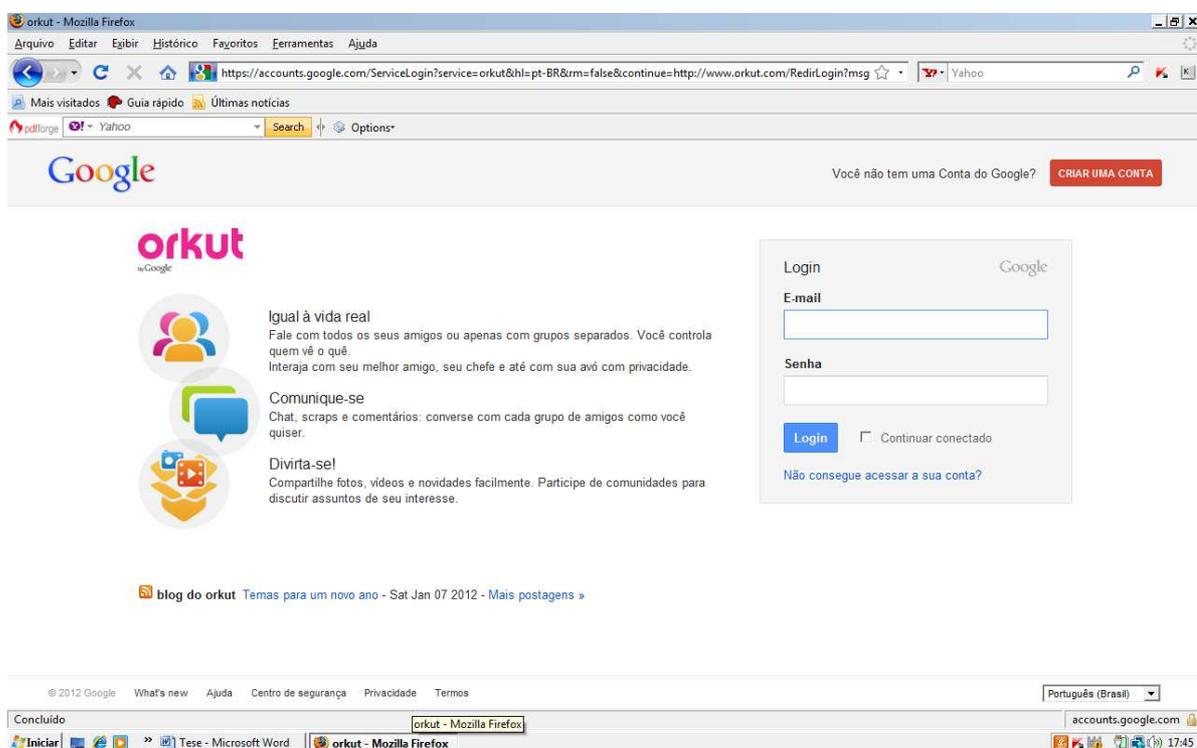


Imagem 17: Página de acesso ao Orkut
Fonte: arquivo pessoal

Após digitar o e-mail e a senha, o usuário é direcionado para a página principal, na qual é possível visualizar do lado esquerdo da página o perfil do usuário com todas as informações descritas por ele. O perfil tem como recurso principal uma fotografia que identifica quem é o usuário daquele perfil. Essa fotografia, ou avatar, pode ser um simples autorretrato, ou imagens mais elaboradas, como animes²⁴ por exemplo. Cada usuário tem a liberdade de escolher como será apresentado na página sua página principal.

No centro da página são listadas as alterações mais recentes feitas pelos usuários. Acima das alterações recentes existe um espaço onde o usuário é convidado a postar um recado, fotografia ou vídeo para os amigos. Ainda na parte superior do centro da página encontramos o link “Depoimentos”, no qual, clicando, podemos ter acesso à lista de depoimentos recebidos pelo usuário, além de ver os convites de amizade feitos por outros usuários da rede.

Na parte superior da página ficam os links que levam o usuário para as outras partes do Orkut que não estão abertas na página principal. Ao lado direito, na parte superior, existe um espaço reservado para publicidades. Nesse espaço são lançadas publicidades de acordo com a faixa etária identificada pelo usuário em seu perfil.

Logo abaixo aparece a lista de amigos na rede social. Nesse espaço é possível visualizar todas as pessoas que compõem a rede de amigos do usuário. Logo abaixo dos amigos, temos a lista de comunidades das quais o usuário faz parte. As comunidades virtuais do Orkut são formadas a partir de interesses em comum, e geralmente simulam grupos ou práticas sociais do mundo real. Toda vez que o usuário acessa uma comunidade virtual da qual faz parte ou quer fazer, a página da comunidade se apresenta por meio de uma descrição a quem se destina e para que, e logo abaixo do lado direito aparece uma lista com as comunidades relacionadas àquela comunidade, direcionando o usuário a escolher se quer ou não fazer parte de outros grupos semelhantes.

²⁴ Anime é um estilo de animação japonês.

No Orkut é possível participar de quantas comunidades se desejar. Abaixo das comunidades aparece um quadro com todos os aplicativos utilizados por aquele perfil. Os aplicativos são jogos específicos do Orkut, que podem desde simuladores de situações da vida real, como o “Café Mania” (que simula um café virtual onde o usuário prepara receitas e convida seus amigos para experimentar), ou a “Mini Fazenda” onde o usuário torna-se um fazendeiro com tarefas diárias a cumprir para a manutenção de sua produção, ou, enfim, jogos como “Super Mário Bross”, originalmente um jogo de vídeo game.

A interface gráfica do Orkut e todos os seus recursos está envolta em um discurso de livre escolha, porque na página você escolhe o que quer fazer, do que vai participar, como vai se apresentar e com quem quer se relacionar, criando uma sensação de liberdade de ser e estar em um espaço programado, tanto para o “como ser” como para o “de que modo estar”.

As escolhas são dos usuários, mas estas são a todo tempo direcionadas pela rede social. Até mesmo na definição do perfil do usuário a rede oferece uma série de opções de respostas que vão desde a definição da cor da pele até aos gostos pessoais por tatuagens e percings. Existem opções para definir inclusive como o usuário faz uso de bebida alcoólica, sendo possíveis as seguintes opções: não, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente. As mesmas respostas são possíveis para o item “fumo”.

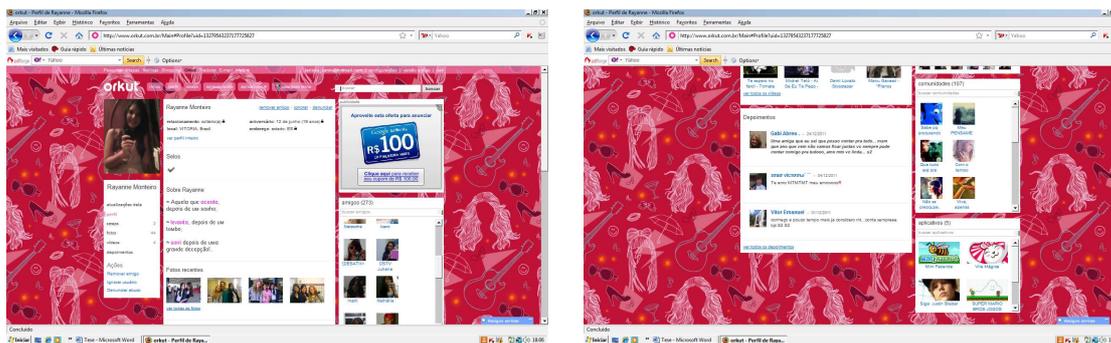


Imagem 20: página inicial de um perfil do Orkut – visão de um usuário ao acessar o perfil de um outro usuário

Fonte: arquivo pessoal

Do lado esquerdo da página, somos apresentados ao perfil daquele usuário por meio de uma imagem, no caso, um autorretrato. Logo abaixo nos são dados os links de acesso a itens da página, como scraps, que são as mensagens deixadas pelos amigos daquele usuário, fotos postadas por ele, vídeos e depoimentos que ele recebeu. Ali estão também listadas as possíveis ações que você pode realizar com relação àquele perfil: remover o amigo, ignorar o amigo ou denunciar o perfil.

No centro da página aparece uma breve descrição que o usuário faz sobre si, as fotos e os vídeos postados recentemente, e a lista de depoimentos que recebeu de seus amigos.

Do lado direito se assemelha a configuração do perfil de acesso pessoal, no primeiro quadro um espaço para anúncios publicitários, logo abaixo a lista de amigos e em seguida as comunidades das quais faz parte e os aplicativos utilizados. No caso acima, o tema escolhido para compor o plano de fundo também pertence a categoria música, mas o sub-tema é “rock teen”.

O usuário pode escolher quais amigos terão acesso a determinadas informações de seu perfil. Ele pode configurar, por exemplo, que somente determinados amigos podem visualizar um determinado álbum. São as chamadas configurações de privacidade.

Conforme apontado pelos estudantes nas rodas de conversa, o Orkut ainda é a rede preferida para os sujeitos da pesquisa. De todas as possibilidades existentes nessa rede interessa-nos investigar os álbuns de fotografias, nos quais é possível postar a

imagem que se desejar, e as alterações são possíveis a qualquer momento. Outro interesse além dos álbuns são as comunidades que representam o Colégio Salesiano na rede, e das quais os sujeitos da pesquisa fazem parte.

Como as páginas são alteradas constantemente pelos adolescentes, optamos por fazer observações espaçadas, em um período de 5 meses, de setembro de 2011 a janeiro de 2012. Esta foi a segunda etapa da observação participante, durante a qual fizemos a seleção das fotografias postadas a serem analisados. O objetivo era estar integrado aos sujeitos de nossa pesquisa por meio da convivência diária com ele na rede social, mas em momento algum interagir com postagem ou comentários.

Segundo Martins (2008, p. 25) “O pesquisador observador torna-se parte integrante de uma estrutura social – Estudo de Caso –, e na relação face a face com os sujeitos da pesquisa realiza a coleta de dados e informações.”

Entendemos que o lócus de nossa pesquisa, a rede social Orkut, é um lugar de convivência social e trocas de experiências e, mesmo que não seja físico, é passível de uma observação participante. Ao sermos autorizados a fazer parte da rede de amigos dos sujeitos, e sermos conhecidos como sujeito participante daquele espaço social, precisamos ser entendidos como “amigos” dos sujeitos pesquisados, para que ganhemos confiabilidade e acesso às imagens que eles postam em seus álbuns virtuais.

Acreditamos que ao fazermos parte do contexto analisado somos contagiados por aquela realidade e de certo modo conduzidos a pensar como os sujeitos pesquisados, e compreender a significação dos discursos presentes nas fotografias veiculadas em seus álbuns. Assim nos ensina Martins (2008, p. 25):

O grande desafio do investigador é conseguir aceitação e confiança dos membros do grupo social onde realiza o trabalho de campo. Para tanto, o êxito de uma pesquisa dessa natureza dependerá da capacidade do investigador de, harmoniosamente, integrar-se ao grupo. O pesquisador-observador formal e revelado será parte do contexto que está sendo observado/investigado e ao mesmo tempo modifica o contexto e é por ele modificado.

Ressaltamos que durante o período de observação do site de relacionamentos Orkut, não postamos mensagens nas fotografias como meio de interação, uma vez que o nosso interesse era perceber como estas imagens contribuem para a constituição de identidade destes adolescentes, como a escola é apresentada por eles no site e, assim, como o site infere no cotidiano da escola; logo, não constitui interesse da pesquisa a interação do pesquisador direta nas imagens.

Durante a observação foi criado um arquivo pessoal por meio de *print screen* das páginas que nos interessavam, tanto no perfil quanto nos álbuns. O acesso só foi realizado no perfil do qual tínhamos autorização do responsável para tal.

Após realizada a coleta de dados na rede social, procuramos organizar as imagens²⁵ selecionadas por categorias, de modo a organizar a condução do processo de análise.

Vale ressaltar que não salvamos apenas a fotografia, e sim a página como um todo, pois acreditamos que não teríamos uma compreensão dos sentidos se analisássemos a fotografia postada fora do contexto, ou seja, do álbum virtual no perfil do usuário.

4.1 PELOS ÁLBUNS DO ORKUT

Conforme afirmamos anteriormente, ter um álbum no Orkut faz parte da rotina de grande parte dos adolescentes. As atualizações com trocas de fotografias são constantes, o que nos obrigou a estabelecer um recorte temporal de observação dos álbuns para a escolha do *corpus* que a ser analisado. Esta prática social apresenta-se como uma espécie de “ditadura” do *querer ser visto*²⁶, uma vez que, de acordo com a fala dos adolescentes de nossa pesquisa, as fotografias postadas nos álbuns do Orkut funcionam como condição *sine qua non* para a aceitação da amizade.

²⁵ O que chamamos de imagens são todo os *prints creen* feitos da página no Orkut e salvos em arquivo .jpeg.

²⁶ Cf. Os regimes de visibilidade de Landowski (1992,p. 85-101).

Cada mudança ou experiência nova com o visual, a cada evento do qual se participa são registrados por meio de fotografias postadas em seus álbuns. Os álbuns, então, cumprem uma função de atualizarem, constantemente, as ações dos sujeitos e suas relações com os outros e consigo mesmos, como uma espécie de diário visual, com “uma religiosidade social que nos faz aderir ao Outro. Participar, a partir desta visão espetacular, da vida banal de uma outra pessoa, nos faz sentir religados, próximos” (LEMOS, 2002, p. 115).

Ao longo de nossa observação dos álbuns do Orkut percebemos que a utilização dos álbuns é uma prática social predominantemente feminina. Apenas dois alunos nos aceitaram como amigo na rede, a maioria dos meninos do grupo alegou durante as rodas de conversa que tinham um perfil na rede social mas não mantinham fotografias em seus álbuns. Os meninos participantes de nossa pesquisa demonstraram maior interesse pelos jogos virtuais, tanto os oferecidos na rede social, quanto fora dela. Esta predominância certamente tem relação com as práticas sociais vivenciadas pelas meninas como, por exemplo, a leitura da revista **Capricho**, na qual, quase a totalidade das publicidades veiculadas exploram imagens relacionadas à beleza feminina, uma vez que

a atuação da mídia na própria constituição das categorias correlatas e historicamente instáveis de adolescência e juventude através de processos discursivos que identificam as questões e os problemas “típicos” dessa faixa etária, classificam experiências e desejos como matéria de preocupação privada e/ou pública (naturalizando condutas, patologizando desvios) e reembalam, de modo atraente, determinados valores e modos de vida. (FILHO, 2008, p. 37)

Os álbuns visitados apresentam, quase sempre, uma mesma organização temática das imagens. Os temas podem receber nomenclaturas variadas, mas em sua essência agrupam fotografias, exploram os papéis sociais assumidos pelas adolescentes em diferentes contextos evidenciando as relações que estabelecem em retratos com a família, com os amigos, eventos dos quais participaram e os autorretratos. Para exemplificar, apresentamos a imagem abaixo, que apresenta a página inicial do álbum de uma das meninas participantes de nossa pesquisa. Apresentando sete álbuns, as fotos são agrupadas com os seguintes títulos: “meu

tudo ><”, “Rayanne Monteiro :*”, “uruguai *-*”, “simply because they are evert...”, “ - ” e “momentos *-*”.

Nestes álbuns cada nomenclatura é acompanhada por grafismos que representam, na linguagem da internet, feições de sorrisos (*-*), beijo (:*) olhos fechados simulando a expressão no momento de um beijos (><). Ao analisar os álbuns percebemos que aquele que recebe o nome da usuária agrupa uma série de autorretratos. Os álbuns denominados de “Uruguai” e “Momentos” apresentam o mesmo grafismo e a mesma temática de fotografias, e de eventos do qual a adolescente participou, sendo eles os jogos interclasses²⁷ da escola e um evento social com a família. Nos álbuns “meu tudo”, “simply because they are evert...” e “ - ” estão reunidas as fotografias com amigos, sendo estas retratos feitos na escola, em casa e em locais públicos onde a adolescente esteve com o grupo.

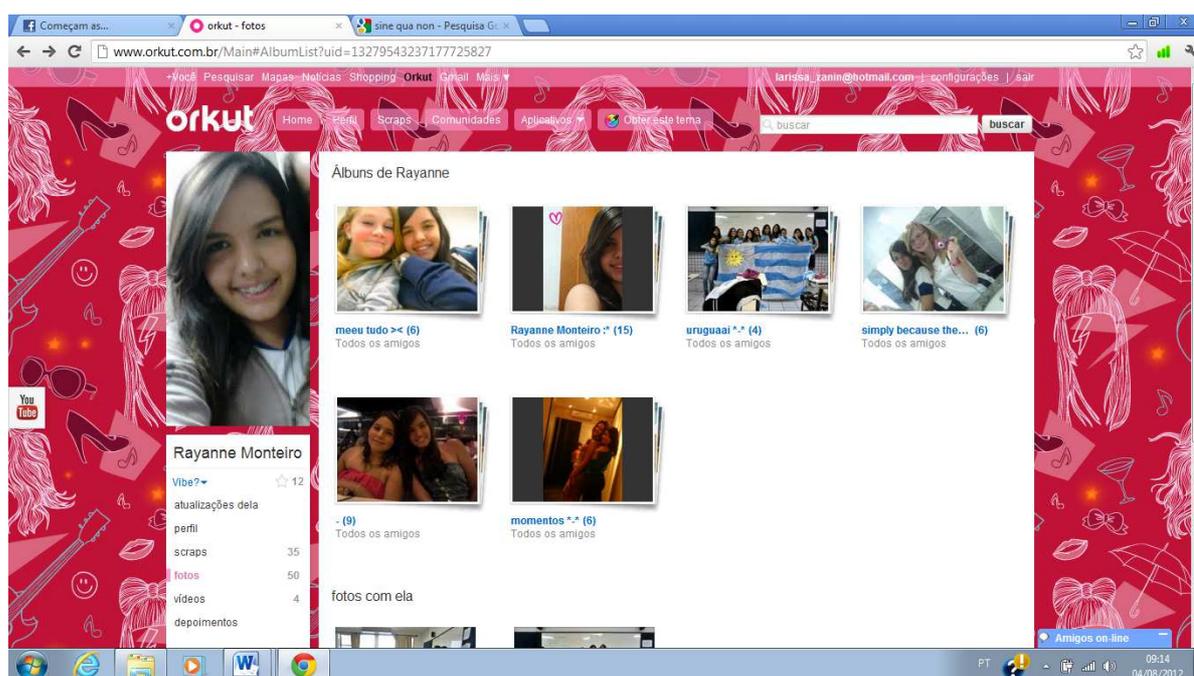


Imagem 21: Detalhe do álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Após a observação dos álbuns e a seleção das imagens, as organizamos em três blocos agrupados por categorias de modos de apresentação de si: *O querer ser visto*; *O não querer não ser visto*; *Fazer Ser e Fazer Saber*. Na análise não

²⁷ Os jogos interclasses são uma prática comum nas escolas nos quais as turmas de mesma série competem entre si nas mais variadas modalidades esportivas. Geralmente as turmas são organizadas com nomes de países, estados, ou cidades.

consideramos a fotografia, isolada de seu contexto, mas a página do álbum como uma totalidade de sentido, um texto sincrético²⁸ que reúne várias linguagens que se relacionam o tempo todo.

Compreendido o álbum do Orkut como um texto sincrético, analisaremos as relações estabelecidas entre todos os elementos verbais e plásticos presentes ali, tais como entre as fotografias e os títulos, a organização plástica da página (topologia), e ainda o verbal dos títulos e das interações entre os amigos da rede. Além de explorarem a mesma plasticidade e gramática visual, as fotografias que compõem as imagens de cada bloco,

[...] se impõem por um *modo de presença* que lhes é específico e que depende do fato de que, afora as características puramente plásticas que apresentam quando tomadas uma a uma, essas imagens, consideradas em bloco, possuem certos traços ligados ao *modo de figuração* que exploram (LANDOWSKI, 2002, p. 129).

Assim, os álbuns figurativizam as relações sociais estabelecidas entre os adolescentes e nos fazem ver as múltiplas redes em que eles estão envolvidos (ou submetidos) e que os constituem.

4.1.2 Querer ser visto

As modalizações do ver, de acordo com Landowski, são essencialmente do tipo *querer, dever, saber, poder “ver”*, “cujo emprego condiciona a maneira como os actantes, no caso os dois agentes – individuais ou coletivos – designados como “o que vê” e o que “é visto”, entram em relação” (1992, p. 90). Neste sentido, os retratos veiculados nos álbuns do Orkut partem de um *querer ser visto* do enunciador que na fotografia torna-se actante do discurso enunciado, ou seja, é quem realiza o ato.

²⁸ Segundo Greimas e Coutés, são consideradas “sincréticas as semióticas que – como ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente do tipo linguístico: inclui elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguístico, etc.” (2008, p. 467)

Ao se fotografar o adolescente está criando um texto visual repleto de significações, e as condições de sentido delas se materializam no plano de expressão por meio de sua gestualidade, cenário, composições, enquadramentos e até mesmo alterações em softwares de edição de imagens. Cada retrato possibilita diferentes modos de interação posto que tem como objetivo apresentar-se ao outro do modo como *quer ser visto*, o qual, muitas vezes, difere daquilo que ele, ou ela realmente é. Para tanto, usam e abusam dos chamados efeitos cosméticos para aprimorar a imagem que desejam que o outro tenha dele. Cada postagem corresponde a uma nova narrativa e um modo de interação do adolescente consigo e com o outro, que os instauram ali (virtualmente), e o qualificam para ações posteriores.

Os autorretratos atuam como um dos elementos na constituição da identidade desses adolescentes. A cada retrato veiculado, há uma mudança de estado do sujeito e o início de uma narrativa de espera e, nela, o desejo de uma conjunção com o outro (com quem vai interagir). Na interação, aguarda-se a aprovação do grupo social do qual fazem parte, um modo de conceber a si mesmo pelo olhar e aprovação do outro.

Ao se reconhecerem, se identificarem, fica estabelecido o reconhecimento dos sujeitos que são e as diferenças com relação àqueles que não são como eles. Assim, nos álbuns os processos de construção de identidade pressupõem a definição de alteridade, ou seja, “[...] face a uma identidade de referência concebida como perfeitamente homogênea e colocada como que devendo ficar imutável, a alteridade só pode ser pensada como uma diferença vinda de *alhures* [...]” (idem, 2002, p. 10).

Geralmente organizados em um álbum denominado com o seu próprio nome, os autorretratos, assim como os outros retratos postados em álbuns diversos, podem ou não apresentar legendas e interações dos amigos da rede. As legendas geralmente atuam como mediação da sanção dos amigos da rede. Ao postar um retrato que possa ter a chance de ser sancionado negativamente pelos amigos, o enunciador propõe uma legenda na qual deixa claro esta possibilidade. Esta ação

pode até mudar o olhar do outro sobre ele, e sancioná-lo positivamente por meio de interações aprovativas. Assim acontece com o retrato presente na imagem abaixo:

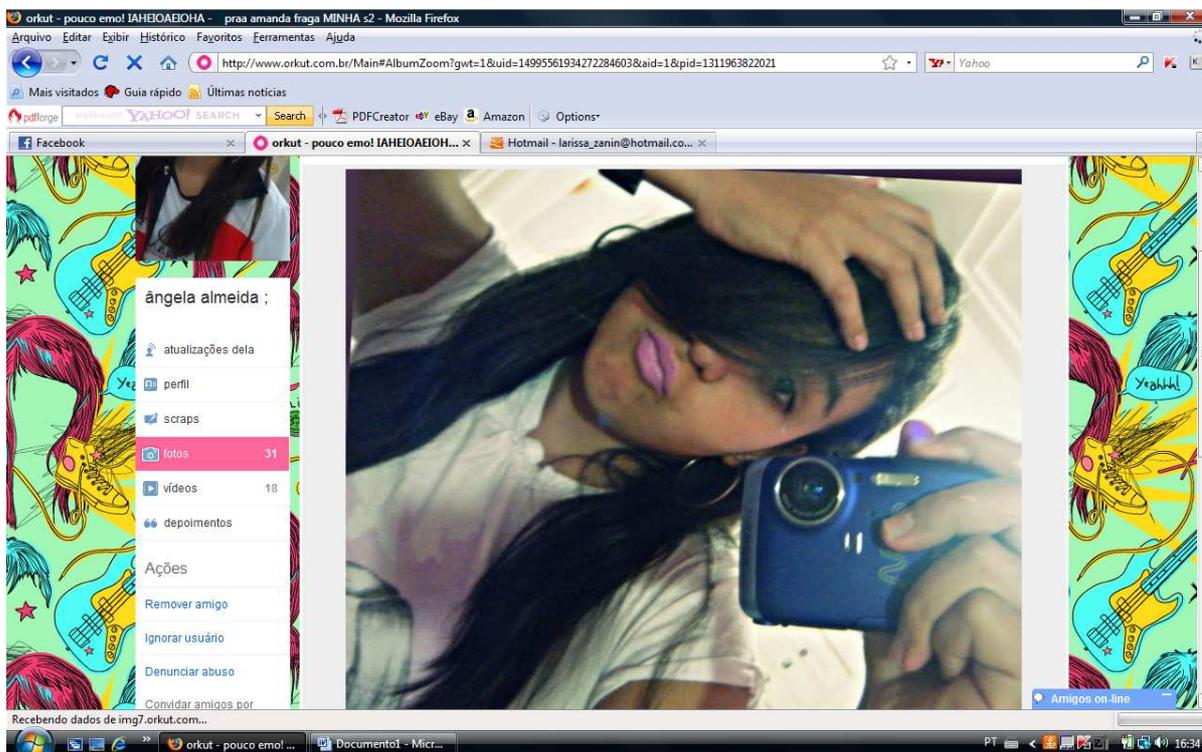


Imagem 22: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem apresenta um autorretrato em frente a um espelho e em primeiro plano temos a câmera digital, o que reitera a informação de que trata-se de um retrato feito pelo próprio enunciador. Com enquadramento em diagonal e a figura da menina em segundo plano, é possível traçar uma linha reta entre o olho à mostra e a objetiva da câmera. O outro olho está coberto pela franja deslocada pela mão, deixando apenas uma parte do rosto à mostra. O olho à mostra encara o enunciatário de frente marcando a actorialidade de um “eu” no discurso enunciado, presentificando-o na sua ausência, já que não é ele que está ali e sim uma imagem dele, deste modo “[...] é o olhar (aquele que a imagem cria) que, conjugado a outros procedimentos cenográficos, consegue produzir esse milagre: o simulacro de uma presença” (LANDOWSKI, 2004, p. 130).

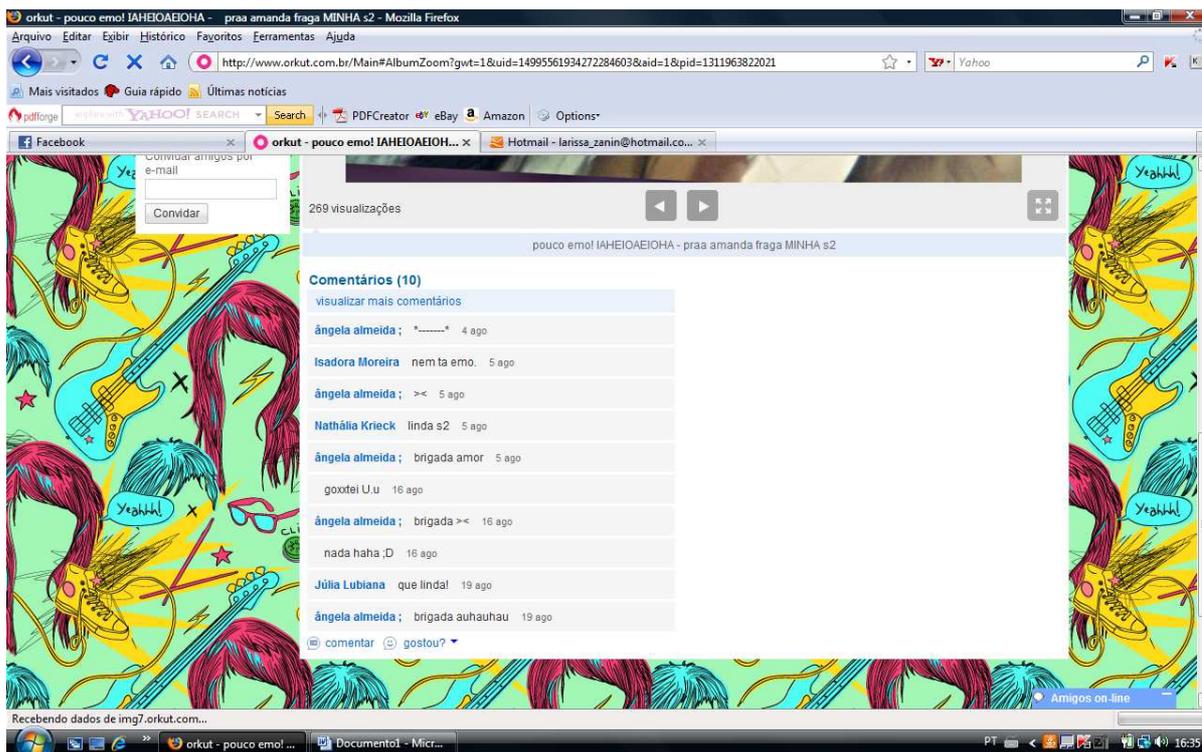


Imagem 23: Interações no álbum do Orkut
 Fonte: Arquivo Pessoal

Os lábios marcados pelo batom rosa destacam a gestualidade proposta, o “fazer biquinho”, uma prática comum entre o grupo ao qual a adolescente pertence. O enquadramento com apenas dois planos visíveis impede o enunciatário de identificar o cenário no qual o enunciador fez o retrato. No álbum, o papel de parede²⁹ escolhido pela adolescente configura uma espécie de moldura para o retrato postado. Predominam as cores verde, azul, magenta e amarelo, com repetições das mesmas figuras em todo o espaço do plano de fundo: guitarras, tênis e imagens de cabelos.

As figuras de cabelos presentes no plano de fundo remetem ao modo como o cabelo da adolescente está arrumado para ser fotografado. A presença de balões com a palavra “Yeahhh!!!” anunciam uma espécie de grito e reiteram o modo como os adolescentes se comunicam nas interações, com repetições de letras e pontuações como modo de enfatizar a verbalização. O sincretismo que forma a imagem, ou seja, o retrato, as interações verbais e o plano de fundo atuam, segundo Oliveira (2009),

²⁹ Todo usuário do Orkut pode escolher papéis de paredes para decorar o seu perfil. São imagens prontas fornecidas pela própria rede social que variam de acordo com temas.

por *mecanismos de união*, já que, “no sincretismo por união dos traços intersistêmicos, em que estes operam em reciprocidade por meio da atuação em sequência de encadeamentos de ordens sensoriais” (p. 95).

A legenda traz a seguinte frase “*pouco emo! AHEIOAEIOHA – praa amanda fraga minha s2*”. Pressupondo que aquele retrato remete ao estereótipo do “Emo³⁰”, grupo social do qual o enunciador não faz parte e do qual não quer ser reconhecido como tal, este lança a legenda como modo de evitar uma sanção negativa, como quem diz “eu sei que parece, não precisam dizer”. Dedicar o retrato para uma amiga que denomina de “*minha s2*”, expressão que significa que essa amiga é muito querida ou até mesmo uma de suas melhores amigas já que “s2” é a expressão na internet que representa um coração. Assim, a legenda manipula o enunciatário a, mesmo que a identifique como o estereótipo do “Emo”, para que não a reconheça assim, pelo menos não com uma sanção negativa.

A manipulação acontece e as interações ao invés de depreciarem por sua aparência, ao contrário, tecem elogios, inclusive afirmando que não está parecendo “Emo”, como na interação de um dos amigos que diz “*nem ta emo*”. As outras interações sancionam positivamente o retrato postado como os comentários “*linda s2*”, “*goxxtei uu*”, “*que linda*”, mostrando o reconhecimento e a aprovação do grupo.

A mesma estratégia figurativa é utilizada pela mesma adolescente em outros retratos, com pequenas diferenças de planos de enquadramento. No retrato abaixo podemos identificar o terceiro plano como aparentemente sendo um quarto, devido à presença da porta de um guarda-roupa na parte inferior esquerda da imagem.

³⁰ Na página 94 apresentamos uma fotografia reconhecida pelos adolescentes como sendo o estereótipo do “Emo”.

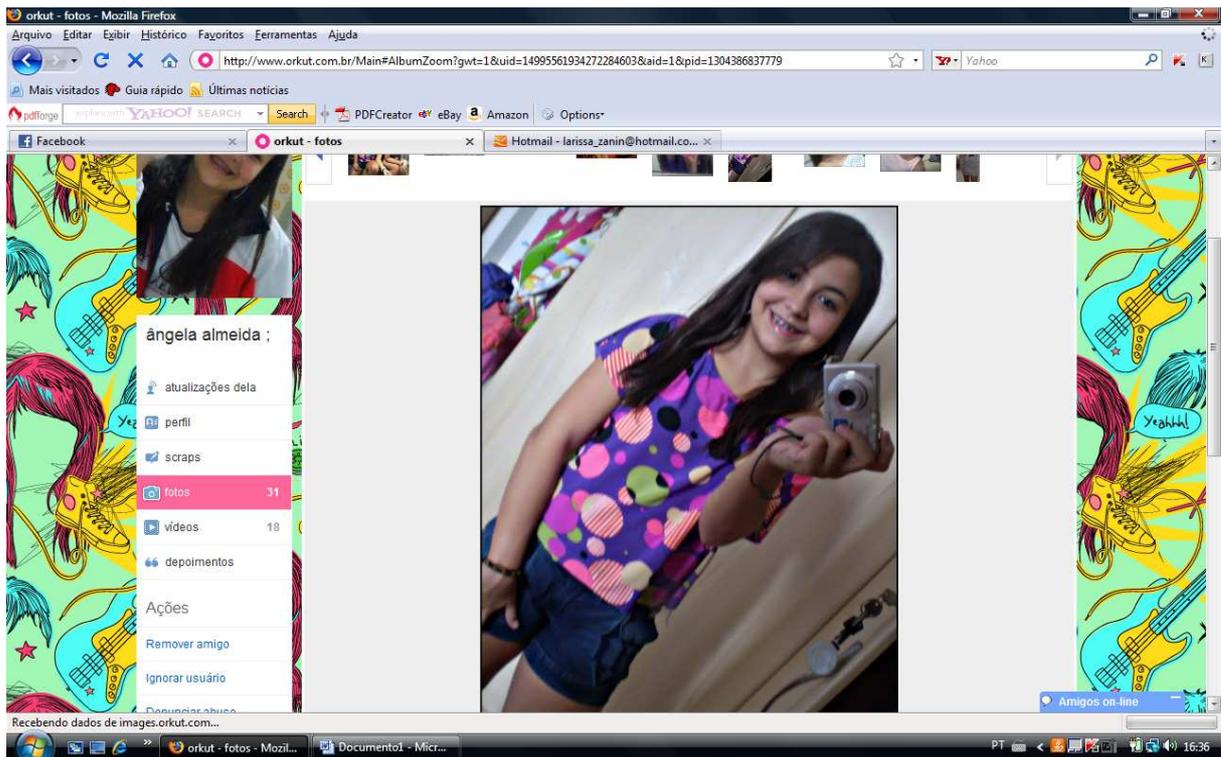


Imagem 24: Álbum do Orkut
 Fonte: Arquivo Pessoal

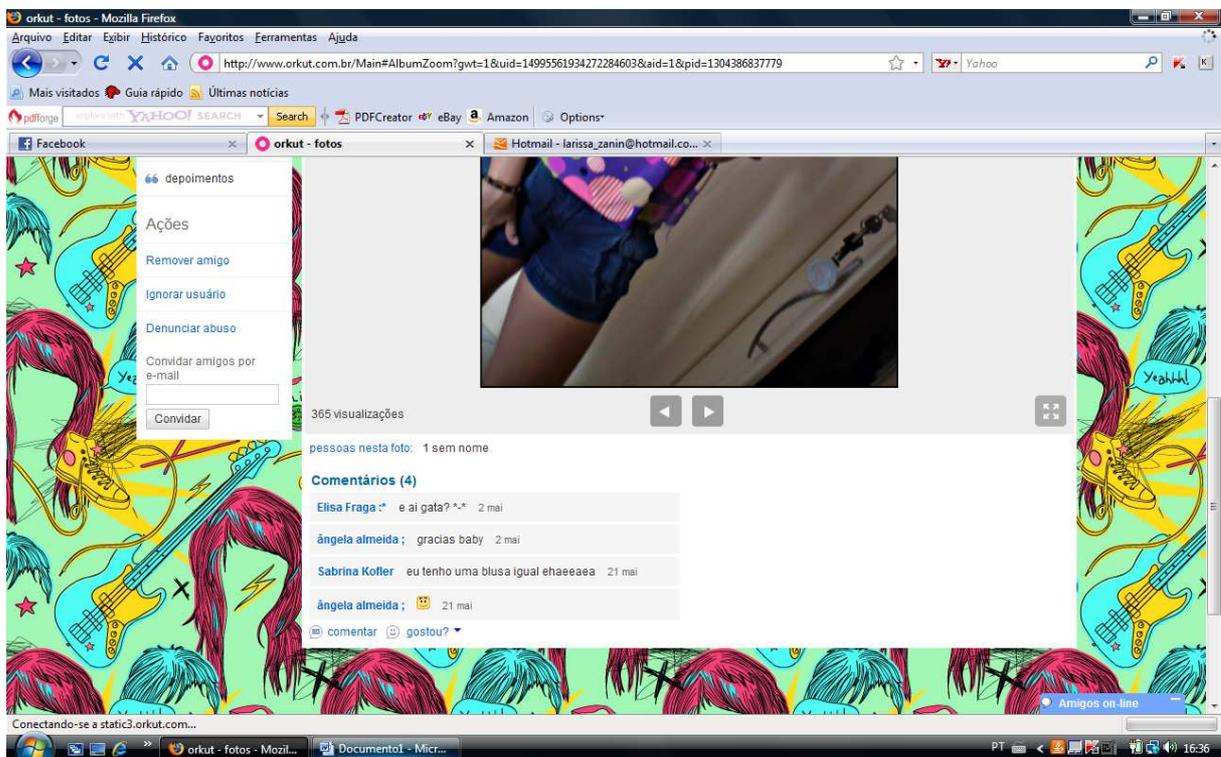


Imagem 25: Interações no álbum do Orkut
 Fonte: Arquivo Pessoal

Mais uma vez a adolescente é sancionada positivamente pelos amigos da rede, não só pelos comentários, mas pelo número de visualizações que marca que este retrato já foi vista pelos amigos da rede 365 vezes, dado importante para os sujeitos de nossa pesquisa. Uma das justificativas para permanecerem utilizando o Orkut, no momento em que o Facebook dispara em número de inscritos e ganha a frente no ranking de rede sociais mais acessadas, é que, além do Orkut possuir um espaço para os amigos da rede deixarem depoimentos, o que para eles é fator de aceitação, os álbuns do Orkut apontam quantas pessoas visualizaram uma foto, e fotos com grande número de visualização também são reconhecidas como fator de aceitação, uma espécie de sanção positiva sobre o retrato postado.

A maior parte dos autorretratos apresentam isotopias³¹ quanto à sua composição figurativa e sua gramática visual: são fotografias feitas em frente ao espelho, com no máximo três planos, sendo que no primeiro está a câmera, no segundo a adolescente e no terceiro o ambiente onde a fotografia foi feita. Dos retratos presentes nos perfis analisados não encontramos interações que apresentassem sanções negativas. Talvez porque, como todos fazem parte do mesmo grupo social e possuem o mesmo repertório cultural e a mesma compreensão de qualidades estéticas, já sabem os modos como devem constituir sua identidade nas imagens que veiculam para continuarem a ser aceitos pelo grupo.

Como no retrato abaixo (imagem 26), cujas estratégias enunciativas são semelhantes às dos retratos anteriores. Um retrato em frente ao espelho, de corpo inteiro, apresenta uma adolescente com os cabelos cuidadosamente penteados e deixando que parte da franja caia sobre o rosto cobrindo um olho, assim como no primeiro retrato. O plano de fundo escolhido é uma ilustração com temas de rock, criado pelo Orkut em homenagem ao “*Rock in Rio*”, festival de música que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro em 2012.

³¹ “Isotopia: é a reiteração de quaisquer unidades semânticas (repetição de temas ou recorrência de figuras) no discurso, o que assegura sua linha sintagmática e sua coerência semântica.” (BARROS, 2007, p. 87)

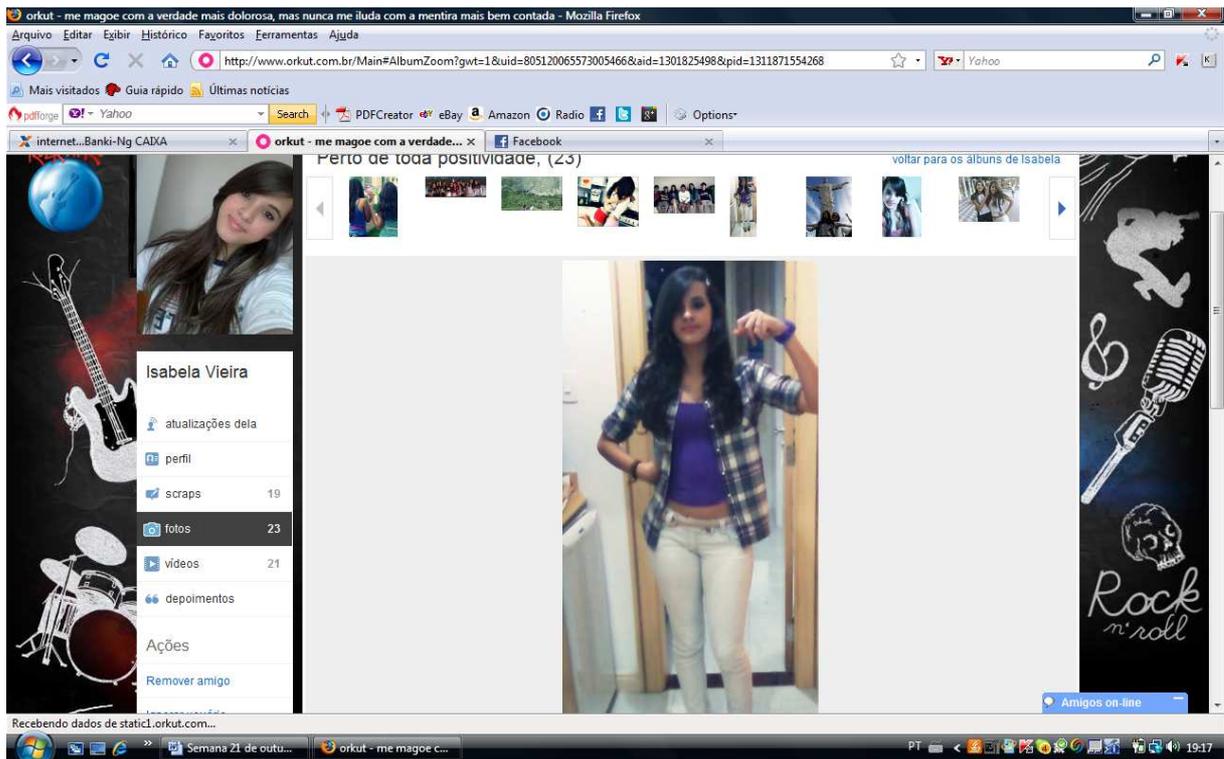


Imagem 26: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

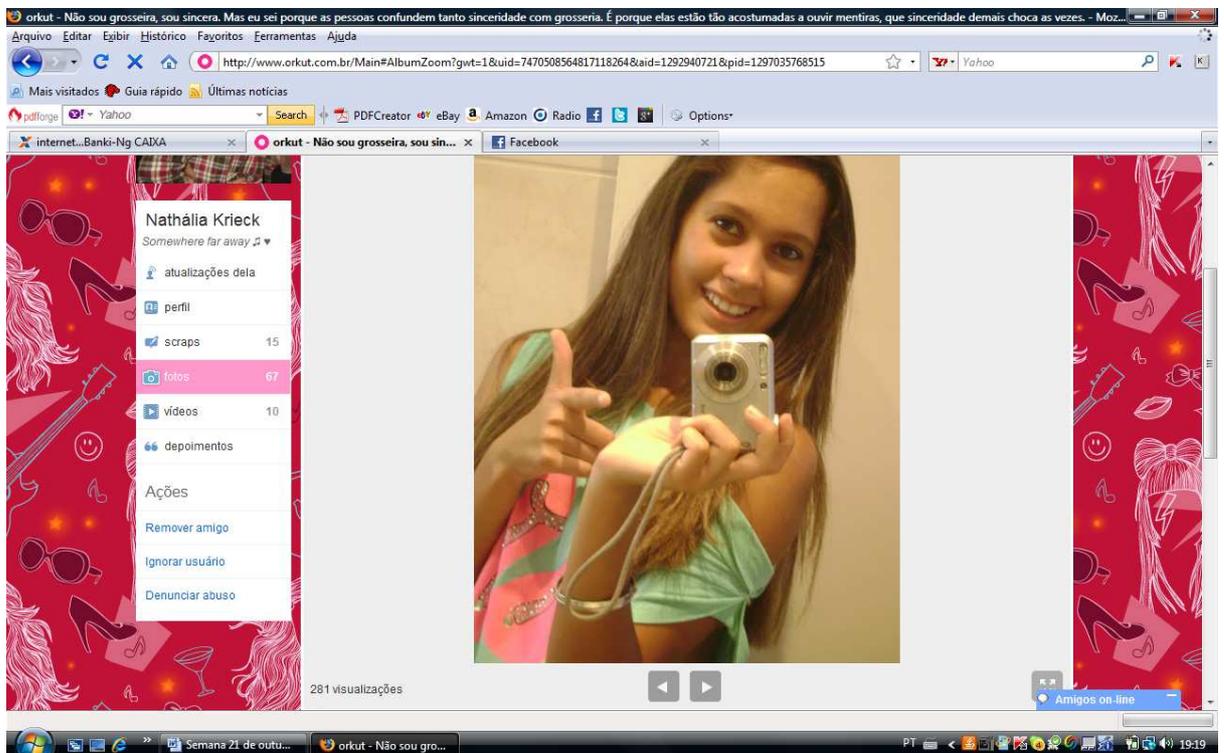


Imagem 27: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

O retrato da imagem 27 apresenta mais uma vez a mesma organização plástica, uma imagem composta por três planos, sendo que no primeiro está a câmera fotográfica, no segundo a menina e no terceiro um cenário que não conseguimos identificar. Novamente o retrato é feito em frente ao espelho e repete-se a estratégia de figurativização compositiva, de apresentar a câmera em primeiro plano, deixando claro para o enunciatário que se trata de um autorretrato.

Com um enquadramento vertical, posição comum adotada em retratos³², o corpo apresenta-se deslocado em diagonal cria uma atmosfera de desprendimento, como se o enunciador nos dissesse “estou à vontade”. Este querer é reiterado pela blusa que cai, deixando o ombro à mostra. A impressão causada é que mesmo com um enquadramento característico de um “clichê antropométrico” (fotos 3x4 por exemplo), o corpo solto e a blusa levemente caída dão ao retrato um tom de “flagrante delito”.

O plano de fundo escolhido é predominantemente magenta com figuras de sapatos de salto, óculos, modelos de cabelos, o que, de certo modo, legitima o universo da adolescente e o modo como se apresenta.

A adolescente, que nesta interação comunicativa é o sujeito da enunciação, nos olha de frente marcando sua presença actancial na fotografia. Nos aponta com o dedo indicador para frente e com o polegar levantado reiterando gestualmente o que a expressão facial e demais posicionamentos do corpo articulam de modo relacional. Trata-se de uma apresentação de si feita para um “tu” inscrito no enunciado, ou seja, uma debreagem enunciativa em que os actantes do enunciado (eu e tu) se encontram instalados na enunciação, produzindo um efeito de proximidade e de concomitância ao espaço do aqui, e ao tempo do agora.

Ao mesmo tempo em que nos insere no enunciado mostrando para quem é o discurso enunciado, a gestualidade das mãos remete a uma “arma”, o que poderia ser uma expressão de agressividade, uma espécie de ameaça, mas que, no caso do retrato, é neutralizada pelo sorriso suave da menina. O mesmo é reiterado na

³² Desde o Renascimento a posição convencional para a pintura de retratos era a vertical, sendo a posição horizontal utilizada para paisagens.

legenda na qual encontramos o seguinte texto “*Não sou grosseira, sou sincera. Mas eu sei porque as pessoas confundem tanta sinceridade com grosseria*”.

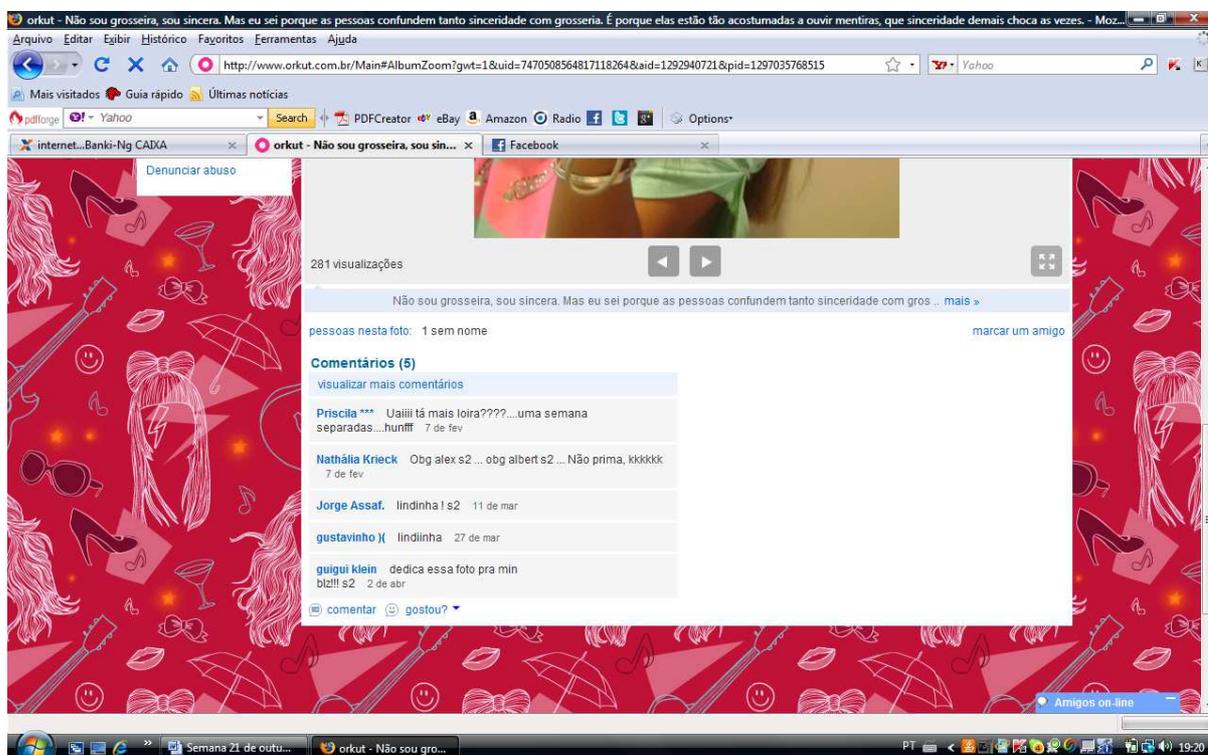


Imagem 28: Interações no Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Configurada como uma narrativa de espera, na qual ao postar uma foto o enunciador, usuário do Orkut, espera entrar em conjunção com a aceitação de seus amigos, esta pode se dar não somente pelas interações verbais, mas também pelo número de visualizações. No caso acima, além de possuir 281 visualizações da imagem postada, o retrato conta com 5 comentários de amigos da rede. Em dois temos o seguinte elogio “Lindinha” e “Lindinha! s2” e no último comentário o usuário diz “dedica essa foto pra mim blz!! s2”. Os três sancionam positivamente, aprovando o retrato postado, marcando a aceitação dos amigos da rede, e, neste caso, o pedido de dedicatória³³ por um amigo da rede é uma espécie de prêmio maior, reiterando a aceitação do retrato postado. Os três comentários são feitos por amigos do sexo masculino, o que para as meninas significa uma maior aceitação. Ser aceita

³³ A dedicatória nos álbuns é quando o usuário da rede social, ao posta uma foto, coloca em sua legenda “para fulano”, como no caso da primeira imagem, na qual a legenda indica a dedicatória para uma das amigas da rede do seguinte modo “(...) praa amanda fraga minha s2”.

pelo sexo oposto é, para as adolescentes, uma sanção mais importante do que ser aceita pelas amigas.

Quando postam autorretratos os adolescentes estão em busca do reconhecimento do grupo, geralmente acerca da beleza física apresentada na foto. Desse modo, ao postar uma fotografia as adolescentes atualizam a sua própria presença, nesse fazer esperam o reconhecimento do grupo, e para isso recorrem as mais variadas estratégias figurativas. Uma delas é a postagem de um agrupamento de autorretratos como sendo uma fotografia única. Essa estratégia cria

[...] condições da passagem de um efeito de sentido a outro, por meio do jogo de figuratividade: da esquerda para a direita (já que é esse o sentido da leitura), é da rotação do olhar que depende a irrupção de uma presença que, de repente, parece jorrar da simples planaridade da imagem (idem, 2002, p. 130).

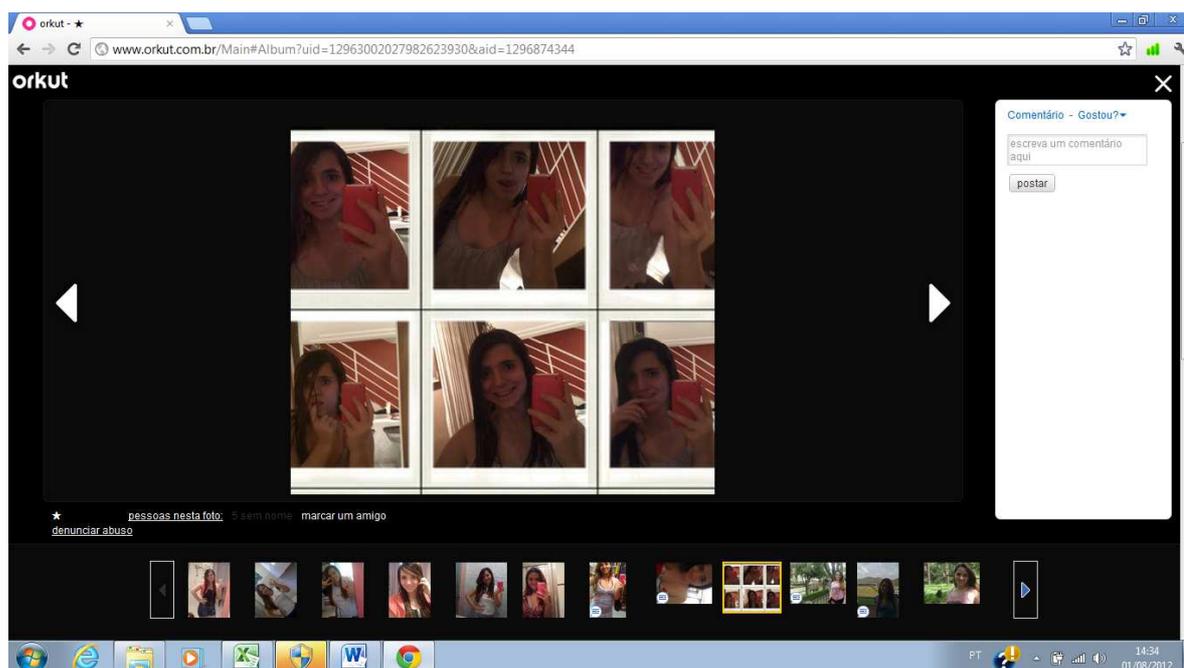


Imagem 29: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Em uma sequência de seis fotografias a adolescente organiza seus retratos de modo a comporem um único retrato postado. Esse recurso é muito comum em softwares disponíveis gratuitamente para computador e celular, como, por exemplo, o *Picasa*, programa de manipulação de imagem gratuito. A imagem apresentada

leva a crer que a montagem tenha sido feita no próprio celular com o qual fotografou, este colocado em primeiro plano em todas as fotografias.

Em todos os retratos que compõem o *corpus* apresentado as adolescentes nos encaram de frente, instaurando a presença actancial de um eu, comunicando-se diretamente com os enunciatários. O plano de fundo escolhido é preto, neutro, direcionando a atenção do enunciatário exclusivamente para o retrato.

Cada retrato é marcado por uma gestualidade específica que varia ora com sorriso quase angelical, ora com poses que de certo modo erotizam a adolescente, como nas duas imagens em que se apresenta com o dedo na boca, uma chamada bastante sensual e comum principalmente em letras de músicas que exploram esse tipo de gestualidade provocante. De qualquer modo,

Pouco importa, em consequência, se o modelo nos olha de frente ou se parece olhar o Outro (...), pois aquilo *que ele olha* é precisamente o simulacro daquele ou daquela *que o olha* – logo, uma figura que *nos* designa. Portanto, basta que olhemos o modelo olhando alguma coisa [...], para que saibamos que também somos olhados, isto é, “desejados” (Ibidem, 2002, p. 136).

Esta estratégia compositiva reiterada nos retratos é produto de um contexto sociocultural apropriado pelas adolescentes, basta retomarmos as imagens femininas veiculadas na revista **Capricho**. As organizações figurativas da revista em muito determinam o modo como o grupo se identifica e se distingue dos outros, influenciando, desse modo, nas escolhas dos modos de apresentação delas. Isto porque, de acordo com Canclini, a fotografia é

[...] uma das práticas que melhor deixam transparecer as convenções que regem a representação social de cada classe. Existe um sistema bem codificado de normas que estabelecem quais objetos são considerados fotografáveis, as ocasiões e os lugares que devem ser retratados, a composição das imagens (2007, p. 83)

A mesma estratégia figurativa é apresentada pela mesma adolescente na imagem seguinte. Também composta por duas fotografias que em sua composição apresentam isotopias com relação à imagem acima, corpo flexionado, boca sensualizada, cabelos sobre o colo, enquadramento, além da composição de dois

retratos agrupados, um com um sorriso e a outra com um gestualidade marcada pela sensualidade. Para cobrir este corpo desnudo a roupa utilizada é um biquíni e um short, expondo o colo, o tronco numa atitude de *não querer não ser visto* própria do “sem constrangimento” conforme apresentado por Landowski (1992). Uma constante nos álbuns dessas adolescentes é a publicação de imagens com poses sensuais e a presença de fotografias com roupas de banho.

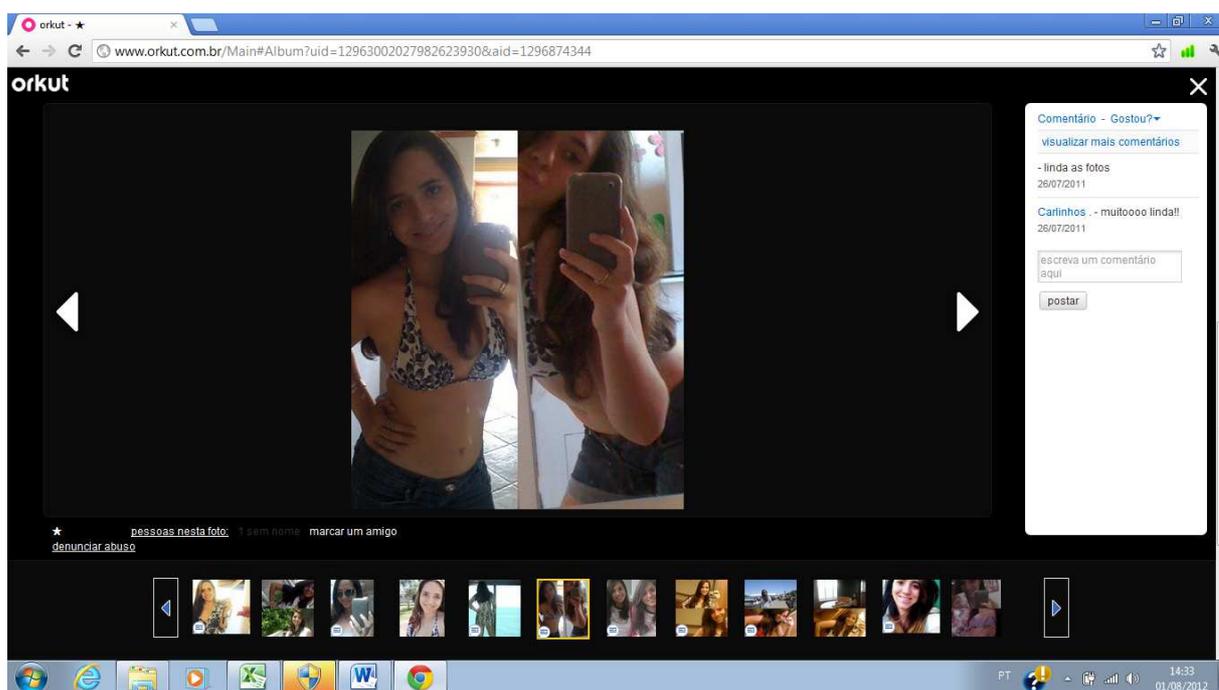


Imagem 30: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Essa marca constante da sensualidade pode estar ligada aos padrões estéticos que compõem o repertório cultural dessas adolescentes, estabelecidos por instâncias semióticas tais como revista **Capricho**, que instauram nas adolescentes a

busca obviamente erótica em seu princípio, bem mais do que estética, e busca ilusória por construção, mas cuja lógica explica o aspecto bulímico – essa necessidade constante de renovação – que regula tanto a produção quanto o consumo do tipo de imagens com a qual lidamos (ibidem, 2002, p. 141).

Durante as rodas de conversa este grupo ressaltou que a grande diferença entre os retratos postados por elas dos postados por alunos de escola pública estava em

torno do modo como se apresentavam. Acreditam que são mais comportadas e que suas fotografias apresentam menos sensualidade, entretanto não é isto que se apresenta nos álbuns, a exploração de poses sensuais também é característica do grupo composto pelas adolescentes do Colégio Salesiano, mesmo que elas não se vejam assim. Traçam desse modo sua alteridade com relação ao Outro.

Talvez, o que para nós apresente-se como uma comunicação gestual, ou seja, uma gestualidade intencional apelativa e/ou emotiva, para elas esta gestualidade apresente-se como uma práxis gestual, gesticulação automática, dessematizada, o que justifica o entendimento de que elas são mais comportadas e menos sensuais do que o Outro.(BARROS, 2010)

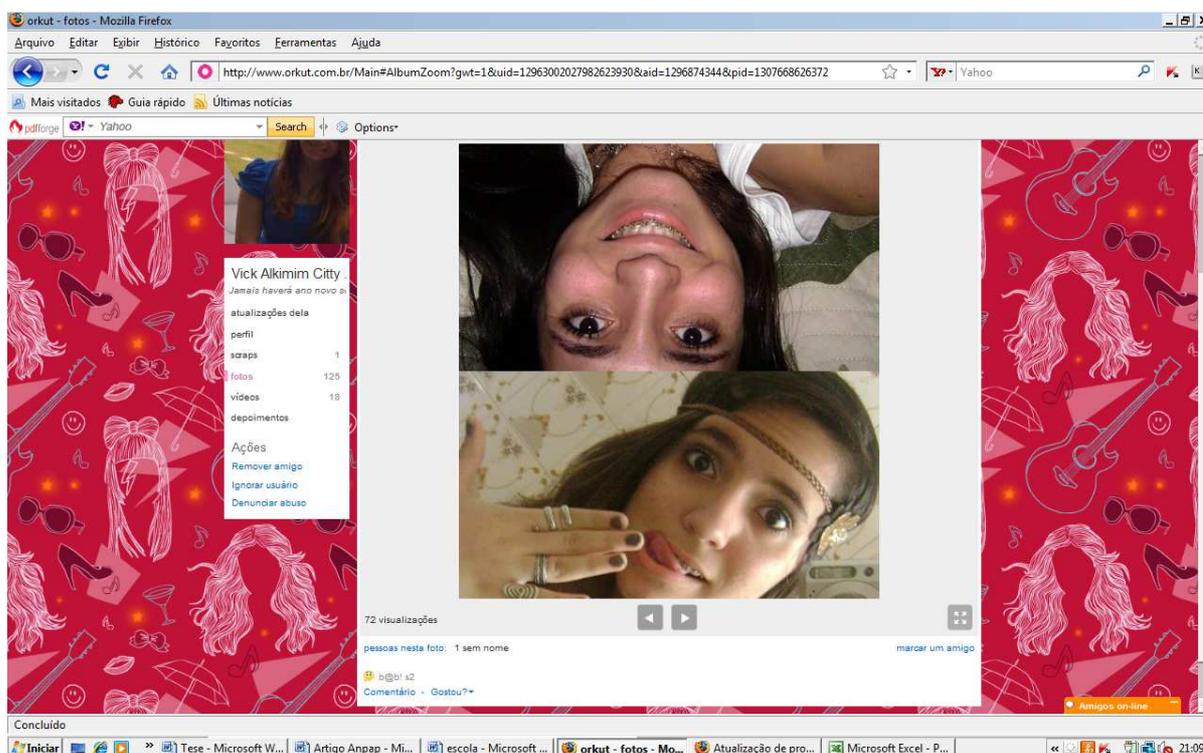


Imagem 31: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

A necessidade de apresentar-se deste modo reforça o regime de visibilidade presente nessas imagens, o do *querer ser visto* que é próprio da “ostentação” e do *não querer não ser visto* que corresponde ao apresentar-se “sem constrangimento”.

34

³⁴ Cf. Landowski (1992).

Percebemos ao longo da observação dos álbuns que apresentam autorretratos que a todo momento as adolescentes recorrem às mais variadas estratégias enunciativas com um intuito de *querer fazer* o enunciatário crer que elas são exatamente a imagem que apresentam de si, configurando assim a persuasão presente no contrato fiduciário, que é baseado na intersubjetividade, ou seja, no *fazer crer* ao outro e no *fazer* interpretativo do outro.

Elas reconhecem-se e aceitam-se umas às outras, por meio de mensagens compostas e verbalizações (escritas), que compõem narrativas e interações, que se pautam em uma lógica do ser necessário estar lá, atualizando a sua presença, no meio virtual, com imagens postadas, para serem reconhecidas, e, nesse caso, o quantitativo constitui o valor, pois quanto maior o número melhor, porque

Cada imagem se torna, assim, como que a promessa de uma outra imagem, ainda ausente mas já configurável, de modo tal que nosso olhar, contando que o deixemos se deter, acha-se logo prisioneiro não exatamente daquilo que se mostra, mas da espera de um possível ainda a se atualizar (LANDOWSKI, 2002, p. 138)

Apresentando-se sempre belas, com cabelos escovados, com raras exceções sempre liso e com franja, com poses que variam do angelical à extrema sensualidade, o grupo traça seu perfil identitário. A câmera fotográfica passa a ser uma extensão do próprio corpo das adolescentes, apresentada sempre em primeiro plano, é o que torna possível a elas *serem* o que quiserem.

4.1.2 O Não querer não ser visto

Ao adentrar os muros da escola os adolescentes se revestem do papel temático de aluno, que em muito se difere daqueles outros papéis que vivem fora do cotidiano escolar. Subordinados às regras impostas por aquele espaço, todos passam a ter um *dever*, e este *dever* é o mesmo para todos, independentemente das diferenças. Cada comando deve ser seguido de acordo com as normas da escola, como por exemplo o sinal, que marca o início ou término dos tempos, sejam eles das aulas, do recreio, ou da entrada e da saída.

A padronização do comportamento se inicia pelo uso obrigatório do uniforme, igual para todos, gordo ou magro, alto ou baixo. Seguem-se assim as imposições para que se tenha uma regularidade programática, como o material didático, o mesmo para todos, com raras exceções, como a possibilidade de ter provas impressas em grande formato para um aluno com deficiência visual, as mesmas regras de comportamento, horários, estrutura curricular, critérios de avaliação. Desse modo, a escola organiza-se para que o cumprimento das regras possa ser sempre monitorado, ou quase sempre. É neste quase que os alunos encontram espaços para burlar os padrões impostos e “assumir suas identidades”.

O Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória possui uma regra clara e de conhecimento de todos os seus alunos: é terminantemente proibido tirar fotos dentro da sala e em espaços fechados. Fotografar só é permitido no pátio durante o horário do recreio ou em algum evento da escola como jogos interclasses, festa junina. Entretanto, ao analisar os álbuns do Orkut destes alunos, encontramos com certa frequência retratos feitos em espaços do ambiente escolar “proibidos” de serem fotografados. Desse modo, entende-se que

A escola como espaço sócio-cultural é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. (DAYRELL, 1996, p. 137)

Conforme afirma Dayrell, as regras da escola estão sujeitas a transgressões, e, no caso das fotografias, quase sempre por meio de alianças e estratégias coletivas, conforme apresentado na imagem abaixo. Um grupo de meninas se aglomera em frente a um espelho para garantir um retrato. Minutos depois o retrato é postado no álbum e elas marcam a sua compreensão daquele espaço: o local do encontro para fazer retratos com o grupo.

Os modos de apresentação de si predominantes nesses retratos são os do *não querer não ser visto*, um desejo de não ser visto no ato em que realiza a fotografia, e

um *querer ser visto* pelos amigos na rede social, sem constrangimento, e de acordo com Landowski, com uma certa publicização dos papéis privados (1992, p. 92).

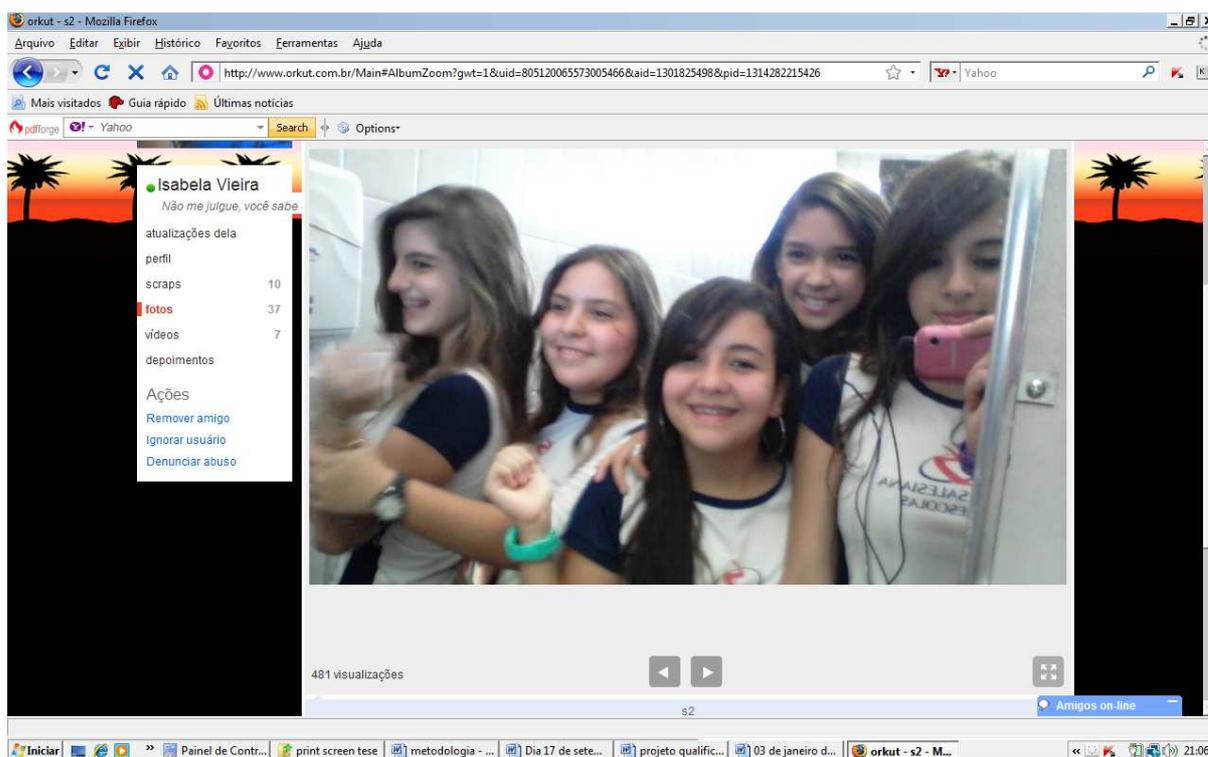


Imagem 32: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

As meninas apresentam-se “amontoadas” em frente ao espelho em uma foto marcada pelo movimento dos corpos. Sorridentes, aparentemente a preocupação nesta fotografia não é a estética e sim conseguir tirar a fotografia antes que alguém as perceba dentro do banheiro, pois se isso acontecer serão penalizadas. O retrato é envolto em uma atmosfera de euforia, e mesmo o fato de estar desfocada, devido à movimentação de algumas delas, não é motivo para não postá-la. Ao postar a fotografia encerra-se o ciclo daquela transgressão, porque sabem que, mesmo que a direção tome conhecimento daquele ato, para uma penalização é preciso o “flagrante”.

O plano de fundo é predominante preto com uma pequena paisagem acima, neutralizando sua ação de diálogo com o retrato. O sincretismo, na imagem acima (e na imagem 34), entre o retrato, o texto verbal e o plano de fundo é, segundo

Oliveira, do tipo de *neutralização*, que diferentemente das imagens nas quais o plano de fundo reiterava o discurso verbal e visual

[...] tornam os sistemas integrantes do sincretismo mais ou menos visível, mais ou menos audível, mais ou menos cinético, mais ou menos espacial. Isso sem que a integração sincrética transforme completamente a participação do uso de um sistema na totalidade a ponto de produzir seu desaparecimento, ou anulação de sua participação nos efeitos de sentido. (2009, p. 85-86)

Intitulado de “s2”, grafismo que significa “coração”, sinônimo de afeto na linguagem das redes sociais, fica claro que se trata de um momento entre amigas. O retrato foi postado no perfil da dona do celular utilizado para fotografar, o que pode ter acontecido dentro da escola pela internet do aparelho ou no momento em que chegou em casa. Vale lembrar que o uso de celulares também é proibido dentro do ambiente escolar, quanto mais o acesso à internet. Durante nossa permanência na escola a Diretora afirmou que este era um dos grandes problemas que a escola enfrentava. Por mais que se esforçassem para evitar este tipo de prática, muitas vezes são surpreendidos por postagens de fotografais e mensagens nas redes sociais feitas no horário das aulas. Mas, mesmo sabendo que é uma regra quase sempre quebrada, a escola permanece com a postura de mantê-la.

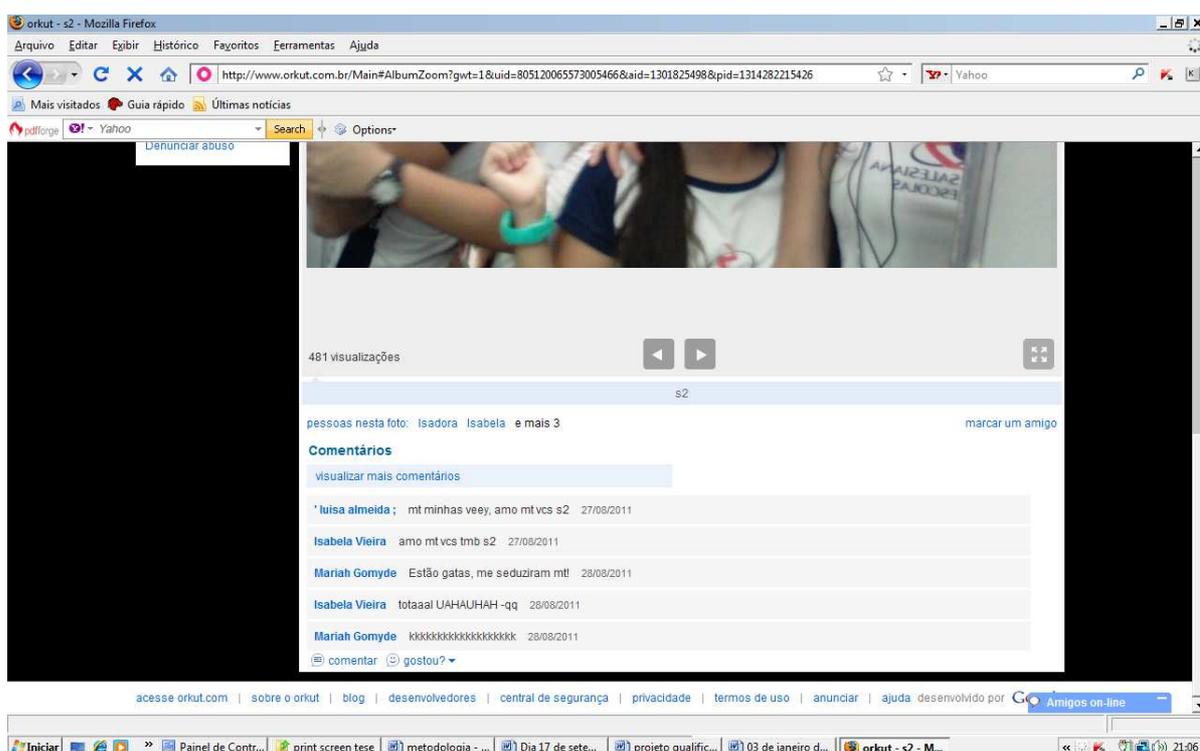


Imagem 33: Interações no álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Todas nos olham de frente, exceto a que faz o registro, uma espécie de diálogo direto com o enunciatário. A fotografia postada conta com 481 visualizações, um número expressivo que marca a legitimação da ação pelos amigos da rede social. As interações reiteram o título da foto que significa o afeto entre as meninas com frases como “amo muito vocês tbm s2!”. A mesma ação é repetida na fotografia abaixo, só que com uma audácia maior do que a primeira.

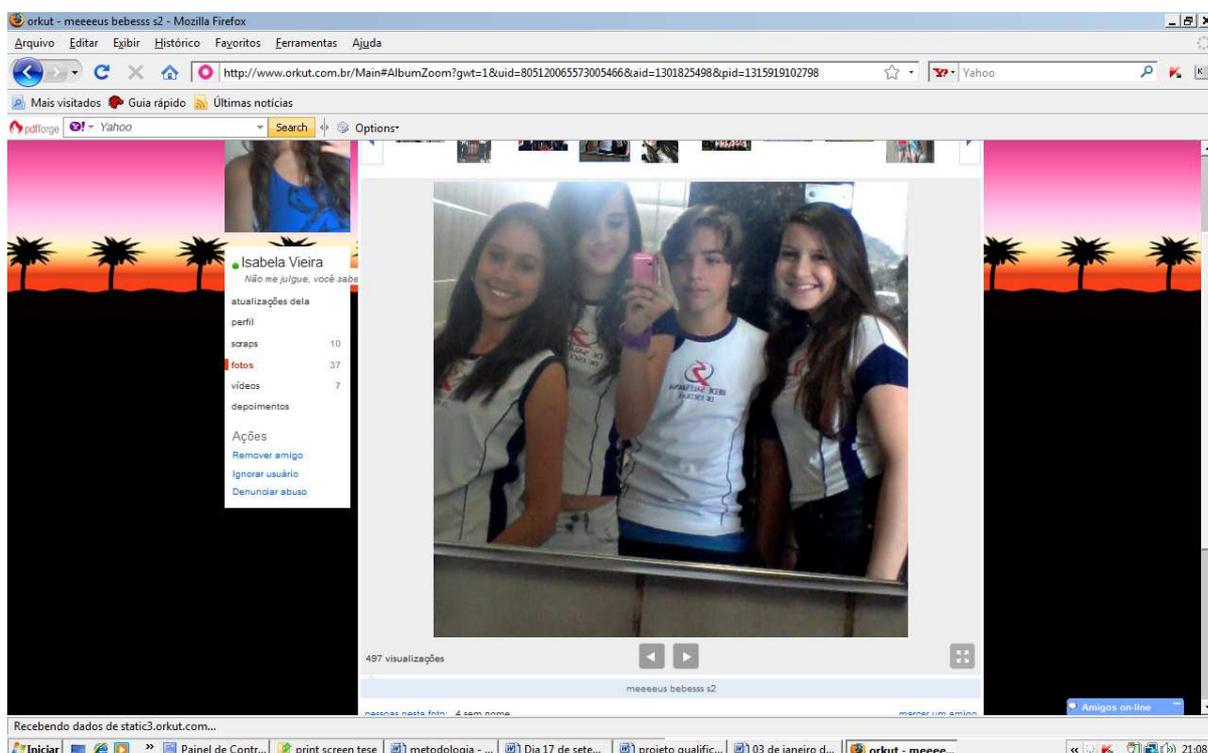


Imagem 34: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

As meninas se reúnem novamente para fazer uma fotografia em frente ao espelho do banheiro, mas desta vez convidam um menino da turma para compor o grupo. Além de quebrarem a regra que proíbe que os alunos se fotografem nos espaços fechados da escola, um menino é convidado para entrar no universo feminino (e proibido) do banheiro das meninas.

As meninas das extremidades nos olham de frente enquanto a que fotografa e o menino se preocupam com o enquadramento e focam o olhar para o visor do celular.

e no terceiro o cenário. As variações de poses e enquadramentos são mínimas, variando de retratos comuns a quebras de ângulo com a câmera em diagonal, como no retrato abaixo.

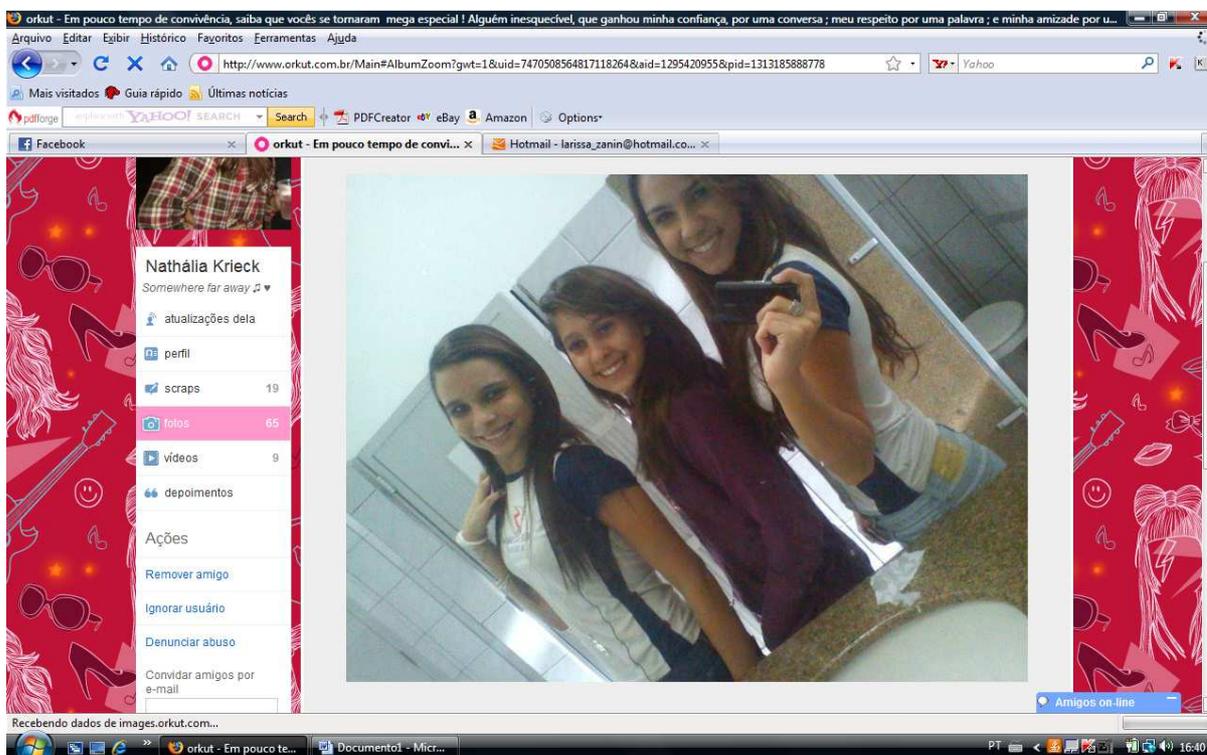


Imagem 36: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Na fotografia temos as marcas da enunciação que deixam claro que o local utilizado para fazê-la foi a banheiro. A presença de parte da pia em primeiro plano e a porta aberta deixando à mostra o vaso sanitário no canto superior esquerdo não deixam dúvidas do local onde a foto foi feita. As meninas apresentam-se sorrindo, todas com o cabelo arrumado do mesmo modo, franja de lado levemente caída sobre o rosto e parte do cabelo sobre o ombro esquerdo. A maior parte das meninas que compuseram nosso grupo focal usam cabelos lisos e franja levemente caída sobre o rosto, um dos traços identitários do grupo.

Todas apresentam o mesmo visual, uma espécie de estereótipo que caracteriza o grupo, reiterado na figuratividade presente no plano de fundo. Com figuras de cabelos, sapatos de salto alto, óculos de sol, guitarras e notas musicais, sobre um

fundo magenta, estabelece uma construção figurativa isotópica da “patricinha” ou da “garota popular” identificadas durante a roda de conversa³⁵.

Enquanto a menina da esquerda se esforça para enxergar o resultado da imagem no visor do celular, a da direita concentra-se em olhar para si, e somente a que faz a fotografia é que nos encara de frente. Ao contrário dos autorretratos, nos quais destaca-se o uso de câmeras fotográficas, a maior parte dos retratos feitos no ambiente escolar são feitos com câmeras de celular, uma vez que câmeras fotográficas também são proibidas.

Ainda que exista a proibição os adolescentes conseguem burlar a regra, como na fotografia abaixo, na qual a câmera fotográfica aparece em destaque no primeiro plano da fotografia. A composição apresentada é semelhante à anterior, só que dessa vez duas meninas posam sorridentes, com os cabelos cuidadosamente arrumados sobre o colo com um olhar direto para o enunciatário. As duas vestem o agasalho da equipe de esportes da escola, e ao escolher o enquadramento de meio corpo a roupa se destaca. Talvez esta fotografia tenha sido feita durante algum campeonato esportivo da escola, por isso a utilização da câmera fotográfica ao invés do celular.

³⁵ Identificações feitas a partir das falas e textos dos adolescentes no momento em que apresentei a dinâmica com os retratos da Imagem 16 (p. 96 – 97).



Imagem 37: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Este foi o uniforme que a escola elaborou para os atletas utilizarem durante os jogos esportivos denominados “Intersalesianos 2011”, campeonato anual entre as escolas da rede salesiana de todo o Brasil. Usar este uniforme tem um valor simbólico para o grupo, marca a presença do aluno na equipe de atletas, o que na cultura da escola é papel de grande importância e sinônimo de popularidade.

O Colégio Salesiano atua na educação básica e também no ensino superior. Mesmo tentando separar os espaços entre escola e faculdade estes sempre se confundiam e eram utilizados pelos alunos de maneira indiscriminada. As adolescentes da escola tinham preferência em usar o banheiro da faculdade para se fotografar, porque neles o espelho é maior. Como tentativa de reprimir este tipo de prática a Diretora proibiu o acesso destes alunos aos banheiros da faculdade. Ainda assim, mesmo com espelhos menores, o banheiro ainda é o local preferido pelas meninas.

4.1.3 Fazer Ver, Fazer Saber

A terceira categoria encontrada nos álbuns do Orkut são retratos que apresentam os adolescentes em situações sociais como festas, encontros com amigos fora do ambiente escolar, sempre registrados de modo a tornar público a vida fora do papel temático de aluno. Percebemos assim que na vida deste adolescente

[...] existe um outro nível, o das interações dos indivíduos na vida social cotidiana, com suas próprias estruturas, com suas características próprias. É o nível do grupo social, onde os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. É onde os jovens percebem as relações em que estão imersos, se apropriam dos significados que lhes são oferecidos e os reelaboram, sob a limitação das condições dadas, formando, assim, sua consciência individual e coletiva (DAYRELL, 1996, p. 142).

Nestes retratos as estratégias enunciativas e a organização plástica diferem das outras duas categorias. São retratos de grupo feitos ora pelos próprios adolescentes (semelhantes à estética dos autorretratos) ora por terceiros, que não compõem a imagem e não são referenciados nas legendas.

Denominamos esse agrupamento como *fazer ver / fazer saber*, uma vez que todos apresentam, de certo modo, um desejo de tornar público algum acontecimento da própria vida social destes adolescentes. Uma espécie de dar visibilidade para o outro, ao *fazer ver* a sua existência social fora do papel temático de aluno, e assim *fazer saber* ao enunciatário o que se faz fora do espaço escolar.

A primeira imagem apresenta um autorretrato de duas amigas em frente ao espelho, em um ambiente que não é possível de ser identificado. Apresentando uma composição semelhante aos retratos do *querer ser visto*, as adolescentes se colocam lado a lado sorrindo para o enunciatário, com os cabelos arrumados de modo semelhante, franja levemente jogada sobre o rosto e parte do cabelo sobre o colo.



Imagem 38: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

A adolescente que fotografa nos olha de frente enquanto a outra direciona o olhar para a amiga no espelho, estabelecendo um diálogo com o enunciatário por meio da gestualidade dos dedos, uma gesticulação semelhante a “paz e amor”, que somado ao sorriso garantem ao retrato uma atmosfera de amizade, reiterada pelo fato de que as duas se fotografam em um ambiente fora da escola, o que indica que a amizade que compartilham está além do convívio escolar.

A legenda diz “feeeeeeeeeeeia ❤️”, o que aparentemente seria uma colocação indelicada é amenizado com a inserção do símbolo que representa um coração, sinônimo de afeto, o que conduz o enunciatário a compreender que se trata de uma brincadeira entre as amigas, ação comum nas redes sociais nas interações nos álbuns. O plano de fundo escolhido mais uma vez neutraliza sua ação de diálogo com os outros elementos do álbum.

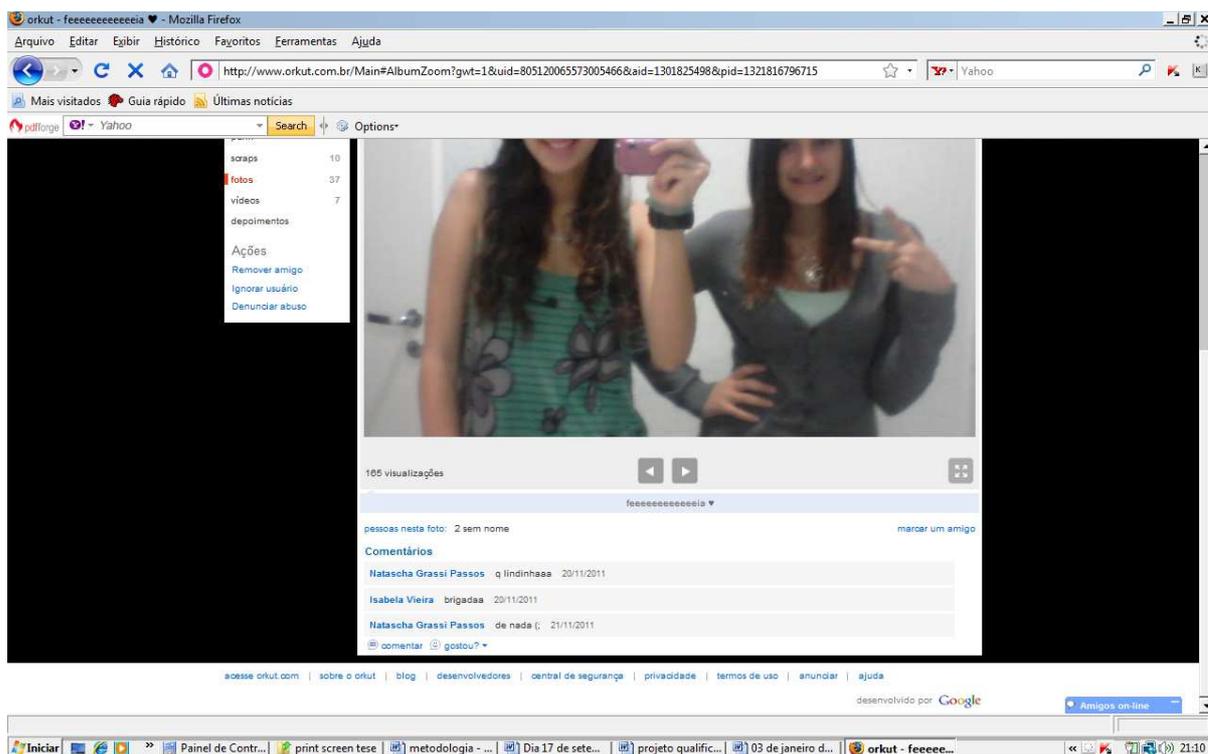


Imagem 39: Interações no Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

O retrato conta com 165 visualizações e três comentários. Uma amiga da rede comenta “q lindinhaa” sancionando positivamente o retrato postado. A dona do perfil no qual o retrato foi postado logo responde “brigadaa” agradecendo a sanção da amiga, que retorna o comentário dizendo “de nada (:)” retribuindo o agradecimento e encerrando a conversa com o grafismo que representa um sorriso.

A próxima imagem apresenta um retrato com um grupo maior de meninas que posam para a foto sorrindo. No primeiro plano encontram-se as mesas e duas meninas. Nas mesas destacam-se um porta guardanapos e uma toalha de papel, comuns em restaurantes e lanchonetes, o que indica que o retrato foi feito em um ambiente para encontros. Lanchonetes, casa de sucos e shoppings são os locais de encontro extraescolar mais utilizados por estes adolescentes em seu convívio social.

As meninas vestem roupas parecidas, quase todas com saia e blusa, e os cabelos também são penteados de modo semelhante. Destaca-se mais uma vez a marca do grupo, o uso de franja levemente caída sobre o rosto. Uma característica comum entre as adolescentes quando vão participar de um evento é o estabelecimento de

contato prévio, geralmente via telefone, para saber que roupas vão vestir, de modo que, na maior parte das fotografias que encontramos de grupos de meninas em situações sociais, elas estão quase sempre vestidas com o mesmo tipo de roupa.



Imagem 40: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

Enquanto as meninas localizadas nas extremidades e abaixadas gesticulam com as mãos a forma de um coração, as outras cinco que ficam em pé fazem letras com os dedos que juntos formam o nome de uma das amigas “LUIZA”, talvez a aniversariante do dia que proporcionou aquele encontro entre as amigas da escola, fora dela. A gestualidade das adolescentes significa a afetividade entre elas, que é reiterada na legenda da fotografia “Amo mt mt mt mt mt mt vcs viu??? s2”, na qual “mt” significa muito e s2 reitera a gestualidade feita com as mãos para representar um coração.

Uma constante nestes retratos é a presença actancial de um *nós*, em um tempo *então* e uma espaço *alhures*, uma vez que a maior parte dos retratos foi feita em ambientes que não são a escola, tampouco a casa das adolescentes, como no retrato abaixo, no qual as três meninas se fotografam em frente ao espelho de um banheiro.



Imagem 41: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

As adolescentes apresentam-se enfileiradas com os corpos flexionados com um sorriso discreto. As meninas destinam o olhar para o próprio rosto no espelho e gesticulam com o dedo indicador e o polegar, gestualidade presente também em outros retratos. Mesmo sendo comumente conhecido como um gesto que representa uma arma, gestualidade presente em outros retratos, para estes adolescentes esta gestualidade não aparenta ser sinônimo de uma postura agressiva, é apenas uma gesto indicador, como se apontassem para o enunciatário como modo de estabelecer um diálogo direto.

O local em que o retrato foi feito aparenta ser um banheiro coletivo, comum aos espaços públicos, identificável assim devido à presença das portas abertas na parte superior esquerda da fotografia, semelhantes a este tipo de espaço. A moldura escolhida para estes retratos apresenta imagens de óculos, sapatos de salto alto, cabelos, notas musicais e guitarras, envoltos em um tom magenta, o que dá uma feminilidade ao perfil da adolescente dona deste álbum, e reiterando, mais uma vez,

o estereótipo da “patricinha” e da “garota popular” definido durante as rodas de conversa.

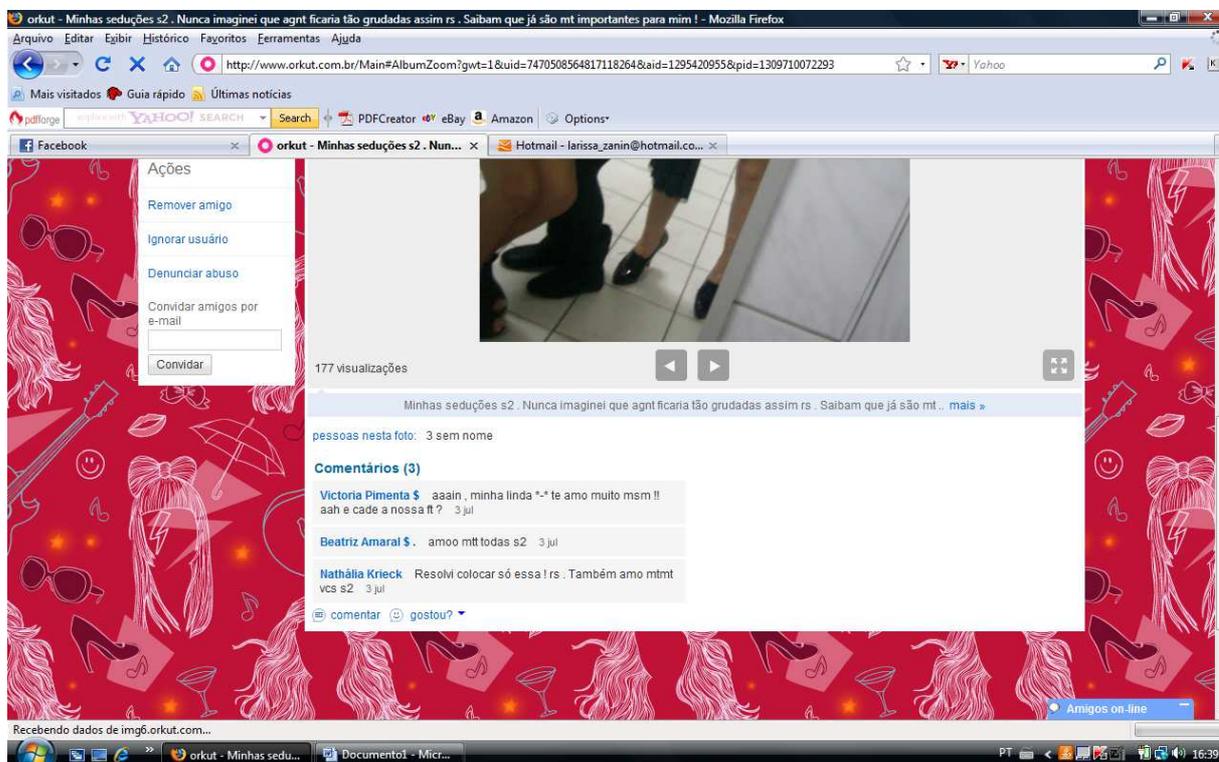


Imagem 42: Interações no Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

A legenda diz “*Minhas seduções s2. Nunca imaginei que agnt ficaria tão grudada assim rs. Saiba que já são mt especiais!*” destacando a proximidade e amizade entre as adolescentes da foto. Em seguida os comentários, feitos pelas meninas que compõem o retrato, reiteram o afeto expresso pelo enunciador da fotografia no Orkut com as seguintes interações “aaain, minha linda *-* te amo muito msm!!! (...)” e “amoo mtt todas s2”, sancionando positivamente a colocação da adolescente que postou o retrato. Uma marca comum desses tipos de retratos em grupo é a interação, quase sempre somente entre os sujeitos que compõem os retratos.

O último retrato é composto por quatro adolescentes em frente ao espelho que alternam feições de sorrisos e caretas. Organizadas lado a lado em um enquadramento diagonal, as meninas posam num cenário que aparenta ser um banheiro, estando cada uma com uma coroa de papel na cabeça sobre os cabelos

cuidadosamente arrumados, brinde da famosa rede americana de sanduíches fast food, *Burger King*. Considerando que em Vitória, município de residência das adolescentes, só tem uma loja desta lanchonete dentro do Shopping Vitória, é provável que a fotografia tenha sido feita no banheiro do shopping.

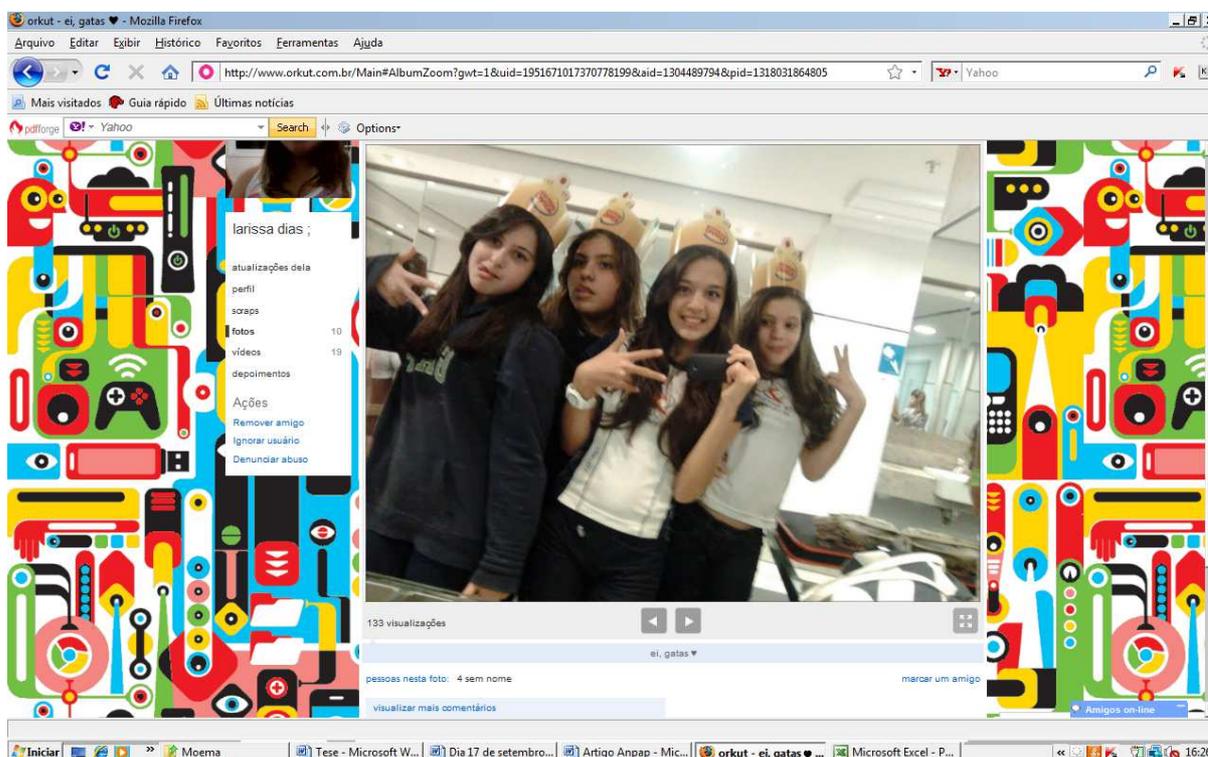


Imagem 43: Álbum do Orkut
Fonte: Arquivo Pessoal

As meninas estão vestindo o uniforme do Salesiano, o que levar a crer que o passeio no shopping seguido do lanche no *Burguer King* se deu após a saída da escola. O uso das coroas marca a legitimação do consumo deste produto pelas adolescentes, um alimento de uma *fast food* americana, dentro de um shopping, espaço de encontro para este grupo. O mesmo é reiterado na plano de fundo do álbum que emoldura a fotografia, composto por figuras de celular, *Joystick*³⁶, e outros elementos que remetem a figuras comuns em jogos digitais, objetos de consumo comuns entre este grupo social.

Assim, as meninas apresentam-se em conjunção com a prática do consumo de determinados produtos comuns entre os adolescentes de seu convívio. Isso

³⁶ Dispositivo de controle utilizado em videogames.

acontece porque, de acordo com Canclini, cada grupo social estabelece a escolha, os usos e funções dos objetos que vão consumir, desse modo “a diferença que se estabelece, mais do que nos bens de que cada classe se apropria, está no modo de usá-los. (2007, p. 78)”.

As adolescentes traçam, deste modo, um perfil identitário do grupo, ou seja, aquele que se encontra após a escola, em espaços específicos como o shopping, consomem, se fotografam e publicam na rede social, um modo de *fazer saber* a todos que estiveram naquele espaço. O retrato postado é do tipo do *querer ser visto*, mostrar, ostentar a prática vivida.

4.2 A ESCOLA NA REDE

Ao adentrarmos as páginas do Orkut como amigos dos adolescentes na rede social, percebemos que quase todos eles participavam de comunidades em comum, e uma delas nos chamou a atenção, a comunidade “Salesiano de Vitória – ES”, formada por alunos e ex-alunos do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória. Percebemos

então que a escola estava apresentada pelos adolescentes não somente nos retratos, mas também neste novo espaço, que ressignifica a vivência escolar deles.

A extensa rede de relações existentes na virtualidade do Orkut desencadeou o interesse de investigar como a escola é apresentada na rede social Orkut por meio das chamadas “Comunidades Virtuais” e como ela se apresenta em seu site institucional. Após a análise dos dois modos de apresentação e de visibilidade da escola, apresentaremos ao final um quadro comparativo de como o Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória é visto pela comunidade e como ele quer ser visto em seu site institucional.

As “Comunidades” do Orkut são criadas com o intuito de reunir pessoas, possibilitando novos modos de sociabilidade. Em muitos casos, principalmente no “Orkut”, encontramos espaços virtuais que localizam espaços territorializados, são as chamadas “comunidades”. Determinada por uma página na web dentro dos domínios do site de relacionamento Orkut, encontramos espaços virtuais que simulam bairros, escolas, igrejas, cidades, etc. As comunidades virtuais do Orkut convidam as pessoas a simular na rede a sua presença em determinados espaços ou grupos sociais, através da participação delas nesse “novo” espaço. Ao criar um perfil no “Orkut”, o usuário pode relacionar as comunidades das quais deseja fazer parte e até mesmo criar uma nova comunidade.

Logo na primeira página da rede de relacionamentos “Orkut” aparecem em destaque, na parte inferior direita da página, as comunidades das quais aquele usuário faz parte.

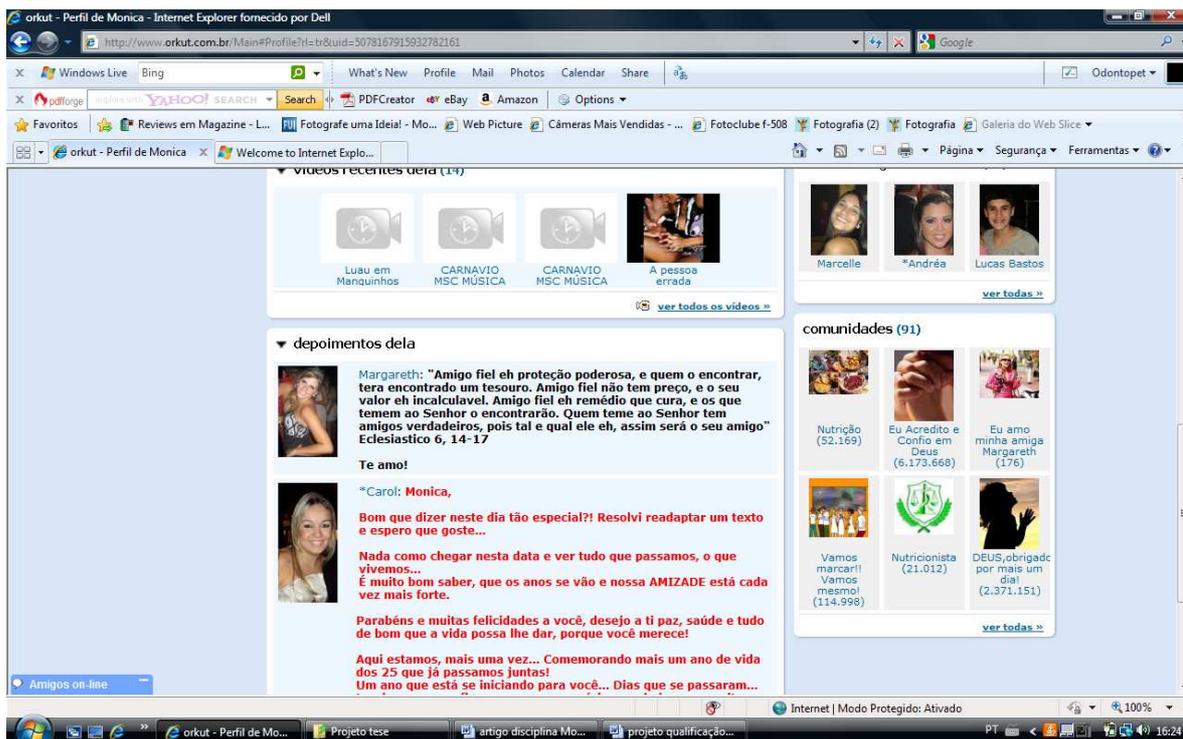


Imagem 44: Detalhe da página inicial do Orkut

Fonte: Arquivo Pessoal

As comunidades podem ser constituídas por pessoas com um interesse em comum em determinado assunto ou área, ou podem ser representações virtuais de espaços físicos dos quais os participantes façam parte e/ou se incluam neles.

Interessa-nos aqui compreender os modos de relações possíveis nas comunidades virtuais do Orkut, que propõem um simulacro de uma comunidade física, territorializada, mais especificamente as presentes na comunidade “Salesiano de Vitória - ES”, que compreende um espaço virtual que representa o espaço físico do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, localizado na Avenida Vitória, na cidade de Vitória, ES. Este tipo de prática vem sendo cada vez mais utilizada por estudantes, proporcionando alargamentos e deslocamentos das relações de espaço e tempo das salas de aulas, produzindo novas relações espaço-temporais que muitas vezes não são vivenciadas no espaço físico institucionalizado da escola.

A comunidade “Salesiano de Vitória - ES” foi criada em 23 de junho de 2004 pela usuária Bianca Menezes, uma ex-aluna do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória. Em conversa com a direção da escola obtivemos a informação de que a

comunidade foi criada sem a autorização da instituição e que eles não são responsáveis pelos conteúdos presentes na página.

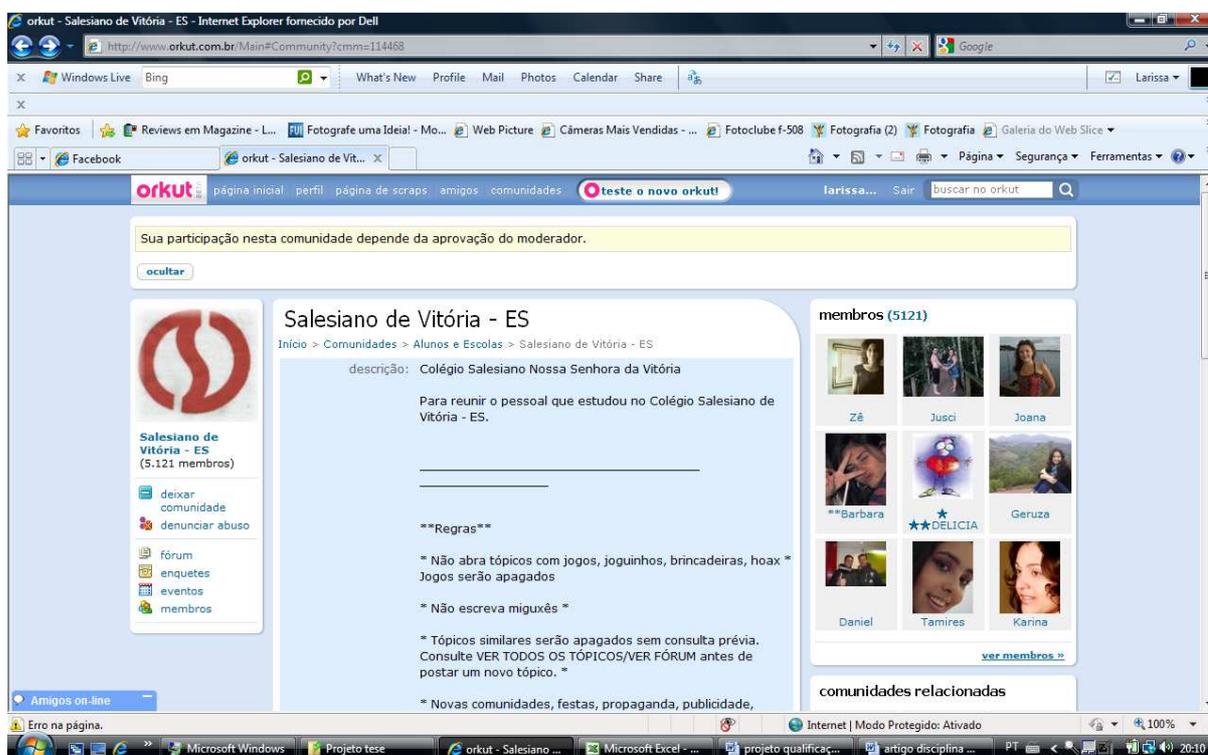


Imagem 45: Página da comunidade “Salesiano de Vitória - ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

Logo na primeira página da comunidade, na descrição de seu conteúdo, vemos na referência ao espaço físico do Colégio, o próprio nome “Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória”, deixando claro logo no primeiro acesso da página virtual, que aquele espaço é um simulacro do Colégio Salesiano; e a seguir a comunidade define seu objetivo: “Para reunir o pessoal que estudou no Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória”.

Percebemos então a primeira marca de um processo de desterritorialização do espaço físico do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória e sua reterritorialização por meio da criação da Comunidade Virtual “Salesiano de Vitória – ES”.

Conforme destacado anteriormente, na cidade de Vitória existem duas unidades do Colégio Salesiano, uma no bairro Forte São João e outra no bairro Jardim Camburi. A comunidade que estamos analisando refere-se ao espaço físico localizado no Forte São João.

Após definir para quem a comunidade é destinada, são relacionadas as regras que devem ser respeitadas neste espaço virtual. Mesmo sendo um espaço virtual, reitera-se a presença de “regras” de comportamento, assim como é comum nas escolas de ensino tradicional, entre as quais o Colégio Salesiano está (ela é uma escola confessional, o que a torna ainda mais exigente quanto ao cumprimento das regras). Desse modo, apresenta-se então na comunidade uma representação do comportamento exigido pela escola e vivenciado pelos ex-estudantes, membros da comunidade, funcionando assim como um espaço virtual da escola, programado e estruturado por regularidades.

O que figurativiza a identidade da comunidade é a logomarca da rede salesiana em destaque no canto direito da página, reiterando a ideia de que é um simulacro do espaço físico, ou seja a reterritorialização, que também tem como marca uma placa, com a logomarca da escola.

A comunidade conta com 5.121 membros participantes, todos eles estão identificados no canto superior direito da página. Logo abaixo dos membros, encontramos as comunidades relacionadas à Comunidade Salesiano de Vitória – ES. Entre elas, comunidades que reúnem ex-alunos que simpatizam como um determinado professor, como a comunidade “Eu tive aula com o Sergião”, que conta com 706 membros, e comunidades temporais do Colégio Salesiano, ou seja, comunidades que reúnem ex-alunos que frequentaram o colégio em um determinado período como, por exemplo, a comunidade “Salesiano anos 80” que conta com 431 membros.

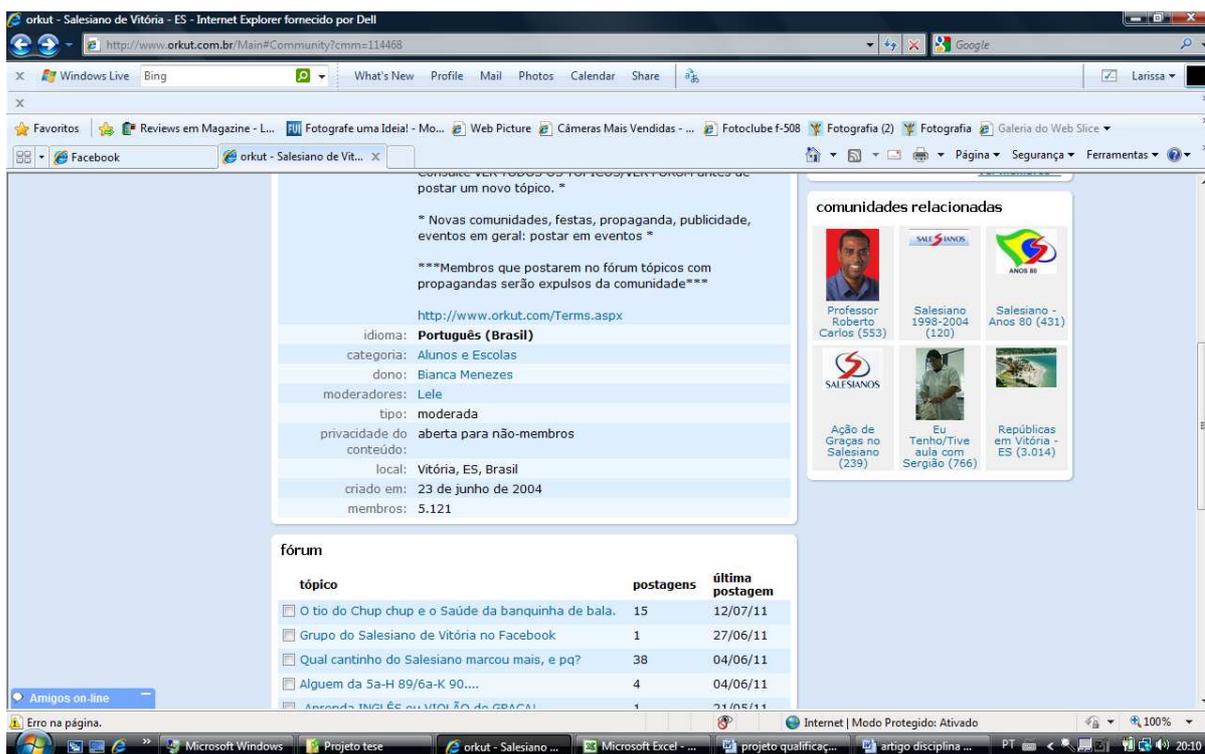


Imagem 46: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

A comunidade é definida quanto à “privacidade de conteúdo” como aberta para não-membros, o que significa que para acessar as informações presentes nesta comunidade não é necessário ser participante dela. Nesse sentido, ela se afasta do espaço físico territorializado da instituição, uma vez que no Colégio só podem entrar alunos uniformizados identificados com a carteira estudantil específica da escola ou sujeitos autorizados após triagem na portaria.

A marca das comunidades virtuais do Orkut são os fóruns de discussão, que são abertos por tópicos e nos quais os participantes da comunidade podem interagir. Qualquer um dos participantes da comunidade pode criar um tópico e, aqueles que fizerem parte da comunidade, podem ou não interagir com o comentário postado. Desse modo todos que participam da comunidade podem, por meio de um *poder fazer*, criar um fórum para discussão sobre determinado assunto e os outros participantes, neste momento enunciatórios do fórum proposto, podem ou não, por meio de um *querer fazer*, deixarem-se manipular e interagir.

Uma das regras da comunidade é que não se pode abrir tópicos de discussão similares a outros já existentes, entretanto, essa regra pode ser burlada pelos participantes da comunidade. Para que isso não aconteça o criador enunciador da comunidade, ao definir as regras, manipula os participantes enunciatários a não criarem fóruns com discussões por intimidação com o seguinte discurso: “Tópicos similares serão apagados sem consulta prévia. Consulte VER TODOS OS TÓPICOS/VER FÓRUM antes de postar um novo tópico”. Também por meio de uma manipulação por intimidação o criador da comunidade deixa claro que os fóruns são espaços para discussões e nele não devem ser veiculados outros tipos de informação. Com o discurso marcado por certa intolerância informa: “Membros que postarem no fórum tópicos com propagandas serão expulsos da comunidade”, mas antes avisa que para isto existe um espaço específico: “Novas comunidades, festas, propagandas, publicidade, eventos em geral: postar em eventos”. Assim como o “Fórum”, a parte da comunidade denominada “Eventos” também permite que os usuários publiquem quaisquer informações que desejarem.

Desse modo, percebe-se que a comunidade “Salesiano de Vitória – ES” no Orkut reitera em muitos aspectos os comportamentos vividos e exigidos no espaço físico da escola. Com regras e penalidades para quem descumpri-las, assim como na escola, a comunidade tenta ser um espaço das regularidades com relação a sua organização, e para isso impõe sistemas de controle semelhantes, como acompanhamento das participações, penalizações, além de espaços específicos para cada ação. Do mesmo modo que no espaço físico da escola não se pode, por exemplo, comer lanche ou beber suco dentro da biblioteca, uma vez que o espaço apropriado para isso é a cantina e o pátio, na comunidade espaço de discussão não deve ser confundido com espaço de divulgação.

A comunidade virtual “Salesiano de Vitória – ES” conta com mais de 40 tópicos abertos e, dentre eles, resolvemos analisar os tópicos que tiveram a última postagem no ano de 2011, entre os meses de junho e julho. São eles “o tio do Chup chup e o Saúde da banquinha de bala” que conta com 15 interações e “Qual cantinho do Salesiano marcou mais, e pq?” que conta com 38 interações.

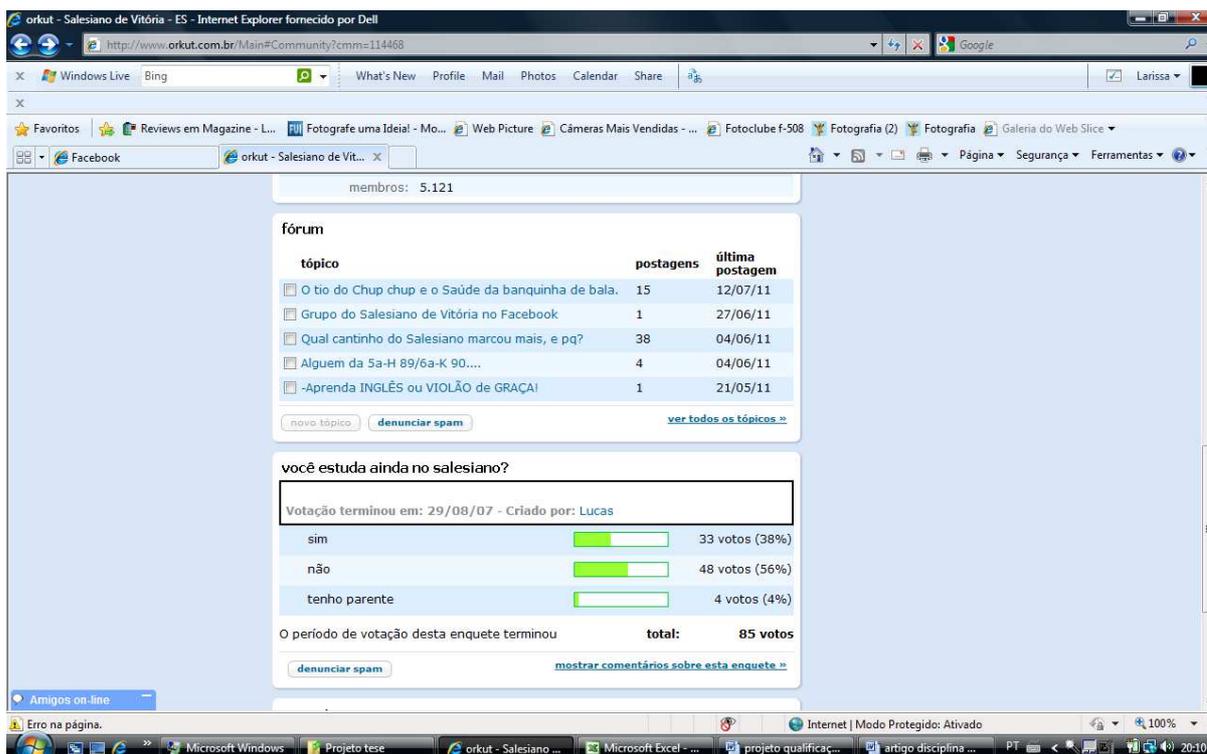


Imagem 47: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”

Fonte: Arquivo Pessoal

O Fórum “O tio do Chup chup e o Saúde da banquinha de bala”, foi aberto pela participante da comunidade “Fê”, em 10 de maio de 2005, com o seguinte comentário:

“Vocês se lembram deles... então acho que o tio do chup chup deve ter ficado rico as nossas custas... pelo menos eu contribui muito para isso... todo dia era um chup chup de coco.... fala sério e a quantidade de bala que o saúde vendia na banquinha, as top's de linha eram: bala maluquinha, a depois bala de iogurte e logo em seguida aquelas balas redondinhas de canela..... nossa não tinha cartela de passe que desse conta da quantidade de bala e chup chup, nunca tinha passe escolar no final do mês.... hehehe bons tempos....”

Logo após o comentário que abre o fórum, outros 15 comentários surgem, uns ainda no ano de 2005 e o último em 2011. Cada um relata sua experiência pessoal com o vendedor de balas, o “Saúde”, e o vendedor de chup chup, o “Tio do Chup Chup”. Todos têm lembranças que são físicas e transpostas para o ciberespaço com descrições em detalhes, de modo que podemos criar imaginários de cada situação.



Imagem 48: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

O “Saúde” e o “Tio do Chup Chup” não são funcionários do Colégio Salesiano e não têm nenhuma ligação direta com a escola. Entretanto, são reconhecidos como presenças na rotina da escola e na vida dos alunos por meio dos produtos que vendem, as balas e o chup chup. Esses produtos são elementos atravessadores que fazem com que algo que pertence somente ao ambiente externo, ou seja, ao público, adentre o ambiente interno privado da escola, a ponto da presença desses elementos imporem criações de regras no cotidiano da escola, como: a proibição de comer balas ou mascar chiclete dentro da sala de aula. A escola é movida o tempo todo por ações de controle que tentam manter o espaço privado “blindado” de tudo aquilo que não foi imposto por ela dentro dela, “os muros demarcam claramente a passagem entre as duas realidades: o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste em se aproximar. A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos” (DAYRELL, 1996, p. 147)”.

Os deveres impostos na escola concebem a existência modal dos sujeitos ao determinar a existência modal dos objetos, as balas e chup-chup são objetos modais

da liberdade, os alunos sabem quais são os limites (físicos e reguladores) impostos pela escola, e, mesmo assim, ou justo por ser assim, sabem, podem e querem ser (sujeitos movidos pelo desejo), e pelo poder-fazer (liberdade).

Desse modo, a bala e o chup-chup e a relação estabelecida com quem os vende figurativizam modos de ser e de comportamento de quem quer interagir com eles (os alunos), e quem quer ter o controle dessa interação (como os propositores das regras da escola). O compra dos doces constituem-se como práticas sociais cotidianas dos alunos da escola, fazendo com que esta seja movida por um desejo de poder consumir algo que é não permitido pela instância controladora (a escola) e tentar, diariamente, burlar as regras que são impostas.

Esta relação é estabelecida entre os alunos e os doces, objetos de autonomia e de liberdade, uma vez que comprar ou não é um escolha do aluno e não uma decisão da instituição. A compra do doce, além de constituir uma prática social, cria vínculos afetivos entre os alunos que compram e os vendedores, proporcionam, por meio dos vínculos afetivos estabelecidos, o ajustamento entre estes sujeitos.

A presença constante desses sujeitos no cotidiano do colégio é reiterada nas interações do fórum. Todos que participam deste fórum afirmam que os dois são sujeitos participantes da rotina da escola e todos os que postam um tópico relatam uma experiência pessoal com algum deles. Temos então, no fórum, um segundo momento de ajustamento, agora entre os alunos e ex-alunos que revivem esta memória. A primeira chamada convida os participantes da comunidade a interagir e aqueles que se sentem ajustados participam, relatando suas experiências pessoais com os vendedores de doce.

Alguns tópicos reiteram o que disse a usuária “Fê” e outros contam que encontraram um ou outro em situações da vida profissional, o que marca o distanciamento físico atual com os vendedores de bala e de chup chup, outros, ainda, falam de suas preferências de sabores com certo saudosismo.

“Olha só como o mundo eh pequeno... fechei um contrato com um cliente que, um dia na igreja eu descobri que o Saúde é casado com a irmã desse

cliente meu ! Está bem, o vejo sempre !! Abraços e tem a mesma banquinha na frente do Salê !!!" (Alam em 07/11/2005)
"O Saúde era massa, mas o tio do chupchup era o melhor! Ele conhecia todo mundo pelo nome e os pais, aí a gente fica esperando as vezes o pai ir buscar e quando pai chegava ele já gritava "fulano seu pai chegou". Ele era o maximo!" (Larissa em 27/02/2010)

A última postagem traz notícias recentes dos dois sujeitos e a surpresa de seu enunciador ao saber que os dois fazem parte da rotina do Salesiano há tanto tempo, além de informar que o Saúde não é mais o dono da banquinha de balas:

"Caramba! eu sabia que o tiozinho do chup-chup tava la a muito tempo ,mas não sabia que era tanto tempo.O Saúde vendeu a banquinha agora ta um cara chaaaato,prefiria tio saúde.O tiozinho do chup-chup é muito doidooooo,ele fica gritando :"**BORA GALERA,BORA GALERA,QUERO IR EMBORAAA**".**ELE É MUITO LEGAL !!!**" (Ana Luiza, em 12/07/2011).

Percebemos na postagem da última usuária a acessar este fórum a relação de proximidade entre o vendedor "Saúde", o "Tio do Chup Chup" e os alunos da escola, reiterada em outras interações.

Além de serem denominados de "Tios" pelos participantes da comunidade, o que lhes dá aparentemente uma proximidade quase familiar, todos aparentam gostar do fato de que estes sujeitos conhecem os alunos pelo nome, e muitas vezes os pais dos alunos, fazendo parte da rotina da escola e da vida pessoal deles: mesmo que suas bancas fiquem na parte externa do colégio, eles aparecem dentro da comunidade, e em muitas interações chegamos a pensar que eles ficavam dentro da escola.

Percebemos que todos os comentários, de certo modo, reiteram e sancionam positivamente o primeiro tópico aberto pela usuária "Fê", construindo pela discursividade a presença e a aproximação estabelecida entre os vendedores e os alunos de maneira eufórica. Desse modo, a substituição do "Saúde" na banquinha de bala foi recebida de maneira disfórica por uma usuária: "*O saúde vendeu a banquinha agora ta um cara chaaaato, prefiria tio saúde*".

O regime de interação que se estabelece na comunidade "Salesiano de Vitória - ES" é o do ajustamento, no qual a todo momento o sentido construído é dado pela co-presença sensível. Os sujeitos são instigados a participar do fórum a partir do

disparador proposto pela usuária “Fê”, que parte de uma chamada sensível, levando os participantes da comunidade a um *fazer sentir*, por meio do contágio. Essa presença contagiosa é marcada aqui pelo sentimento, pelo saudosismo que todos sentem da presença desses dois sujeitos em suas vidas.

Um segundo fórum foi aberto com uma pergunta “Qual Cantinho do Salesiano mais marcou, e pq?”, foi postado pelo participante “Danilo”, em oito de julho de 2004, com o seguinte comentário:

“Hum... eu acho que essa pergunta vai render coisa. Mas eu não esqueço o balcão do guarda-volume da biblioteca, onde trabalhei durante toda a 7ª série. Foi lá que fiz muitas das amizades que tenho hoje, e tb foi um cantinho de paqueras, de estudos e de leitura. Eu li todos os livros da Stella Carr enquanto estava lá! Sem dúvida foi uma boa época!”



Imagem 49: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

Este tópico nos convida a fazer um passeio virtual pelos espaços físicos da escola, nesse proceder a comunidade virtual reterritorializa-o em certa fisicalidade, só possível no espaço então desterritorializado. Em alguns momentos somos capazes

de fazer plantas imaginárias do colégio, como quando nos comentários os participantes localizam os lugares físicos da escola localizada na Avenida Vitória. Um bom exemplo é o comentário seguinte, que menciona uma das quadras da escola

“Ah, cara, sem duvida nenhuma, foi aquela quadra que ficava lá no fundo, depois da cantina, que eu não lembro o nome. Foi lá que no segundo ano, eu chorei compulsivamente quando vi minha melhor amiga beijando o cara que eu mais amava. Triste né? hehehehehe Mas depois, a historia passou, ele passou e nós continuamos amigas até hoje.” (Lele em 08/07/2004).

A figurativização da quadra é construída pelas categorias da expressão “fundo” e “atrás” que estabelecem uma tipologia que nos remete a um espaço físico que não estamos vendo e vivendo, mas que é significado por meio da linguagem.

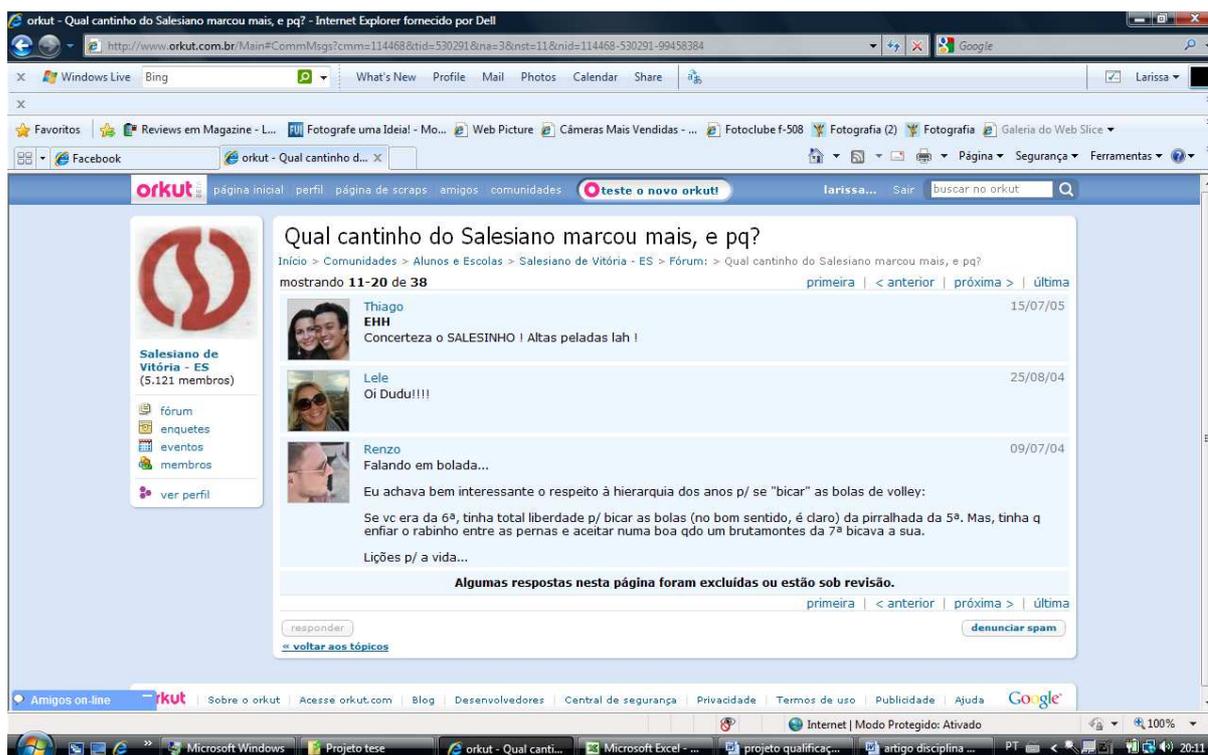


Imagem 50: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

A cada comentário temos mais localizações físicas dos espaços da escola. A todo momento os usuários retomam sua relação com o espaço escolar, sempre partindo de uma experiência sensível com o mesmo. Ao ler cada interação somos

convidados a traçar uma planta imaginária da escola que nos é dada a ver pelos ex-alunos.

A maior parte dos comentários apresenta como espaço preferido uma das quadras de esporte da escola conhecida por todos que passaram por lá como “Salesinho”. Por ser uma quadra coberta é nela onde acontecem os eventos culturais da escola, como Festa Junina, Ação de Graças, Jogos Interclasses, encerramento do ano letivo, entre outros. Esta quadra configura-se como um espaço significativo de uma prática social.

Outros destacam o espaço em frente à cantina, que denominam de “palco”. Neste espaço os alunos costumam organizar apresentações musicais durante o recreio, como descreve o participante da comunidade “Felipe Mocidade”:

“O Campo, o Palco e o Salesinho!!Hehee
Fiz muitos gols no futebol de campo e no futsal do Sale (hehe) principalmente numa final de interclasse que fiz um gol da entrada da grande area e ela foi na altura do angulo foi emocionante so que fomos vice por causa da minha expulsão nos minutos finais da partida. O palco de frente a cantina é um lugar especial tb pra mim pq foi ali que comecei há ter o primeiro contato com publico cantando o que o mais gosto SAMBA!”

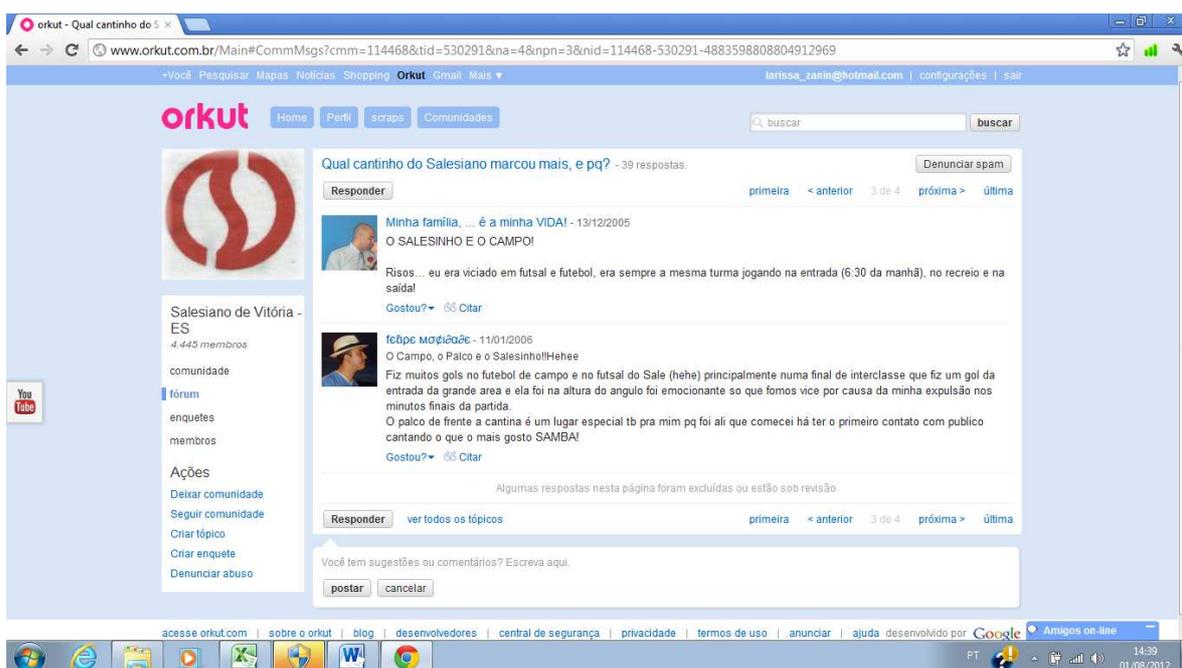


Imagem 51: Detalhe da página da comunidade “Salesiano de Vitória – ES”
Fonte: Arquivo Pessoal

Percebemos no Fórum “Qual Cantinho do Salesiano marcou mais, e pq?” a reterritorialização do espaço físico do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória por meio das interações verbais. O espaço territorializado localizado na Avenida Vitória passa inicialmente por um processo de desterritorialização ao ser transposto verbalmente nas interações do fórum. Conseqüentemente cria-se um novo território ressignificado na rede social por meio da linguagem, o que Deleuze denomina reterritorialização do colégio. É nesse processo que percebemos a primeira grande diferença de entendimento do espaço que os alunos e ex-alunos constroem sobre a escola.

Pensada para ser um espaço funcional para atender às demandas e necessidades de uma instituição de ensino cujo valor social é de *lugar do saber* e, para tanto, ali são inscritos todos os programas do *dever* e do *fazer* destinados a este fim, no contexto do território os sujeitos assumem seus papéis temáticos de alunos em busca do objeto valor em questão: o saber.

A arquitetura e ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma de construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento de seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. (DAYRELL, 1996, p. 147)

Ao serem convidados a transpor o espaço territorializado pela chamada do fórum na comunidade iniciam, os participantes então o processo de desterritorialização e reterritorialização do “Colégio Salesiano”. Nesse momento entra-se em um programa do *sentir* e sob o papel temático de ex-aluno passa-se a experimentar e (re)vivenciar o espaço a partir de uma experiência sensível e, assim, este espaço reterritorializado apresenta-se uma transformação do espaço como significante de um significado social (GREIMAS, 1976, p.118).

Sendo o espaço reterritorializado apresentado na comunidade compreendido como linguagem e manifestado na linguagem espacial (“a quadras coberta atrás da cantina”, “o palco em frente à cantina”, “a escada embaixo da biblioteca”), faz com que “os objetos que entrarão em relação com os sujeitos reconhecidos neste texto

não interessarão enquanto tais, mas somente em virtude de algumas de suas propriedades sensíveis: visuais, sonoras, térmicas, olfativas, etc.” (GREIMAS, 1976, p. 125). Desse modo, a memória e os afetos *fazem ser* estes sujeitos, uma vez que são suas histórias que os constituem como ex-alunos daquele espaço, como pertencentes àqueles territórios, e o (re)encontro e a oportunidade de vivenciar novamente os espaços daquela escola que um dia foi deles proporciona a todos que fizeram parte dela este encontro de sentir junto, por meio de uma comunidade virtual, própria do regime do ajustamento.

Por meio das comunidades virtuais os alunos dão à escola um novo espaço, um lugar no ciberespaço que nem sempre é o lugar que ela desejaria estar, mas que contém as significações que os alunos fazem dela e os sentidos por eles construídos sobre elas: “[...] se apropriam dos espaços que a rigor não lhes pertence, recriando nele novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade (DAYRELL, 1996, p. 147)”.

A Comunidade “Salesiano de Vitória - Es” nos é apresentada mesclando marcas do próprio espaço físico Colégio Salesiano como a logomarca da instituição que é utilizada como identificação no perfil da comunidade, que se localiza na Avenida Vitória, no município de Vitória, e marcas inerentes ao espaço virtual criado para a escola. Uma destas marcas é o modo de presença neste fórum, que permite que sujeitos pertencentes ou não à comunidade escolar salesiano tenham acesso à comunidade virtual.

Enquanto na escola as relações extracurriculares, ou seja, os assuntos que não compõem o currículo escolar são tratados nos corredores ou no pátio durante os intervalos, na comunidade virtual estas relações são construídas por meio do fórum. Uma das semelhanças entre esses espaços, que são tão divergentes quanto à presença física, é a temática da conversa que quase sempre pertence à esfera do sensível.

Mesmo que no espaço virtual as escolhas de como a escola será apresentada não sejam uma decisão da instituição, percebemos que os modos como se constitui na

virtualidade a “comunidade salesiana” por meio da presença e interações dos sujeitos que fazem parte dela muitas vezes reiteram os modos de presença no espaço físico do Colégio Salesiano da Avenida Vitória. Percebe-se, então, que o ciberespaço é mais um lugar de interação entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar, e mais um modo de presença da escola em suas vidas, estabelecendo desse modo novas formas de sociabilidade entre eles.

Ainda na rede “www” encontramos outro espaço virtual que apresenta o Colégio Salesiano Nossa senhora da Vitória: é página institucional da escola, organizada e atualizada pela própria instituição com um caráter predominantemente informativo. A página da escola é atualizada constantemente, trazendo informações importantes sobre a rotina da escola e divulgando os eventos que a escola participou ou organizou.



Imagem 52: Site Institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória
Fonte: Arquivo Pessoal

O Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória mantém esta página institucional oficial na internet no endereço www.salesiano.com.br, aberto para todos que tiverem interesse. A layout da página é construído em um fundo azul claro com os links de interesse e as chamadas principais centralizadas sobre este fundo. Do lado esquerdo encontram-se os links que apresentam a escola. Ao selecionar um link

abre-se um texto no centro da página, no lugar onde na página principal encontram-se as chamadas e as notícias da escola. O site é construído sob um regime de programação caracterizado pela “ação programada sobre as coisas”, ou seja, só se pode ter acesso a determinado conteúdo acessando o link destinado para tal, e para isso o site disponibiliza um link denominado “Mapa do Site”, no qual indica os passos que devem ser seguidos para atingir os objetivos desejados.

As chamadas principais ficam localizadas no topo da página e mudam constantemente. No início do ano as chamadas destacam o período de matrículas e convidam o usuário a conhecerem a proposta pedagógica da escola (conforme apresentado na página 47). Na imagem acima a chamada destaca o desempenho da escola no vestibular, dando ênfase aos percentuais de aprovação atingidos por seus alunos. Acima do quadro da chamada principal a frase “Formação por Excelência” é colocada em destaque ao lado do nome do colégio “Salesiano Vitória”. Percebe-se que o enunciador Salesiano apresenta em sua página principal um discurso de manipulação por tentação ao apresentar os percentuais de aprovação no vestibular. Os destaques para os números percentuais, a classificação no Enem, além das palavras “Salesiano” e “Superior” em negrito, levam o enunciatário a crer que aqueles que se matriculam e estudam no Salesiano estão mais próximo de alcançarem o ensino superior.

Logo abaixo está o quadro de notícias da escola, no qual são apresentados os acontecimentos de destaque dentro da rotina escolar, como a festa junina da escola e a participação dos alunos no evento institucional denominado “Salê-ONU” que, conforme apresentado no site, é um evento “baseado no Modelo Intercolegial das Nações Unidas (Mini-ONU) da PUC de Minas Gerais”, no qual os estudantes puderam vivenciar uma rotina de diplomatas, defendendo a política externa de suas representações em encontros de organizações internacionais”. Ao noticiar sua participação neste evento percebe-se a intencionalidade da escola em *querer ser vista* como uma instituição que se preocupa com uma formação crítica de seus alunos com relação à situação política atual.

A notícia sobre a festa junina da escola, a chamada “Quadrilhas do Forrosiano”, denominação que remete ao nome da instituição, destaca o evento como sendo um momento de confraternização entre escola e família, além de sua importância cultural, já que a temática da festa foi uma homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga. O texto apresentado no site destaca

A alegria das festas juninas tomou conta do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória no último sábado, dia 30 de junho. Pais, familiares, alunos e ex-alunos prestigiaram mais uma edição do Forrosiano. Para o ano letivo de 2012, as quadrilhas dos Ensinos Fundamental I, II e Médio prestaram uma homenagem ao centenário do Rei do Baião, Luiz Gonzaga. Além das quadrilhas que fizeram os convidados lotarem a arquibancada do Ginásio Salesinho, todos puderam conhecer um pouco da trajetória de um dos maiores compositores da música brasileira por meio de versos recitados pela assistente pedagógica Mírian Faria. (acesso em 22 de julho de 2012)

Apresentando o evento como um momento cultural, a instituição destaca a homenagem a Luiz Gonzaga e a participação de pais, familiares, alunos e ex-alunos. A presença de ex-alunos em um evento atual da escola dá destaque a uma característica desta instituição, que valoriza a permanência do vínculo com todos que por ela passam, uma espécie de laço fraternal que uma vez estabelecido não se rompe entre aqueles que estudaram no Salesiano. É este o modo como aparentemente a escola quer ser vista pelos usuários do site, sendo estes pais, alunos, ex-alunos, pessoas interessadas em conhecer a instituição, uma vez que estas informações são abertas a todos que acessam o site, uma instituição por onde o alunos não passam, e sim permanecem.

A cada link acessado somos convidados a conhecer um pouco das propostas da escola e também de sua história. Considerada uma instituição tradicional, o site tem um link onde destaca a história da Congregação Salesiana no Brasil e no mundo, cujas atividades iniciaram no século XIX. Apresenta também o início da trajetória com o jovem Dom Bosco, responsável pela formação dos inicialmente “salesianos”, um grupo de jovens dedicados à educação formal e religiosa. É neste link que se destaca a tradição da rede salesiana em Vitória que, conforme apresentado no site

[...] se instaura no dia 16 de dezembro de 1942 quando o Pe. Emílio Miotti funda o colégio Salesiano no Parque Moscoso, no Centro da Cidade. As primeiras aulas têm início no dia 31 de janeiro de 1943 e a primeira turma contava com setenta alunos matriculados na primeira série ginásial.O

colégio se tornava referência para a comunidade e a demanda por vagas na instituição reforçava a qualidade de ensino do Salesiano que mudou de sede para atender os estudantes que almejavam ingressar na instituição de ensino. No dia 08 de setembro de 1948 começava a construção a futura sede do colégio no bairro de Forte São João. Na época, um lugar ocupado pelo mangue. A nova sede foi inaugurada em 11 de julho de 1951, na Av. Vitória, e em dez anos de trabalho sério e dedicação o Colégio consolidava a marca Salesiano na comunidade e se tornava o maior colégio do Estado. (acesso em 20/07/2012)

Após conhecer a história da rede de ensino e do Colégio Salesiano em Vitória, o próximo link traz detalhes sobre a organização da instituição, sua proposta pedagógica para Ensino Fundamental e Ensino Médio, sua localização e processo de matrícula e um convite para agendamento de visitas. Os links seguintes destacam o vestibular e a Faculdade Salesiana.

O site também apresenta um link denominado “Galeria de Fotos”, que se subdivide em outros quatro links organizados por categorias de fotos: Eventos, Projetos Institucionais, Infraestrutura e Galerias Anteriores. Mesmo com as categorias estabelecidas, o que leva a pessoa que está acessando o site a crer que verá os registros da escola separados por temas, todos os links dão acesso às mesmas fotografias, todas elas relacionadas a eventos culturais e educativos da escola.



Imagem 53: Detalhe do site institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória

O link denominado “APS Escola” (Gestão Educacional On Line)” quebra a característica do acesso público às informações do site, nele somente pais ou responsáveis têm acesso. Pelo “APS” os pais podem acompanhar a rotina escolar de seus filhos com informações sobre avaliações, notas, faltas e ocorrências diversas. É o modo que as instituições de ensino encontraram para fazer os pais que não têm tempo de ir pessoalmente à escola participarem da vida escolar de seus filhos. Ao possibilitar aos pais o acompanhamento da vida escolar do filho por instrumento virtual, a escola está, de certo modo, legitimando este distanciamento espacial da família com relação à escola, entretanto este instrumento instaura na família uma falsa sensação de estar lá, criando assim um simulacro de participação.

O sistema “APS” funciona também como um instrumento de controle para os pais, uma vez que, por meio dele, é possível acessar informações sobre o comportamento do aluno, se ele foi advertido, se fez ou não fez a tarefa, se foi retirado de alguma aula por mau comportamento, estabelecendo assim entre a instituição e a família uma espécie de alargamento do controle feito na/pela escola para os pais ou responsáveis. Fica estabelecido assim um contrato fiduciário entre a escola e a família, modalizado por um *dever e poder fazer*, tanto da escola como dos pais. A responsabilidade da educação dos filhos passa a ser de ambos, e não somente da escola.

O último link também é um acesso privado. O “Portal Educacional” é um espaço dentro do site institucional, onde os alunos podem pesquisar e encontrar informações sobre os conteúdos estudados no momento. Sendo um espaço privado, só têm acesso pais e alunos por meio de um login e uma senha, assim como acontece com o “APS”.



Imagem 54: Link para o portal educacional
 Fonte: Arquivo Pessoal

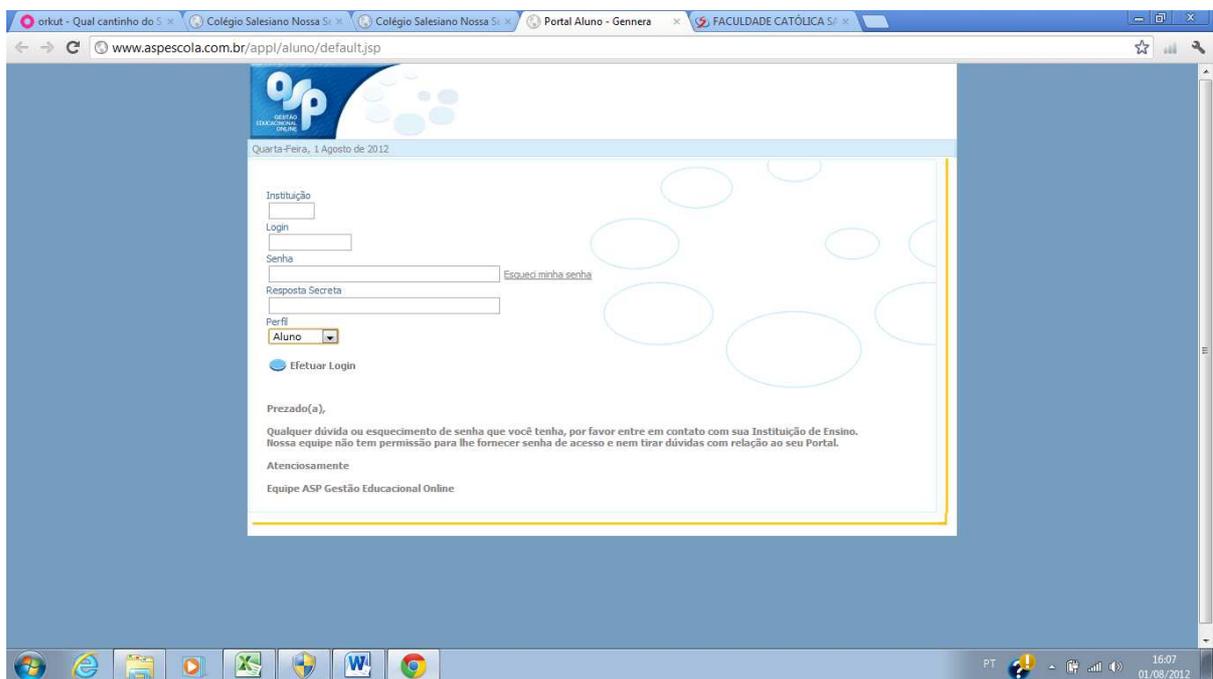


Imagem 55: Página para login do sistema APS
 Fonte: Arquivo Pessoal

O site institucional reitera em muitos aspectos o espaço físico da escola. Marcado pela ênfase no objeto valor *saber* e por um *querer ser visto* como um espaço detentor e atravessador desse *saber* da escola até ao aluno, é organizado de modo

a funcionar dentro do regime da programação com normas e regras, sejam elas da escola em seu espaço físico, sejam elas as de navegação do site.

Assim, o site constitui-se como um espaço fechado onde só é possível acessar aos conteúdos elaborados pela instituição. Por vezes aparenta ser um espaço público, quando se trata do acesso às suas competências apresentadas em seus textos explicativos a cada link, e em alguns momentos privado, quanto os acessos ao “Portal Educacional” e ao “APS” são possíveis somente por meio de *login* e senha gerados pela própria escola. Já o acesso ao espaço físico da escola é quase sempre privado, permitido somente aos integrantes da instituição. Aos demais a barreira se inicia na portaria do colégio, que autoriza ou não a entrada de pessoas que não pertencem àquela comunidade.

4.2.1 Entre território e reterritorialização

Compreendidos os dois modos de apresentação do Colégio Salesiano na internet, sendo eles a comunidade na rede social Orkut e o site institucional do colégio, interessa-nos analisar estes dois modos de apresentação traçando suas oposições, regularidades e irregularidades.

Percebemos que a comunidade “Salesiano de Vitória - ES” é um espaço público e aberto, uma vez que permite que todos o acessem e interajam, alterando-o constantemente quanto ao seu conteúdo, uma vez que o princípio de interação das comunidades é a participação e criação de fóruns, sendo estes permitidos de serem criados por qualquer um de seus membros. O único momento em que a comunidade se constitui como um espaço fechado é no ato de sua criação, onde apenas o usuário que criou pode criar suas regras e alterar suas configurações, mas após a criação todo o movimento gerado nela por seus usuários a configuram como um espaço aberto.

As comunidades permitem interação de seus participantes por meio de fóruns temáticos criados por qualquer usuário pertencente a ela. Os fóruns são criados com uma pergunta ou frase que funcionam como disparadores de discussão, em sua maioria enunciados de estado que levam o enunciatário a um *ser-ser*. No ato de criação de um fórum o enunciador manipulador lança um disparador, levando outros usuários a participarem com interações. Como não se pode prever como será a interação, podendo ser disfórica ou eufórica com relação ao proposto pelo enunciador do fórum, a comunidade se torna o espaço das irregularidades e das instabilidades, uma vez que lá é o lugar no qual o social se manifesta, e esta manifestação pode ser desde um relato de uma experiência afetiva vivida até uma crítica à própria escola, ou a alguma interação anterior.

Na comunidade os sujeitos da enunciação, ou seja, os usuários da rede social projetam um discurso que produz um efeito de saudosismo, memória, por meio de um “eu” instaurado em um tempo “então” em um espaço “lá”, já que narram uma história de si, mas de um tempo e de um espaço que não são o que vivem agora, marcando o espaço da individualidade e da personalidade, no qual cada aluno apresenta a relação pessoal que construiu com aquele espaço, como na postagem do usuário Danilo,

“Mas eu não esqueço o balcão do guarda-volume da biblioteca, onde trabalhei durante toda a 7ª série. Foi lá que fiz muitas das amizades que tenho hoje, e tb foi um cantinho de paqueras, de estudos e de leitura. Eu li todos os livros da Stella Carr enquanto estava lá! Sem dúvida foi uma boa época!”.

Ao dizer que não esquece do espaço da biblioteca onde trabalhou por um período apresenta sua relação pessoal com aquele lugar, apresentando suas experiências sensíveis como a paquera, os momentos de leitura e de socialização com os colegas, o que configura a comunidade como o espaço da experiência sensível, marcada pelo regime do ajustamento, no qual todos são convidados a interagir e apresentar suas experiências sensíveis com aquele espaço, do qual só participa quem esteve lá, quem sentiu, quem viveu aquela realidade, quem se sente ajustado, configurando a comunidade como um espaço dos ajustes das sensibilidades. Baseado na lógica do contato, na qual um sujeito busca *fazer junto* e *sentir junto*, o

sentido está na relação entre os actantes e nas transformações que neles se operam tão-somente por sua co-presença sensível (LANDOWSKI, 2009).

As subjetividades são projetadas na maior parte das interações, desde as experiências com o “Saúde” e o “Tio do Chup-Chup” até as relações com o espaço físico da escola, como espaço significante de um significado social, como apresentado pelo participante Felipe, ao falar do palco em frente à cantina: “O palco de frente a cantina é muito especial tb pra mim porque ali comecei a ter o primeiro contato com o público cantando o que mais gosto SAMBA!”. Configura-se como espaço do *ser-ser* e do *poder-fazer*, no qual a marca é a liberdade para expressar a sua experiência pessoal com a escola, sem preocupar-se com as regras e normas do território Colégio Salesiano.

Iniciado um processo de desterritorialização no ato de criação da comunidade, as interações configuram o processo de reterritorialização, no qual o espaço escolar é ressignificado pelos usuários da rede social participantes da comunidade, todos eles ex-alunos da escola, que fazem daquele espaço um espaço significante de suas experiências sensíveis com a instituição.

Nenhum dos fóruns abertos na comunidade “Salesiano de Vitória – ES” discute as qualidades inteligíveis da escola, como sua proposta pedagógica ou os conteúdos aprendidos, as marcas que ficam para os alunos e ex-alunos são as construídas por suas experiências sensíveis, configurando-a como espaço da afetividade. A noção de aprendizagem que a escola constrói para si não é a mesma construída pelo aluno. Enquanto para aquela a prioridade são os conteúdos das mais variadas disciplinas, para estes a escola é o lugar do encontro, do estabelecimento de relações pessoais, “Fica evidente que essa re-significação do espaço, levada a efeito pelos alunos, expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro” (DAYRELL, 1996, p. 147).

Já no site institucional o espaço configura-se ora como público, ora como privado, mas quanto à interação é a todo momento um espaço fechado. O espaço é público no tangente às informações que veicula sobre a instituição, sua rotina escolar, seus

pressupostos pedagógicos, sua história, mas configura-se como um espaço fechado quanto aos acessos mais intrínsecos da rotina escola, como o acesso a notas, à rotina escolar dos alunos e o acesso às informações do portal educacional, no qual os conteúdos e atividades trabalhados na escola são só permitidos àqueles que pertencem a ela, seja como aluno, seja como pai ou responsável por um aluno.

O sujeito da enunciação é uma instância semiótica, sujeito coletivo, identificado como “Salesiano”, instaurando a presença de um “nós” que representa o coletivo que compõe a instituição, que tem como papel social educar, o que configura uma marca de impessoalidade. O discurso projetado marca um tempo de “agora” e um espaço de “aqui”, apresentando informações atualizadas da rotina da escola. Um exemplo disso é: ao acessar o site institucional em janeiro a notícia principal era a chamada para rematrícula, um convite lançado pelo enunciador manipulador cujo objetivo era levar o enunciatário a crer que aquele espaço escolar era o ideal para o seu filho, em qualquer idade escolar (imagens 7, 8 e 9). O site apresenta-se por meio de um simulacro construído por meio das imagens, que veicula como a melhor escola para “seu filho”, e, para tanto, você (pai) deve matricular seu filho para proporcioná-lo a melhor educação. Configura-se então o espaço do parecer e do *dever-fazer*.

Predomina o discurso da objetividade, no qual o que importa é informar a que veio e para que veio. Assim o faz com a notícia principal do mês de julho, a chamada sobre os índices de aprovação no vestibular. Constrói-se mais uma vez o simulacro de melhor escola com a chamada em caixa alta “NO SALESIANO OS ALUNOS PASSAM DO ENSINO MÉDIO DIRETO PARA O SUPERIOR”. A chamada configura-se com três enunciados localizados em retângulos, sendo dois azuis e um magenta. No enunciado do primeiro retângulo as palavras “Salesiano” e “superior” aparecem em destaque e o retângulo aparece interligado com o enunciado abaixo, que apresenta o percentual de aprovação. Fica estabelecida então uma manipulação por tentação por parte do enunciador, ou seja, venha para esta escola que você terá aprovação no vestibular. A manipulação é reforçada quando a escola apresenta um terceiro retângulo, com cor diferenciada, com a classificação da

escola no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), destacando a classificação e colocando em fonte menor o ano da mesma, 2010.

Estabelece-se então, entre enunciador e enunciatário, um contrato de veridicção por meio dos traços presentes no discurso. Ao apresentar os valores percentuais e as palavras em negrito, que conduzem o enunciatário a associar “Salesiano” a “Superior”, o enunciador faz seu discurso parecer verdadeiro levando o enunciatário a crer nos valores postos, ou seja, que o Colégio Salesiano é uma boa escolha para quem deseja ser aprovado no vestibular.



Imagem 56: Detalhe da página do site institucional do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória
Fonte: Arquivo Pessoal

Ao enunciar suas proposições pedagógicas, agendas, eventos culturais e acesso à rotina escolar dos alunos por seus pais e responsáveis, a escola cria um simulacro do espaço físico do Colégio Salesiano, sendo o site considerando então como o território propriamente dito. Em todos os links a escola destaca suas qualidades inteligíveis e seu papel social de educador, marcados por enunciados do fazer, fazendo com que o site se caracterize como espaço das regularidades. Os valores ali postos são todos da esfera do saber, e em alguns momentos da esfera do ser e do sentir, principalmente quando a escola destaca sua relação com a família, alunos e ex-alunos.

É claro que todas as categorias e relações acima estabelecidas não são fixas. Sendo o ciberespaço um espaço estriado de práticas sociais complexas e vivenciados por sujeitos de identidade fragmentada, as relações estabelecidas são móveis, podendo ser alteradas de um dia para o outro.

A compreensão dos dois modos de apresentação da escola no ciberespaço possibilitou a estruturação do quadro abaixo que apresenta as categorias e suas

oposições, nem sempre fixas, presentes na apresentação da escola na comunidade do Orkut e no site institucional:

	NA COMUNIDADE	SITE INSTITUCIONAL
Quanto à mobilidade	Móvel	Fixo
Pessoa/espço/tempo	Eu/ alhures/ então	Nós/ aqui/ agora
Acesso	Público	Público / Privado
Espço	Reterritorialização	Terrítório
Quanto às experiências dos sujeitos	Sensível	Inteligível
Quanto aos regimes	Ajustamento e programação	Manipulação e programação
Quanto à presença dos sujeitos	Pessoalidade	Impessoalidade
Estado dos sujeitos	Subjetividade	Objetividade
Quanto às programações	Irregularidades	Regularidades
Quanto às Modalizações do ser	Ser ser / fazer ser / poder fazer	Dever fazer

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar como hipótese que os álbuns do Orkut são portadores de significações e que estas se constituem a partir das articulações que apresentam, sincretizadas nas linguagens que o formam, a pesquisa nos guiou por caminhos e percursos metodológicos variados, nos desafiando a estabelecer diálogos entre referenciais teóricos até então pouco relacionados.

A realização de uma busca por pesquisas no banco de dissertações e teses da Capes foi de suma importância para que pudéssemos estabelecer as teorias fundamentadoras e norteadoras de nossa pesquisa. Tendo como ponto de partida a teoria semiótica a partir das reflexões teóricas de Algirdas Greimas e Eric Landowski, pudemos tecer o percurso analítico que nos ajudou a compreender as significações presentes nas práticas sociais destes adolescentes.

Para identificar as significações presentes nesse tipo de prática social e reconhecer os modos como estas fotografias constituem parte do processo de construção de identidade e alteridade dos adolescentes, recorreremos também aos estudos de Start Hall e Zygmunt Bauman, que nos possibilitaram compreender melhor o sujeito pós-moderno, cuja identidade híbrida e fragmentada o permite não ser o mesmo “eu” a todo momento.

Compreender a dinâmica do ciberespaço só foi possível a partir das reflexões de Eugênio Trivinho e André Lemos que, a partir de seus estudos, nos apresentaram as discussões sobre territorialidades de Deleuze e Guatarri, fundamentais para a compreensão dos modos de apresentação da escola nas redes sociais. Pensar a ressignificação do território escolar também nos foi possível com os estudos de Juarez Dayrell, entretanto, o grande desafio foi estabelecer diálogo entre Greimas e suas reflexões sobre o espaço e os processos de reterritorialização de Deleuze, o que se tornou processo das análises das apresentações da escola na comunidade e no site institucional.

Com a conceituação teórica sistematizada estávamos prontos para adentrar os muros da escola e conhecer os participantes de nossa pesquisa. A escolha por uma escola privada se deu por acreditarmos que lá estavam os sujeitos com maior possibilidade de acesso às novas tecnologias e à internet. Encontrar o grupo focal dentre uma gama de alunos só foi possível com o uso do método quantitativo dos questionários, cujos resultados nos conduziram a uma turma de 8º ano do ensino fundamental.

Propor a discussão sobre redes sociais para os adolescentes foi a tarefa mais fácil. Eles estavam dispostos a falar sobre aquele assunto, ávidos por um espaço na escola para isto, visto que a escola havia passado recentemente por um “problema” oriundo do ciberespaço, devido à criação de um blog que difamava os professores e a organização do espaço escolar. As alunas que criaram o blog haviam sido penalizadas e existia uma “sede” de falar sobre isso.

Entretanto, havia uma desconfiança sobre esta possibilidade de falar sobre o proibido, inicialmente alguns chegaram a pensar que eu era uma espécie de “espiã” da escola que estava lá para descobrir mais coisas sobre o tal blog, e até mesmo mais culpados. Com muita conversa foi possível estabelecer uma relação de confiança com os adolescentes, e com as rodas de conversa pudemos reconhecer um pouco da importância que a rede social tem na vida deles.

Estar na rede é uma necessidade, quase que uma ditadura da inclusão para estes adolescentes, ou seja, para estar no grupo é fundamental estar na rede social. Mas a recíproca nem sempre é verdadeira. Nem sempre estar na rede social inclui o adolescente no grupo, e percebemos isso durante nossa imersão na escola. Quantos relacionamentos de “amizade” são estabelecidos na rede e que não acontecem fora dela?

A importância de ter um álbum na rede social, o qual é critério de aceitação ou não de uma solicitação de amizade; a necessidade de demonstrações de aceitação e de afeto por meio dos depoimentos deixados pelos amigos da rede, uma “prova” de popularidade; as fotografias que reconhecem como sendo do seu grupo e como sendo do Outro, estabelecem então os processos de constituição de identidade e alteridade do grupo.

Ao adentrar os álbuns do Orkut pudemos reconhecer três categorias de modos de apresentação de si: *querer ser visto, não querer não ser visto, fazer ser – fazer saber*, traçadas a partir das reflexões de Eric Landowski sobre os regimes de visibilidade. Cada categoria agrupava retratos que reiteravam os modos de apresentação dos adolescentes pela organização figurativa e plástica. Interessava também não analisar os retratos fora de seu contexto, a página do Orkut. Desse modo, buscamos as significações presentes nas páginas dos álbuns como um todo, considerando desde as fotografias até as interações verbais presentes.

No modo de apresentação do tipo *querer ser visto* agrupamos os autorretratos feitos pelos adolescentes. Pudemos perceber que a prática social de se fotografar e veicular o retrato feito na rede social é parte do processo de constituição de

identidade deste adolescente que, ao apresentar-se, busca o reconhecimento do grupo sobre o modo como deseja ser visto, e ao ser reconhecido passar a integrar o grupo. Percebemos também que esta é uma prática predominantemente feminina, cujos interesses parecem estar mais voltados para o reconhecimento do grupo do que os meninos que, desde os questionários, já apresentavam maior interesse por jogos virtuais do que por fotografias, tanto que as rodas de conversa foram, em quase todo o tempo, conduzidas pelo diálogo estabelecido com as meninas.

No modo de apresentação *não querer não ser visto* agrupamos os retratos feitos dentro do ambiente escolar sem a permissão da escola. Nestes retratos destacam-se o desejo da transgressão das regras impostas pela escola e da ressignificação dos espaços escolares. O banheiro é reterritorializado como o local para se fotografar com segurança, uma possibilidade de não ser visto no ato de fotografar e, assim que a fotografia é feita, surge o desejo de publicizá-la na rede social, divulgando assim a quebra da regra imposta pela escola.

Já o *Fazer ser - Fazer saber* reúne os retratos feitos em situações de encontros fora da escola, nos quais os adolescentes tornam públicas suas práticas sociais fora do papel temático de aluno. Os álbuns apresentam também os modos como eles articulam nessas ações suas vivências significantes e como nas interações o sentido sincrético articulado da dimensão do sensível se faz presente e dá identidade a esse grupo. Apresentam-se como lugares comuns de vivência do grupo lanchonetes e shoppings, traçando o perfil identitário de suas práticas sociais. Fazem parte do grupo que consome determinados produtos e frequenta estes locais.

Assim, fica respondida a questão inicial proposta por este estudo: os álbuns virtuais são portadores de significações e constituem-se como parte integrante do processo de constituição da identidade e alteridade dos adolescentes, que fazem da prática social vivenciada nas redes sociais uma extensão das práticas vividas na escola e fora dela, por meio das fotografias que veiculam, dos discursos verbais presentes nas interações e das escolhas que fazem ao configurar sua página na rede social, como os planos de fundo, que reiteram os valores do grupo. A fotografia promove então a integração do grupo, que se reconhece e se atualiza por meio dos retratos

postados, marcando seus traços de identificação entre si e de diferenciação em relação aos Outros.

Quando iniciamos nossa inserção no Orkut, percebemos que a escola também estava apresentada lá, não somente nos retratos postados, mas também por meio das chamadas “comunidades”. Encontramos, entre as comunidades das quais os adolescentes de nosso grupo focal faziam parte, a comunidade “Salesiano de Vitória – ES”, composta por alunos e ex-alunos do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória. Com o interesse de compreender como a escola é apresentada pelos alunos na rede social optamos por analisar esta comunidade, que representava virtualmente o Colégio. Como a interação nas comunidades se dá pela participação nos fóruns, optamos por analisar os fóruns que tivessem interações feitas recentemente.

Analisamos as interações feitas pelos membros da comunidade em dois fóruns “O tio do Chup chup e o Saúde da banquinha de bala” e “Qual cantinho da Salesiano marcou mais, e pq?” e percebemos que para os alunos a lembrança que fica da vida escolar é da esfera do sensível, são as relações afetivas estabelecidas com aquele espaço e com os que pertencem ou pertenceram ao ele. Esta compreensão nos conduziu à necessidade de entender o outro lado, ou seja, como a escola se apresenta enquanto instituição em seu site.

Pudemos perceber então uma série de oposições presentes entre os dois modos de apresentação da escola, e, em algumas situações, reiteraões tanto no site quanto na comunidade. Enquanto a escola se organiza estruturalmente para ter uma funcionalidade que priorize um bom rendimento e possibilite uma boa formação, para o aluno a escola é o lugar do encontro, do estabelecimento de relações, espaço das sensibilidades.

Assim, a escola, como território fixo marcado historicamente por regularidades programáticas que vão desde a definição dos tempos e espaços até a sua proposta pedagógica, vem sofrendo nos últimos anos grandes abalos em suas estruturas aparentemente inatingíveis. Por mais alto que se ergam os muros existe um suposto

“inimigo” capaz de ultrapassar quaisquer barreiras físicas e desestruturá-la, o ciberespaço. Sem saber como lidar com a dinâmica desse terreno pouco conhecido, nada mais seguro do que se proteger, e para isso aumentam-se as regras e as penalizações. Mas de nada adianta fugir, ele é veloz e perspicaz, está cada dia mais presente, e não existem grades, muros ou cercas capazes de detê-lo. O melhor caminho é se aproximar, vivenciar, compreender para poder usufruir de suas potencialidades.

6. REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

BARROS, Diana de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Os sentidos da Gestualidade: transposição e representação gestual. In: **Cadernos de semiótica aplicada**. São Paulo, Unesp, Vol. 8, n. 2, dezembro de 2010. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>. (Acesso em: 03 de abril de 2012).

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

CANCLINI, Nestór García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CARVALHO, Janaína O. **As interações no Orkut: um espaço para a produção de subjetividade de adolescentes?**. 01/03/2009. 128p. Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora – Educação.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

DAYTELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 23. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **Universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker, 2002.

_____. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.

GREIMAS, A. J.; KRISTEVA, J. (et al.). **Práticas e linguagens Gestuais**. Lisboa: Veja, 1979.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- GRÜN, Mario; COSTA, Marisa V. A aventura de retomar a conversação – hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, Marisa C. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **A sociedade Refletida: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Educ; Pontes, 1992.
- _____. Aquém ou Além das estratégias, a presença contagiosa. In: **Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- _____. Flagrantes delitos e retratos. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**; Programa Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. N. 8 (2004). São Paulo : EDUC, 2004.
- _____. O olhar comprometido. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**; Programa Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. N. 2 (2001). São Paulo: Educ, 2004.
- _____. **Interacciones Arriesgadas**. Peru: Universidad de Lima, 2009.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LEMOS, André. Aspectos da cibercultura – vida social nas redes telemáticas. In: **Crítica das Práticas Midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker, 2002.
- _____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis**. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/território.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2012.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Máquina e Imaginário**. São Paulo: Edusp, 1996.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Ana Claudia (Org). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hackers, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia; TEIXEIRA, Lucia. **Linguagens na Comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric. **Do Inteligível ao Sensível: Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo: Educ, 1995.

REBOUÇAS, Moema M. **O discurso modernista na pintura**. Lorena, SP: CCTA, 2003.

_____. Contratos na Pintura: O caso Volpi. In: **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**; Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. N. 2 (2001). São Paulo : EDUC, 2001.

ROSSONI, Rodrigo. **Fotografia e Construção de identidade de crianças do MST: o sentido vivido a partir de uma prática educativa**. 01/12/2004. 157p. Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo – Educação.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais: a cognição conectiva no twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Lauer A. N. **Regimes de Visibilidade e Construção de Simulacros: O auto-retrato contemporâneo**. 01/06/2003. 227p. Doutorado. Puc – SP – Comunicação e Semiótica.

SILVA, Claudia R. **Imagem e Identidade no ciberespaço: a significação social dos perfis do Orkut**. 01/10/2008. 178p. Mestrado. Puc – SP – Comunicação e Semiótica.

SILVA, Rogeria E. **Imagens de narcisos nas prateleiras do Orkut**. 01/04/2009. 137p. Mestrado. Universidade Federal de Goiás – Cultura Visual.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007

_____. **O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, solicito à Direção do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória autorização para a realização da pesquisa *Regimes de Visibilidade na fotografia adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut, a partir de duas categorias de apresentação, os retratos como significantes de identidades/alteridade; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns e nas comunidades da rede social, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais e das comunidades do ORKUT. Solicitaremos às famílias consentimento para participação dos adolescentes na pesquisa com esclarecimentos sobre o tratamento ético dos dados. Ao término da pesquisa os resultados serão disponibilizados aos interessados durante e após a confecção do relatório final que será apresentado na tese com possibilidade de publicação.

Rosângela Frizzera Meira

Rosângela Frizzera Meira

CPF nº 653.835.757-15

RG nº 416.236 SSP?ES

Diretora do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória

Vitória, 02 de agosto de 2011.

APÊNDICE B

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Leticia Rego Dias, responsável pelo(a) aluno(a) Larissa Oliva Rosa, do ~~8º~~ ^{fundamental} ano do ensino ~~fundamental~~, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Leticia Rego Dias RG 1.154.255/ES

Vitória, 15 de setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, E. Elaine Espedim Maynard responsável pelo(a) aluno(a) Gabriel Espedim Maynard, do 8º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: E. Elaine Espedim Maynard RG 1366936 SSPES

Vitória, 16 de Setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Beatriz Monteiro da Silva, responsável pelo(a) aluno(a) Rafaela Monteiro Bracim, de 8º ano do ensino Fundamental, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Beatriz Monteiro da Silva RG 1.201.844-05
Vitória, 16 de Setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Marelene Favaceto da Costa, responsável pelo(a) aluno(a) Mariah Gomes de Porto Braga, da 8º ano do ensino médio, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno ^{Vespertino} matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Marelene Favaceto RG 778440

Vitória, 16 de setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Teriela Peronha de Almeida, responsável pelo(a) aluno(a) Angela Peronha de Almeida, da ~~1º~~ 8º ano do ensino médio, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno ~~matutino~~ ano do ensino fundamental matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Teriela Peronha de Almeida RG 643887

Vitória, 16 de Setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Marcilene Aues dos Santos, responsável pelo(a) aluno(a) Gabriela Aues Campos, da 8º ano do ensino ~~fundamental~~ fundamental do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Marcilene Aues Santos RG 2087951
Vitória, 15 de 09 de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Maria Cláudia Chagas da Silva Sauro, responsável pelo(a) aluno(a) Ana Letícia Zanon Chagas Rodrigues, do 8º ano do ensino ~~fundamental~~ fundamental ~~meio~~, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: _____

RG _____

Vitória, 16 de setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Laura Araújo Araújo, responsável pelo(a) aluno(a) Marília Araújo Araújo Rocco, do ^{8º} ano do ensino ~~meio~~ ^{fundamental}, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: [Assinatura] RG 1466599

Vitória, 15 de Setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Eduarda Borges Ribatto, responsável pelo(a) aluno(a) Sandra Ribatto Coelho, da 8º ano do ensino ^{fundamental} ~~medio~~, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Eduarda Ribatto RG 589.403

Vitória, 15 de Setembro de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Daniela F. A. Donatelli, responsável pelo(a) aluno(a) João Pedro A. Donatelli, do 8º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno ^{Vesp.}matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: D. Donatelli RG 6347481ES

Vitória, 15 de set. de 2011

CARTA ENVIADA AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Em cumprimento ao protocolo de pesquisa, apresenta-se aos pais/responsáveis dos adolescentes /sujeitos das turmas dos 8º anos A e B, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, o projeto de pesquisa *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin, como recomendação para a conclusão do Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O objetivo da pesquisa é compreender os sentidos presentes nas fotografias de adolescentes nos álbuns do Orkut; os modos de apresentação da vida escolar nesses álbuns, ou seja, como a escola é apresentada pelos adolescentes nesses álbuns, e como estas apresentações interferem no cotidiano escolar. Como instrumentos de pesquisa, serão utilizados questionários, rodas de conversa dentro do ambiente escolar e análise dos álbuns virtuais do ORKUT. Serão utilizadas apenas as imagens publicadas nos álbuns virtuais da rede social ORKUT, sem comprometimento da ação educativa, preservando, sobretudo, a integridade do grupo. Os dados/resultados da pesquisa serão apresentados na tese e poderão ser utilizados em livros e/ou artigos. Por isso, solicitamos sua autorização por meio da assinatura deste consentimento:

Eu, Maísa Mendes de Jesus, responsável pelo(a) aluno(a) Dorivaldo Mendes de Jesus, do 8º ano do ensino ^{fundamental} ~~primário~~, do Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória do turno matutino, autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado *Regimes de Visibilidade na Fotografia Adolescente*, de autoria da doutoranda Larissa Fabricio Zanin (PPGE/UFES), concordando com os procedimentos acima apresentados.

Assinatura: Maísa M. Jesus RG 917767/ES
Vitória, 16 de Setembro de 2011

APÊNDICE C

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DO ALUNO

1. Identificação

a) Sexo

masculino feminino

b) Idade:

12 – 13 anos 14 anos 15 anos mais de 15 anos

2. Tem acesso à internet? Onde?

Sim Não

Em casa Trabalho Lan House Celular

3. Acessa a Internet quantas vezes na semana?

diariamente Mais de 3 vezes por semana Finais de semana

menos de 3 vezes por semana Outro: _____

5. O que busca na Internet?

Pesquisa de atividade escolar Ler e enviar e-mails

acesso à redes sociais

baixar músicas ou filmens Outros : _____

6. Faz parte de alguma rede social?

sim não

7. Qual?

ORKUT Facebook Twiter Formspring.me

8. Acessa a rede social quantas vezes na semana?

diariamente Mais de 3 vezes por semana Finais de semana

menos de 3 vezes por semana Outro: _____

9. Seus pais monitoram o seu acesso a internet?

() Sim () Não

10. Seus pais tem acesso a sua página na rede social (tem a senha ou monitoram a página social como usuários) ?

() Sim () Não

11. Tem algum professor como amigo na rede social?

() Não

() Sim

12. Alguma vez ouviu notícia ou presenciou um episódio ocorrido em alguma rede social que tenha gerado algum problema na escola?

() Não

() Sim Descreva:
